

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: Rua e Escola: O Hip Hop como movimento porta voz dos sem vez.

Autora: Cristina Maria Campos
Orientadora: Profa. Dra. Corinta Maria Grisolia Geraldi

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Cristina Maria Campos e aprovada pela Comissão Julgadora.

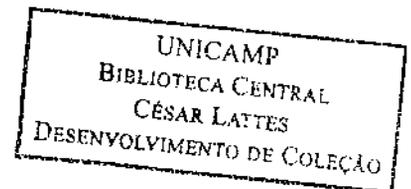
Data: 27.02.2007

Assinatura:.....

Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:

2007



© by Cristina Maria Campos, 2007.

CIDADE BC
CHAMADA: _____
T/UNICAMP
EX. _____
CMBD BCCL 74431
CC 16.45-07
D X
EÇO 100
TA 03/10/07
-ID 419196

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

C157r Campos, Cristina Maria.
Rua e escola: o Hip Hop como movimento porta-voz dos sem vez / Cristina Maria Campos. -- Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador : Corinta Maria Grisolia Geraldi.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

I. Hip-hop (Cultura popular jovem). 2. Cultura. 3. Juventude. 4. Rap (Música). 5. Educação. I. Geraldi, Corinta Maria Grisolia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

07-012/BFE

Título em inglês: Street and school: the Hip Hop as movement spokes person of the without time.

Keywords: Hip-hop; Culture; Youth; Rap; Education.

Área de concentração: Ensino, Avaliação e Formação de Professores

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profa. Dra. Corinta Maria Grisolia Geraldi (Orientadora)
Profa. Dra. Regina Leite Garcia
Profa. Dra. Guilherme do Val Toledo Prado
Profa. Dra. Adriana Varani

Data da defesa: 27/02/2007

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : cristina.crishop@gmail.com

03/10/07

Dedico a memória de:

Antonio de Paula Campos e Terezinha Edith Silvério Campos, meus pais. Por tudo que me ensinaram e vivenciaram comigo, amor, amizade, carinho, dedicação e compreensão.

Marisa Campos Marques minha irmã amiga e companheira e também por ser a primeira a me mostrar uma outra escola. Contou-me uma vez sobre Summerhill.

E também á: Lázaro, José Pedro, Vilma, Aluisio, Elisabete, Marcos, Antonio Marcelo por dividirem comigo a mesma cidade, a mesma escola e a Virada uma rua única, Eduardo, Eleida, Carlos Renato por dividirem outra cidade, outras ruas e outras escolas e todos a mesma família. Portanto autores e co-autores dessa dissertação

Aos sobrinhos que na sua infância e adolescência continuam me mostrando a beleza dessas duas fases da vida: Alexandre, Sheila, Rebeca, Samantha, Roberto, Fábio, Gabriel, Lucas, Marisa, Wendell e Bárbara.

A Cleusa, Maria Gorete, Maria Brás, Paula, Ester, Adelino, Reinaldo. Cunhadas e cunhados que por escolha tornaram-se meus irmãos e minhas irmãs.

A Margarida Egidia e Elizabeth Rossin amigas que o tempo transformou em irmãs.

Aos ancestrais Cassange da minha mãe, aos Campos do meu pai que formaram a Família Campos.

AGRADECIMENTOS

A amiga e orientadora Corinta Maria Grisolia Geraldi pela sensibilidade em acolher e ouvir a Voz dos sem Voz e aceitar o desafio de estudar a importância da cultura de rua na escola, acreditando e apoiando o meu trabalho.

Mabel Servidone pelo incentivo apoio e amizade sempre presentes.

A Adriana Varani pela amizade, carinho e ajuda durante todo o processo de escrita e formatação do texto. Tornando mais leve a caminhada.

Aos professores Guilherme do Val Toledo Prado e Wanderley Geraldi pela valiosa contribuição em todos os momentos deste trabalho.

As professoras Maria Inês Petrucci e Regina Leite Garcia, pela participação na Banca de Defesa.

A Aninha, Laura, Carla, Claudia, Glória, Inês, Roseli, Marcemino e José Paulo amigos de grupo de pesquisa que, com suas falas oficiais e extra oficiais, contribuíram para que esse trabalho chegasse ao final.

Aos amigos e pesquisadores do GEPEC.

As pessoas queridas da ED 419 que, com suas dúvidas lançadas a cada encontro e nas “Notas de Rodapé”, colaboraram para que eu fosse respondendo muitas das dúvidas que também trazia para o grupo em relação ao meu processo de formação.

A professora Ana Lúcia Goulart de Faria pela escuta no momento mais difícil deste trabalho.

A Nadyr, Cleonice e a todo pessoal da Pós-Graduação pela atenção e ajuda recebida em todos os momentos em que lá estive.

A Jocinara de Oliveira pela tradução do resumo.

As amigas Célia da Silva , Rosicler Velasquez, Eliane, Adriana, aos amigos Marco Antonio, Paulo César e Luciano e a todos os arte-educadores que, durante quatro anos, dividiram comigo as ações e projetos do Programa “A Escola é Nossa” na luta pela construção de uma escola acolhedora.

Aos amigos: José Antonio, Jane Vignao, Joseane Búfalo, Paulo Búfalo, Rosana Ceccon, Cláudio Borges e Simone Marconatto que dividiram comigo as dores e as delicias da Pós Graduação.

A Elizabeth Rossin amiga e irmã de coração pela amizade e por tudo que ensinou.

A Lise Roy pelo seu apoio e sua amizade.

A Eleida Regina Campos e Carlos Renato Campos pelas contribuições em todos momentos desse trabalho.

Aos professores, funcionários e diretora da EMEF “Francisco Ponzio Sobrinho”.

Principalmente a Diretora Alba Luiza Scinocca pelo apoio dado durante o período da escrita dessa dissertação e as professoras Jaqueline Meira e Rosicler Cristina Velasquez pela interlocução.

A todos alunos e alunas que nesses dezesseis de trabalho anos me mostraram que essa pesquisa seria possível.

"Há algo nos seres humanos que não se encontra nas máquinas, surgido há milhões de anos no processo evolutivo quando emergiram os mamíferos, dentro de cuja espécie nos inscrevemos: o sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se de afetar e sentir-se afetado".

Leonardo Boff

Rap: A Realidade te Chama

Rapper: Renato Afro

CD: Duro Aprendizado

Segunda-feira, puta ressaca!

7:00 horas da manhã e o que refresca é água gelada
é água gelada!

A cabeça rachada, o corpo mal funciona

O sono é violento, a realidade te chama.

Chegamos de viagem, de mais um fim de semana.

Onde tudo era felicidade, as crianças.

Agora viramos passageiros da agonia

Esperando a porra do buzão que não pia.

O busão é a cara quebrada

Todo sujo de barro, de vez em quando com uns furo de bala.

Nem precisa eu cita que ele vem lotado,

Bairro pobre é assim.

O povo é enlatado.

Entramos na burra eu vou lá pro fundo.

Todo dia, toda segunda ali fica uns malucos.

Falando das paradas da sexta, sábado e domingo,

Ou curtindo um walk-man.

De boca aberta "durmindó"

Um fala que fico fumando maconha

a noite inteira, outro que fico

3 dias trincando na cerveja.

Outro que comeu uma mina da hora

que o baguio foi bem loco

e nela ta pensando até agora.

Mais teve um cara que falo

De uma barato esquisito

Que aconteceu na pista

Putá baguio sinistro

O dono da lanchonete

Que a gente ia de vez em quando

Não sabe se mataram ou acabou se matando.

Só se sabe que estava deitado

Na mesa de snooker com um oitão na mão.

Tinha sangue e miolo espalhado pelo chão.
O cara era viciado em cocaína
Tava desesperado, cheio de dívida.
Bem! Pra todo mundo o fim de semana não foi
Não teve festa, nem descanso
Não teve boi.
E na cidade de Campinas mais uma semana começa
Segunda-feira puta ressaca.

Segunda-feira, puta ressaca!
7:00 horas da manhã e o que refresca é água gelada
é água gelada!

Depois de mais uma hora
Chegamos no centro
Pode crê, agora é que o veneno
Preguiça, desilusão, vontade de volta
Pra casa, bodia o dia inteiro
E não querer saber de nada.
Que se foda o patrão.
Enquanto eu ganho cem
Ele ganha um milhão.
Desde que já foi pobre e se fudeu
E o pão que o diabo amassou já comeu.
É claro que é mentira.
Não enriqueceu honestamente
Sonegou imposto, deu balão.
Em muita gente.
Vive chorando, dizendo que ta quebrado.
E a única saída é corta funcionário.
Então ele manda uma pá de cara embora.
Dias depois chega de Mercedes nova.
Viajou pro Japão, Miami e Itália,
comprou um monte de ouro pra sua vaca.
No dia do pagamento teve assalto
7 maluco encapuzado dando esquadro, escopeta, metralhadora e PT.
Sorte que foi antes de todo mundo recebe.
Ai o filho da puta começou a suspeita,

Falo pra todo mundo copera senão não paga.
Chamo os gambé que chegaram dizendo.
Que tinha pião enrolado no meio.
Vieram logo entrando numa
com os preto, se é da favela é suspeito.
Assim funciona nosso sistema trabalhador.
Escravista, corrupto e racista.
Segunda-feira na cadeia
dia de ninguém
e com certeza aqui fora também.
Mas que nada, segunda-feira puta ressaca.

Segunda-feira, puta ressaca!
7:00 horas da manhã e o que refresca é água gelada
é água gelada!

Só depois do meio dia,
Vários caras acordaram aqui na vila
Desempregados, dessarumados, derrubados,
Atrapalhados, bloqueados, noiados.
O calendário é indiferente pra muitos deles,
De segunda a segunda.

Rotina animal, racional, deprimente sob o efeito do entorpecente, toma-se atitudes
pouco inteligentes.

F nos bot, F nas biqueiras.
Quentaro o carro do boy na pista,
Vem o helicóptero a Blaser e Ipanema.
Os bicho vem, acaba de piora a situação
Espanca, mata e roba bem nos disbarão.
O crime não compensa, diz o velho ditado.
Mais trampo no Brasil é complicado.
O esatdo não gera emprego, mas financia uma ajuda.
Te manda um arsenal pesado, contrabando e cocaína impura.
Figurões da lei, do meio político empresarial
E pra prende esses mala, precisa de CPI
Feita exatamente pra não prender e fica nisso ai.
Quem não for branco rico, tiver empresa e nem mandato,
sem necessidade dela é preso ou fuzilado.

Pros magnata acaba em pizza, calabresa e mussarela.

Um negro ou pobre prova o sabor da massa

Cefálica espalhada na vila.

Ninguém sabe se é capitalismo, neo liberalismo

Essa merda parece mais um filhadaputismo.

Coisa do demônio, um grande desprazer

Feita pra fude vocês.

Que não acredita, que não vê que tudo isso

É ruim demais pra ser mentira

O bicho pega e ninguém vê nada.

Segunda-feira puta ressaca.

Segunda-feira, puta ressaca!

7:00 horas da manhã e o que refresca é água gelada

é água gelada!

Resumo: O tema da presente pesquisa é a influência da cultura de rua no cotidiano escolar, estudada através de fragmentos narrativos de uma professora de escola pública que focalizam as fronteiras/limites da rua e da escola na ótica da juventude de periferia da cidade de Campinas, tomando como eixo para sua visada o movimento *Hip Hop* e a cultura produzida no entorno da escola: sua arte e valores, buscando partilhar experiência de ressignificação e inclusão no espaço escolar para a juventude que não se sente reconhecida nesse espaço. Utilizando a investigação narrativa, seu processo de escritura resgata a história de formação da própria professora-pesquisadora, inúmeros fragmentos da história do movimento Hip Hop em Campinas e a literatura produzida no nível local, buscando algumas inserções destas no movimento internacional. O foco da investigação é o registro dos grupos existentes, das letras de raps que circulam e ‘fazem a cabeça’ de parte da juventude de periferia de Campinas. Utilizam-se como instrumentos de pesquisa entrevistas informais, gravações das músicas, registros de letras e encontros informais com *rappers*. Com esse processo de ‘resgate/engate’, expõe outros lados e versões, via de regra silenciados na cultura oficial e nos registros homogêneos da escola institucionalizada, e questiona a escola e suas formas de atuação e as políticas oficiais, propondo possíveis canais de diálogos entre os universos da rua e da escola, diálogos sempre inconclusos, sem soluções mágicas numa sociedade de exclusões. A presente dissertação foi desenvolvida na área Ensino, Avaliação e Formação de Professores, junto ao GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada), da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Palavras Chaves: Hip Hop, Inclusão Escolar, Juventude, Educação Continuada, Escola e Rap

The theme of this present research is the influence of the street culture on the school daily routine through narrative fragments from a public school teacher that focus on the frontiers/limits of the street and the school through the youth vision from the outskirts of Campinas, which has the Hip Hop movement and the culture produced around school as the main part of their vision: its art and values, searching a way of sharing experience of meaning and inclusion in the school space to the young people who does not feel recognized in that space. Through the narrative investigation, its writing process gets back the historic formation of the own teacher researcher, many fragments of the Hip Hop movement history in Campinas and the produced literature in the local level, searching for some insertions in the international movement. The focus of this investigation is the register of the existent groups, the Raps lyrics that are available and call part of the young people attention from the outskirts of Campinas. Research instruments as informal interviews, song recordings, registers of lyrics and informal meetings with rappers were used. With this getting back process, shows other sides and concerns, by the way remained silent in the official culture and homogeneous registers from the instituted school, and it calls into question the school and its ways of working and the official politics, proposing possible dialogue channels among the street and school universe, dialogues always unfinished, without magic solutions in a society of exclusions. The present dissertation was developed on the Teaching, Evaluation and formation area of teachers, together with GEPEC (Studying and researching group in Continued Education), of the Unicamp Education University.

Key words: Hip hop, School inclusion, youth, Continued Education, school and Rap.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
A QUINTA GERAÇÃO CASSANGE.....	11
<i>A Escola na Rima da Rua</i>	<i>13</i>
<i>A Rua sem a Rima da Escola</i>	<i>15</i>
<i>A Escola e a Rua na Rima da Vida.....</i>	<i>18</i>
<i>A Vida na Busca da Rima entre Rua e Escola</i>	<i>25</i>
<i>A Rua, a Rima e a Escola na Universidade.....</i>	<i>44</i>
BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO HIP HOP	51
<i>Os Elementos do Hip Hop.....</i>	<i>54</i>
<i>O Movimento Rimando Campinas Habitat dos Bons e dos Maus.....</i>	<i>62</i>
“1993 A JUVENTUDE NEGRA AGORA TEM VOZ ATIVA...”	65
<i>Tchau Professora.....</i>	<i>74</i>
<i>Rima? Presente Professora</i>	<i>76</i>
<i>Cultura Juvenil.....</i>	<i>79</i>
<i>A Cultura de Rua.....</i>	<i>83</i>
PROGRAMA A ESCOLA É NOSSA: A EDUCAÇÃO PELA ARTE NA ESCOLA	85
<i>Programa A Escola é Nossa.....</i>	<i>88</i>
<i>Férias Jovens</i>	<i>110</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
<i>A Cultura da Rua na Escola</i>	<i>117</i>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
INVENTÁRIO DE DOCUMENTOS.....	129

INTRODUÇÃO

Minha proposta de estudos a partir de minha história como mulher, negra e professora de História interessada na cultura juvenil, é sobre a influência da Cultura de Rua no dia a dia dos alunos da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Pretendo analisar e discutir novas formas de relacionamento e de aprendizagem, através da leitura deste cotidiano, pondo em foco os saberes do entorno da escola, produzidos por estes jovens, sua arte, cultura e valores, como forma de inclusão e ressignificação do espaço escolar para a juventude que não se sente reconhecida neste espaço. Pretendo mostrar ainda que através do Hip Hop, a juventude faz sua leitura e ao mesmo tempo dialoga com o mundo, diálogo este nem sempre bem vindo ou inteligível para a escola.

A pesquisa parte de minha experiência, única e irrepetível, como professora de História, em 1995, em uma escola estadual da periferia de Campinas. Como afirma Larrosa “a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira irrepetível”. (2004, p.103)

É experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação.
(Ibidem, p. 126)

Foi através dessa experiência formadora e transformadora que pude compreender que o movimento Hip Hop é muito mais que música, dança ou arte para a juventude. Foi o movimento Hip Hop que permitiu a reorganização da resistência da juventude negra e periférica frente ao descaso da sociedade e governo às suas reais necessidades, lutando por melhorias nas políticas públicas para adolescentes na escola e fora dela.

À vontade de estudar o movimento Hip Hop nasceu da convivência com alunos que apresentavam um histórico de ir e vir das escolas públicas de Campinas. Alunos que viviam à margem dos direitos sociais, próximos ao tráfico e outros tipos de violência e por isso longe das escolas. A busca da compreensão da força que esse movimento exerce sobre a juventude, da idéia de pertencimento, me levou para a academia a procura de respostas.

Para trabalhar nos limites da escola e da rua, vivi e escrevi esta pesquisa num “gênero” narrativo que expresse esse movimento mesmo de limite em que a voz circula da professora que cria vínculos com os jovens “sem voz” na escola e na sociedade de exclusão, à mulher negra da periferia que aprendeu desde cedo a lutar para ser cidadã e que também tem um lugar marcado de resistência à voz da academia. Quero refletir, criticar e produzir meu olhar inconformado, mas sem abdicar desses lugares de discurso e de ver o mundo e as instituições de exclusão.

*A Escola como Ponto de: Par/tida, (Par)*¹

Parceria é par, é divisão irmã é mais que dois colóquios...
(Zé Ramalho)

Não tenho rock, nem rap, tenho algo que penso ser mais forte e talvez o ponto crucial da minha defesa em favor da presença da cultura de rua na escola. Tenho a tradução de Moreno, o pai do Psicodrama que, pela poesia “Divisa”, talvez explique os caminhos que trilhei para me constituir como professora na “escuta” da voz dos sem vez.

DIVISA

Mais importante do que a ciência é o seu resultado,
Uma resposta provoca uma centena de perguntas.
Mais importante do que a poesia é o seu resultado,
Um poema invoca uma centena de atos heróicos.

Mais importante que o reconhecimento é o seu resultado,
O resultado é dor e culpa.

Mais importante do que a procriação é a criança,
Mais importante do que a evolução da criação é a evolução do criador.

Em lugar de passos imperativos, o imperador.
Em lugar de passos criativos, o criador.

¹ Entendendo a escola como ponto de par/tida, ruptura ou (Par) parceira para partida, início. Como na música de Zé Ramalho.

Parceria, álbum Opus Visionário 1996 – Zé Ramalho.

O encontro de dois: Olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos
e coloca-los-ei no lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos
Para colocá-los no lugar dos teus;
Então ver-te-ei com os teus olhos
E tu ver-me-ás com os meus.

Assim, até a coisa comum serve o silêncio
E nosso encontro permanece a meta sem cadeias:
O lugar indeterminado, num tempo indeterminado,
A palavra indeterminada para o homem indeterminado.

(Traduzido de "Einladung zu einer Begegnung" por J.L. Moreno.)

Quando pensei em falar da escola e da exclusão, pensava na escola e na família como instâncias tradicionais de educação. E na rua como outro espaço de "formação" da criança e adolescente. Ao decidir pesquisar o positivo e negativo para adolescentes de cada um desses espaços esbarrei no vínculo afetivo que possuo com cada um deles.

Ao lembrar do vínculo afetivo com esses espaços me recordo Brandão (1989), quando afirma que casa e rua são espaços que se complementam e penso que nesse caso a escola pode fazer parte, complementando a rua e a casa.

Pensava na escola instituição responsável pelo ensino, família tradicional na educação e rua espaço da livre conquista do aprendizado e do amadurecimento. E como o adolescente se comporta em cada um desses espaços, uma vez que o cotidiano dele é vivido nos três e ele sofre influência de cada um de maneira diferente.

Com base na idéia de que escola, rua e família fazem parte do cotidiano do aluno e não podemos desvincular uma da outra, acreditava que a partir da costura desses vínculos, seria possível entender ou pelo menos tentar compreender muitos dos problemas apresentados por esses adolescentes na escola.

Hoje quando penso que diferentemente de muitos livros que li e tenho lido à procura dessas mudanças, não terei a felicidade de falar de vitórias, também não consigo saber precisamente se são derrotas, por que ainda não sei quem venceu ou quem foi vencido.

Às vezes penso na escola como um campo de guerra, onde a luta pela sobrevivência é enorme. O soldado que consegue passar por ela, sem atingir ninguém ou ser atingido, e chegar ao final da guerra ileso é sem dúvida nenhuma um herói.

Mas, e aquele soldado que pra se defender teve que atacar, lutar dia após dia para sobreviver e que chega vivo ao final, mas sai sequelado e muitas vezes essas seqüelas vão acompanhá-lo em toda a sua vida, este é menos herói que o outro? Também não é um herói?

E aquele soldado que vai pra guerra e vive pelos cantos, à procura de um esconderijo, e acaba achando uma saída, um jeito de fugir dela e nunca mais voltar? Ele sabe que a guerra é demais pra ele, que ele não vai conseguir usar as armas, não ataca, mas também não se defende, foge da guerra e leva com ele essa marca para o resto da vida. Também não é um herói?

Nossos alunos travam essa batalha na escola, há os que passam por ela sem levar marcas, há os que passam e levam marcas pra vida toda e os que não conseguem passar nem um tempo, mas ficam com as marcas.

Não posso deixar de pensar nos meus 13 anos de magistério, como professora de séries iniciais, História para 5ª a 8ª e Ensino Médio. Em todas as guerras de que participei com eles, muitas vezes como inimiga, muitas vezes como amiga, mas acompanhei com cada um deles a batalha para sobreviver nessa escola.

Não consigo esquecer, Andrés², Felipes, Patrícias, Ricardos, Mônicas, que conheceram a escola como ponto de partida, que de lá tomaram um trem pra uma outra vida, porque não tiveram a “densidade” pra suportar a batalha proposta pela escola, que não soube ouvi-los nos seus gritos de socorro.

Que não soube, talvez por falta de vontade ou conhecimento fazer a “parceria” tão necessária para esses jovens.

Penso também nos Erics que perdi pra rua tão recentemente e com tristeza na falta de competência ainda da escola pra lidar com os Erics que chegam dia a dia nas escolas, com Débora, tão jovem, apenas oito anos e já fora da escola, uma criança com uma grande coleção de perdas, todas importantes para ela, mas pesada demais para a escola, que não quer lá.

² Todos nomes de alunos citados nessa dissertação são fictícios.

No reencontro que tive com muitos desses alunos às notícias:

- Cristina você lembra do Ernesto? Morreu na estrada do Filipão com cinco tiros na cara.

- E o Anderson? Nossa! Esse foi feio. Bem dizia a dona K, que ele ia ser bandido como o pai.

Meninos que passaram pela escola e muito cedo foram rotulados, “não serve”, “não tem futuro”, “esse aí é marginal, não adianta ensinar”.

Quando escrevo sobre a escola me sinto parte dela, da sua história, cultura, tradição, por isso mesmo responsável também pelo fracasso e exclusão produzidos por ela. Ao me sentir responsável por isso, penso imediatamente do lugar em que falo, e a resposta vem rápida, com certeza de dentro dela, de dentro dos muros da escola.

Mas o falar de dentro sai sufocado, porque vem como a voz de outro, a voz de muitos alunos que insistem ou conseguem permanecer na batalha. Falo pelos alunos, que ficam o pé e resistem, com saudades dos que se foram e em defesa dos que ainda lutam.

Falo como aluna e professora da periferia, das muitas escolas por onde passei, dos mais de mil adolescentes que conheci, alunos que ao invés de fortalecerem a minha constituição como professora me desconstruíram e na reconstrução uma aluna, aprendiz de sua cultura e sentimentos. Uma professora que fala pelos alunos.

Ao retratar a escola procuro entender a quem ela serve. Ou entendo ainda que ela atende a bem poucos, a grande maioria está fora. Porque ela é uma escola criada, pensada e elaborada pela classe dominante. Sua cultura, seu saber e seus valores. O tempo, o conhecimento e a maneira de aprender devem ser iguais pra todos.

A educação tornou-se fundamental para os adolescentes, oriundos da camada mais baixa da população. Fundamental para a formação de mão de obra especializada para a indústria.

Ao manter a pedagogia tradicional a escola exclui, reprova e torna fracassado o aluno que não está dentro dos padrões estabelecidos por ela, que homogeneiza os alunos. Trata como iguais os cidadãos e esquece os indivíduos. Apostando na inclusão, esse é o primeiro passo para o fracasso.

É necessário criar um caminho de diálogo com esses adolescentes, que entram por um portão e saem pelo mesmo antes da conclusão do curso. Para eles a escola é um lugar

árido, sem vida e longe do seu interesse. O interesse da Escola, não pode ser o mesmo de um adolescente negro e/ou morador da periferia que teve a vida toda “roubada”.

Adolescentes e adultos, em patamares diferentes; um ensina, o outro aprende. E este outro é um jovem que vive o presente, o cotidiano do mundo e do submundo, ou seja, que vive no equilibrar-se entre o que é permitido e o que não é permitido pela sociedade. Ele quer respostas imediatas, vive em conflito, pode aprender com professores adultos que “pensam” ter respostas para as mais variadas perguntas pelo simples fato de terem se formado para serem professores.

Os saberes consagrados pela escola têm sentido diferentes para alunos e professores. “São raras as aulas onde o que se escreve serve realmente para uma comunicação com o mundo exterior ou onde a matemática é utilizada para a solução de problemas reais”. (*Harper e outros. 2003. Brasiliense.*)

A escola pune os erros, compara, cria o aluno dedo duro, individualiza, nega saberes e conhecimentos desses alunos. Essa negação cria o fracasso que é associado às condições sociais, pobreza, fome, cultura e outros fatores usados diariamente por muitos professores na explicação do fracasso escolar.

Mas, e nós, professores, como nos colocamos quando o nosso aluno fracassa? Que escola esses professores criam?

A escola controla a vida, horário de entrar, sair, intervalo, ir ao banheiro, duração de cada aula, dias de determinadas aulas. Regula o tempo, tempo pra falar, pensar, ouvir, fazer provas. Tempos iguais para todos. O adolescente é aquele que quer tudo ao mesmo tempo agora.

A escola que é segura, altos muros que separa em dois mundos os lugares que os adolescentes vivem cotidianamente. Rua e escola, ligações que a escola não pode negar. Pesados portões, uniformes, inspetores de alunos, guardas, direção e professores, não fazem desaparecer a rua e sua pulsação.

A escola que cria as normas de disciplina, que proíbe ou permite. Que unifica e limita os sujeitos ali presentes. Será essa escola a que prepara o adolescente para a ascensão social ou para a vida na sociedade?

Normas e práticas pensadas há anos levaram em conta as mudanças sociais, a nova sociedade e família que estão dentro das escolas?

Ao pensar na escola como instrumento de inserção social para as classes menos privilegiadas, a classe dominante homogeneiza a população de baixa renda e dá a todos um tratamento igualitário. Da maneira que a escola é pensada ela não dá conta dessas diferenças, a cultura escolar não tem condições de desempenhar o papel destinado a ela pela sociedade, que acha que a escola tem o poder de realizar milagres, pelo contrário ela legitima as diferenças e fortalece a exclusão.

Decidi pesquisar o movimento cultural Hip Hop, por entender a necessidade de fazer o caminho contrário, em vez de tentar fazê-los entender a escola e sua cultura, procurar entender a cultura e cotidiano dos adolescentes que abandonam a escola diariamente. O respeito entre os jovens que fazem parte do movimento é muito grande. Aproveitar esse respeito para dialogar e abrir o debate sobre a cultura escolar é a idéia.

Como o jovem negro, constrói a sua identidade, seja no Hip Hop, Axé, Funk, Esportes, Capoeira, Blocos de Carnaval, Pagode, Rodas de Samba entre outras a busca de compreensão dessa construção facilitou meu caminho como professora, abriu diálogo ou a possibilidade dele. Um caminho de mão dupla, alunos e professores entendendo e respeitando os diferentes saberes e a maneira que a escola se apropria de cada um.

Questionar o olhar deles para a escola. O que é a escola para eles. Avaliar os pré-julgamentos que eles fazem da escola ou de muitos professores, da mesma maneira que os professores fazem deles.

Minha proposta é a desconstrução dessa visão que a escola tem da juventude, este adolescente que a escola não enxerga, não entende e por isso mesmo exclui.

“Eu sei que sou caçado e visto sempre como um animal”³. Na visão de muitos adolescentes que conheci e convivo esse é o tratamento que a escola dá a eles.

Infelizmente o adolescente morador da periferia se sente assim dentro da escola. Este trabalho é para mostrar para a escola o adolescente da periferia, igual a qualquer outro de sua idade, seus sonhos, angústias, medos, dúvidas e principalmente sua voz.

A maneira que o adolescente negro e morador da periferia é visto pela escola o exclui e cria uma guerra interna dentro da escola, de um lado o adolescente que a escola aceita, o chamado “Top de Linha” e de outro o excluído,

³ Música “Hey Joe” - O RAPPА - O Rappa Mundi: WEA MUSIC -1996.

Por que o Hip Hop pra responder a essas questões?

O Hip Hop, é um movimento nascido após os grandes debates dos conflitos raciais nos Estados Unidos, a maioria dos jovens americanos cresceu ouvindo as histórias de luta do movimento negro americano pela igualdade de direitos. Um dos maiores ídolos do rap americano Tupac Shakur⁴, era filho de membros fundadores dos “Black Panthers”.⁵

Com o movimento Hip Hop esses jovens foram além da discussão racial, pois entenderam que só ela não dá conta da discriminação e exclusão. Os jovens negros são a maioria nas cadeias americanas e os salários continuam baixos, mas esse segundo fato atinge jovens latinos também. Essa é a diferença do movimento Hip Hop. Ele abrange as questões raciais, sociais e políticas, atingindo um número maior de adolescentes, que entenderam que para fazer parte dele o conhecimento da realidade em que vivem é fundamental.

No Brasil a realidade não é diferente, os jovens negros ou moradores da periferia são as vítimas mais constantes da polícia, do desemprego, baixo salários, maior dificuldade de acesso ao ensino superior. Por isso o movimento Hip Hop também adquiriu essa força, atingindo cada dia mais adolescentes, o Hip Hop é uma forma de combate à exclusão que vem aliada ao lazer e prazer com rimas, dança, canto e pintura, ou seja, a arte na linguagem dos jovens por si só já uma forte evidência de identidade. Ao mesmo tempo em que ele se diverte ele estuda a sua realidade e questiona os valores burgueses da sociedade.

Mas e a cultura produzida no pátio, nos corredores, na quadra e nos banheiros escolares. A produzida dentro da sala de aula, longe do olhar do professor. As falas, músicas, poesias, conversas e escritos nas portas dos banheiros e carteiras escolares, também podem fazer parte da cultura escolar? Pode ser considerada cultura escolar? Uma vez que é produzida dentro do espaço escolar.

A cultura produzida por esses alunos e transmitida para todos os grupos de alunos e de outras escolas pode ser considerado conhecimento?

⁴ Representante da ala Gangsta do rap, suas letras eram de alto teor agressivo. Foi assassinado em 1996 em Las Vegas, após assistir uma luta de Mike Tyson.

⁵ Black Panthers, grupo de negros que se destacou nos anos 60 na luta pela igualdade de direitos entre negros e brancos.

Como é elaborado o currículo. Qual tipo de aluno ele beneficia. O currículo é montado pela burguesia e ele vem recheado de seus valores e crenças.

A construção dos currículos dos cursos que preparam professores para os dois primeiros graus do ensino precisa incluir a discussão de como esses currículos podem melhor contribuir para o rompimento com a visão etnocêntrica que somente concebe como cultura as formas culturais dominantes. Como desenvolver a compreensão e aceitação de outras formas de cultura. (MOREIRA, 1992, p.37)

Como trabalhar com alunos da periferia currículo tão diferente da realidade que eles conhecem, que desconhece periferia, que retrata a África como um continente pobre, onde as pessoas passam fome e toda a questão da escravidão. O currículo tradicional principalmente nas aulas de português que trabalha com a gramática normativa e a matemática que trabalha apenas com as quatro operações, não ajuda o aluno a argumentar, classificar, resolver situações problemas do cotidiano.

Para a escola aprender é tão fácil, o modelo já vem pronto, pintar o desenho feito pela professora, copiar o modelo do livro, responder a interpretação de texto com base no texto somente, a escola não permite criações, a criação é um erro. Como essa criança poderá anos mais tarde, produzir textos escritos, se foi educado seguindo o modelo?

Aprender é não errar. Tarefa impossível do ponto de vista de quem aprende. Parece quase evidente que o erro faz parte da aprendizagem. Errar significa desobedecer, negligenciar, desafiar, ser indisciplinado, já que aprender é seguir o modelo, copiar, repetir, calar-se e sentar-se. Portanto, para que não existam erros, é preciso que um tipo de aprendiz esteja sendo construído por meio das práticas adotadas na sala de aula. (ABRAMOWICZ, 2001, P.33)

O currículo é baseado na cultura do vencedor, por isso também cultua e procura criar vencedores e para isso basta sempre seguir os modelos dos livros e cartilhas escolares.

A partir do momento que a escola trabalha com livros, onde copiar o modelo é suficiente pra conhecimento e compreensão do mundo ela individualiza o adolescente. Os modelos são sempre homens, ou mulheres que venceram sozinhos, sem equipe, sem ajuda. Tiradentes, Spartacus, Zumbi, Anitta Garibaldi, a criação do mito, do herói aumenta a

disputa entre alunos já que muitos querem ser heróis que é valorizado pelo professor. Esse trabalho nega a coletividade e um dos pontos principais da escola tornar os alunos sujeitos críticos, capazes de construir elementos para compreensão da realidade.

O resultado do trabalho será apresentado da seguinte maneira:

No capítulo I, denominado “A Quinta Geração Cassange”, faço um relato sobre a minha infância e juventude, dividindo espaço e tempo entre rua e escola. A paixão pela arte, desenvolvida pelos meus pais, as várias idas e vindas da escola, minha formação como professora e a caminhada até o GEPEC;

No capítulo II, intitulado de “Breve Histórico do Movimento Hip Hop” traço um pequeno perfil do movimento Hip hop no Brasil e em Campinas, analisando os principais elementos que o compõem;

No capítulo III Chamado de “1993 a Juventude Negra Agora tem Voz Ativa”, relato a minha experiência com alunos de uma escola da periferia de Campinas, o meu envolvimento com a cultura Hip Hop e a minha mudança como professora;

No capítulo IV “A Educação pela Arte na Escola”, relato sobre o programa “A Escola é Nossa”, dentro do qual o movimento Hip Hop encontrou guarida oficial dentro da escola, apesar dos seus percalços.

Ao final, faço algumas considerações sobre o processo vivido e sobre a experiência da cultura de rua na escola.

A QUINTA GERAÇÃO CASSANGE

“Histórias coletivas e pessoais que não seriam esquecidas com a escravidão muito menos num porão de navio, e que constituíam um único e verdadeiro tesouro...”⁶

Marilda Castanho

Eu, Cristina, tataraneta de Inácia, bisneta de Joana, neta de Messias Joana “Cassange dos Sange” nega forra. Cresci ouvindo de minha mãe Terezinha a história da minha origem, através de relatos que ela ouvia de sua mãe Messias, que por sua vez ouvia de sua mãe Joana, que ouvia de sua mãe Inácia: a história do meu povo e da minha raça. A escravidão não calou nessas mulheres a sua história, cultura e saberes, e elas, através da oralidade, deixaram o registro de seu povo para seus descendentes.

Somos da tribo Cassange, pertencente à Bacia dos Cassange, uma tribo africana próxima a Angola, por isto também chamados de Angolanos, que vieram para o Brasil junto com outros povos e desembarcaram na Bahia. Minha avó Messias nasceu em Minas Gerais, já na vigência da Lei do Ventre Livre. Não tinha a data precisa, só sabia que nasceu livre.

Por isso mesmo, quando era tratada como escrava, ela dizia alto, forte e batendo com a mão na cintura: - Eu, Messias Joana Cassange dos Sange, neta de Inácia, filha de Joana nega forra não farei... E depois repetia mais devagar e com calma, para ser ouvida e compreendida. Talvez tenha sido a resistência dos negros presentes assumida e encarnada que justifique a minha relação de (re) existir dentro da escola.

Nasci em Santo André, uma cidade operária do ABC paulista, filha de Terezinha e Antonio Campos, que tiveram doze filhos. Antonio, mestre de obras e Terezinha dona de casa, que por problemas de saúde passou grande parte da minha infância acamada.

Não posso deixar de registrar minha infância, em uma cidade industrial, sétima filha de doze irmãos, uma família de negros/as, que para muitos moradores do bairro já tinha um

⁶ AGBALÁ, um lugar-continente pg 06. Agbalá, palavra da língua ioruba (Àgbàlá), significa o que contém, o que recebe. Um lugar-continente. Editora Formato. 2001.

futuro determinado: “bêbados/as, drogados/as e prostituídos/as”. Sete homens e cinco mulheres. Só que os que apostavam nesse futuro não sabiam o que se passava dentro daquela casa na hora em que se encontravam pais e filhos, as saudáveis leituras feitas pela mãe e as histórias contadas pelo pai, muitas vezes acompanhadas de música pelo tão bem tocado violão, as conversas sobre música, cinema e literatura que marcaram para sempre cada um dos 12 filhos de Antonio e Terezinha, que elegeram a arte como primeira grande amiga da vida.

A escola pela qual todos nós passamos era excludente e as batalhas para ser sobrevivente desse universo foram árduas. Os homens da família, pela única opção, dada por essa escola não têm formação escolar. A opção que essa escola deu a eles e a muitos outros de sua idade e bairro, era a negação de suas histórias de vida, cultura, saberes e até mesmo, valores. Eles e outros tantos não tiveram força para enfrentar a batalha, trilharam um caminho mais fácil, deixaram a escola.

A atitude do professor de primeiro e segundo graus em relação ao aluno as camadas subalternas parece ser ainda predominantemente pautada por preconceitos e por descrença em sua capacidade de aprender, o que certamente contribui para o baixo rendimento desse aluno. Entretanto, seria indispensável que o professor acreditasse na potencialidade desse aluno, procurasse criar condições que favorecessem seu bom desempenho, valorizasse sua cultura e buscasse promover seu diálogo com a cultura erudita. (MOREIRA, 1992, p.39).

As mulheres. quatro professoras, sendo uma delas bióloga Mestranda em Genética, duas professoras de História e uma psicóloga, tendo as três, formação inicial no Magistério, a Psicóloga e uma de História contam também com o Psicodrama como parte de sua formação A mais velha vive na memória de todos da família. Da infância dessa cidade fria e chuvosa que é Santo André trago o gosto pelo rock and roll como companheiro para toda vida.

A Escola na Rima da Rua

Como toda criança moradora da periferia tinha a rua como o lugar de aprendizagens e brincadeiras, de encontros e também muitas brigas! Estudava de manhã no Grupo Escolar “Generoso Alves Siqueira” uma escola a duas quadras de minha casa, pra onde ia todas as manhãs na companhia de meus irmãos, primos e amigos. Naquela época, a escola para mim era um lugar seguro de estar, um prédio pequeno, gramado, com quadra e um pequeno jardim no fundo ao lado do “Prédio Velho”, a antiga escola que, diferente da atual, exercia um fascínio enorme sobre os alunos, porque era um lugar proibido de se ir. À tarde, todos nos encontrávamos na Virada⁷, onde ficávamos até que à noite ou até que nossas mães nos tirassem dali.

O bairro se chamava Vila Vitória, um bairro urbanizado (água, luz, esgoto), com todas as ruas asfaltadas, mercados, farmácias, açougues, escolas, e ônibus circular.

Naquele tempo, início da década de 70, as meninas não costumavam brincar na rua e muito menos com meninos; na Virada moravam muitas meninas, mas apenas minha prima e eu íamos para rua e brincávamos com todos os meninos, éramos as famosas “Maria moleque”.

Entre os meninos, dois eram meus irmãos, um meu primo, três amigos que moravam próximos e tínhamos todos a mesma idade, entre 08 e 09 anos. Mas os amigos que todos gostávamos eram três que vinham de longe de outras ruas e outros bairros e já tinham 13 anos.

Às vezes minha prima e eu tentávamos brincar com as outras meninas em suas casas, de boneca, casinha ou mesmo amarelinha, mas quando ouvíamos o barulho de uma “lata batendo na outra” corríamos para rua para formar a nossa dupla.

As brincadeiras preferidas eram: Pique Bandeira, Marreta, Chuta Lata, Paradinha, Mão na Mula e Corda, brincadeiras coletivas em que a confiança mútua era necessária e talvez só existisse na rua. Nessas brincadeiras passávamos horas do dia, sem fome e frio e

⁷ A única rua de terra do bairro, estreita e pequena. Com poucas casas e muita diversão palco de brincadeiras, vivências e aprendizagens.

em muitas dessas brincadeiras até os adolescentes participavam enquanto esperavam a hora da subida para o colégio.

Mas o que tornava aquela rua especial, não eram as brincadeiras que ali aconteciam, nem os tombos que muitos levavam, ou os milhares de esconderijos que ela nos proporcionava. Aquela rua era especial porque tinha um nome, e não o nome oficial exposto na placa, mas um nome dado, muito tempo antes, por outra criança que ali também teve seu momento.

O nome oficial da rua era “São Judas Tadeu”, uma estreita rua de terra, que tinha poucas casas construídas e muitos terrenos baldios para alegria geral da criançada. A nossa rua era chamada carinhosamente de “Virada”, porque ficava na esquina de outra e para chegar até ela, existia uma pequena “virada” obrigatória. E foi na “Virada” que durante onze anos, aprendi a me relacionar com outras crianças, a construir projetos coletivos de brincadeiras, a dividir, a confiar.

Muitas dessas brincadeiras eram repetidas na escola, com outras crianças de outras ruas e muitas eram aprendidas, trocadas. A rua e a escola estavam muito próximas para as crianças que viviam nos dois espaços, uma era extensão da outra, completavam-se. Nós crianças não víamos grandes diferenças entre os dois lugares. Brincar de roda, corda, pega-pega ou mamãe da rua durante o recreio, na escola e de escola na rua era muito gostoso.

Em 1976 meu pai vende o sobrado em que morávamos e mudamos para Campinas onde ele já trabalhava. A última semana foi de expectativa e de despedidas, da “Virada”, dos amigos, mas também de um novo começo.

Mudamos para o Jardim Aurélia, numa avenida chamada Nossa Senhora da Consolação. Era uma rua larga, asfaltada, em declive, com casas construídas dos dois lados e nenhum terreno baldio e pareceu-me no primeiro momento que não havia crianças na rua. Nossa casa era muito pequena e de fundos.

Meus irmãos, irmãs e eu fomos matriculados na Escola Estadual “Barão de Ataliba Nogueira”, eu na 5ª série e hoje compreendo a desmotivação que tive no primeiro dia de aula: uma escola imensa, com dois prédios, separados e distantes entre si, para ir de um ao outro, tínhamos um terreno sem grama ou piso, uma piscina fora de uso, completamente suja e cheia de lixo, e podíamos avistar as cercas com buracos usados para muitas fugas dos alunos do noturno.

Minha classe era um antigo laboratório adaptado, lotada de alunos, muitos eram repetentes, maiores que eu, isso me levou a não querer freqüentar a escola. Havia um outro agravante, na época, meu pai havia perdido sua firma de construção civil e estávamos sem condições financeiras, não pude comprar os livros e o material necessário para a continuidade. Assim abandonei a escola por não suportar a pressão dos professores e amigos. No ano seguinte já acostumada com o bairro, com alguns amigos e a escola, retornei para 5ª série e terminei o ano sem recuperação ou notas baixas.

A Rua sem a Rima da Escola

No ano seguinte mudei-me para o bairro do Castelo, para a Avenida Dr. Alberto Sarmiento, mudei também de escola, fui estudar na Escola Estadual Dom João Nery e foi lá que conheci um outro tipo de discriminação que a escola produz.

Na época não entendia bem, apenas sentia, após vários anos acompanhando e pesquisando essa violência pude observar que ela já vem sendo estudada e alguns autores norte-americanos, dão o nome de “Tiros em Columbine”, na Noruega e Dinamarca é conhecido por “Mobbing”, na Itália “Prepotenza ou Bullismo”, em Portugal “Maus-tratos entre Pares” e no Brasil Cléo Fante chama de “Fenômeno Bullying”.⁸ Em alguns filmes modernos sobre adolescentes⁹ leva o nome de “Cadeia Alimentar”, nome dado pelos próprios alunos, à violência que o aluno sofre vinda de outro amigo, sem causas aparentes. Apesar de estranhar as atitudes de alguns alunos da escola e sofrer tal perseguição, não me sentia mal com ela, pois em casa tinha uma boa convivência familiar.

Na primeira aula de Português a professora entrou na classe, soltou um “Boa tarde” entre os dentes e começou a chamada. Quando via alguma aluna que era de família conhecida, abria um sorriso imenso, mandava abraços e prosseguia a chamada, passou por

◦

⁸ Cléo Fante, pesquisadora da Violência Escolar, autora do livro “Fenômeno Bullying”. O bullying termo sem equivalente no português, é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, de forma velada ou explícita, adotadas por um ou mais indivíduos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento.

⁹ “Karrie a Estranha”, “Uma Escola Muito Louca” – 1986 – Steve Miner; “A Guerra dos Botões” – 1994 - Jonh Roberts; “Juventude Transviada” – 1955 – Nicholas Ray; “Vidas sem Rumor” e “Peixes de Guerra” – 1983 – Francis Ford Copolla e “O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas” – 1985 - Joel Schumacher . Filmes que retratam a realidade de jovens que tentam vencer e amadurecer enfrentando o mundo dos ricos.

toda a listagem e não me chamou; achei estranho, outros professores já haviam me chamado. Ao final da chamada perguntou se algum aluno presente não havia sido chamado, levantei o braço e disse meu nome, ela olhou na listagem e confirmou que meu nome não estava lá. Falei que aparecia na listagem de outros professores. Ela foi repassando novamente nome por nome e finalmente chegou ao meu, nesse momento na maior altura disse:

“- Seu nome está errado, Cristina Maria não existe, o certo é Maria Cristina, seus pais são ignorantes ou analfabetos? ”.

Meio desconsertada, respondi que meus pais não eram nem analfabetos e nem ignorantes, e que nunca tive problemas com meu nome nas escolas em que havia estudado, e não sabia que existiam nomes certos ou errados. Ela continuou a conversa perguntando se eu era do “interior”, respondi que era de Santo André e por ali a conversa se encerrou. Durante dias convivi com gozações dos colegas me chamando de “nome errado”. E ela recusando-se a me chamar pelo nome passou a me chamar pelo meu número de chamada que era 24; é claro que as gozações aumentaram.

Em uma aula perguntei a ela porque só eu era chamada pelo número, obtive como resposta que um professor não podia compactuar com um erro. Nessa época já tinha amizade com um pequeno grupo de excluídos, cada um por uma razão, quatro meninas brancas, três meninos, um negro. Entre os excluídos dessa turma existiam dois meninos brancos e “ricos”¹⁰ e um deles perguntou o que era “compactuar”, ela mandou-nos procurar no dicionário.

Cansada dela, dos seus preconceitos e das gozações de outros alunos comecei a faltar aulas, ou a chegar à escola e pedir dispensa inventando cada dia uma dor diferente. Até que um dia, sentada no muro da escola com uma amiga, chegaram os dois “ricos” e nos convidaram pra “enforçar aula”. Notando nossa expressão de medo explicaram que era passear por aí, sem rumo e sem ninguém saber. E assim deu-se o primeiro de uma série de “enforcamentos” durante o ano. No começo andávamos pelas sorveterias e biblioteca do bairro. Íamos à casa de uma amiga ouvir música, depois começamos a ir mais longe, centro da cidade, outros bairros.

¹⁰ Dentro do grupo, eram os únicos que tinham dinheiro e conta na cantina da escola e os pais iam saldar todo final de mês. E penso que a exclusão dos colegas de classe e professores era por um ser homossexual e o outro ser filho de serralheiro sem nenhum estudo.

Voltávamos pra escola às vezes, mas a recepção nunca era boa; de novo íamos pra rua. Um dia uma nova amiga nos chamou pra ir a uma rua próxima a sua casa, que tinha um povo legal que curtia rock. Encontramos uma rua “convidativa”, muitos adolescentes sentados, rock “rolando” na maior altura e uma rede de voleibol. Em 1978 eram as únicas duas coisas que interessavam para o grupo o recém descoberto esporte e o velho e bom rock and roll.

Na escola me apaixonei pelo voleibol, tive que ouvir da professora, - *“você é muito baixinha para esse jogo, jogue handebol”*. Assim aconteceu, aprendi a jogar handebol, acabei participando do time, mas tinha como paixão e meta o voleibol. E na rua, quando fui apresentada pra “galera”, fui logo convidada pra entrar em um time que faltava uma pessoa.

Passamos a freqüentar a rua todos os dias e descobri que lá se encontrava um “bando” de “enforcadores” de aula, de outras escolas da região ou próximas e que cada um havia sofrido algum tipo de discriminação e naquela rua tinham se encontrado. As discriminações eram as mais diversas e não importava a classe social, etnia ou opção sexual, apesar da época.

Íamos à escola apenas nos dias de prova e nas aulas de Educação Moral e Cívica, a única aula que a professora tentava abordar a complexidade da escola, apesar de seu caráter altamente ideológico. Íamos à prova só pra constar, porque não tirávamos nota.

Numa dessas muitas provas fiz a de Português e mesmo sem freqüentar as aulas achei a prova fácil, dias depois quando voltei à aula, descobri que havia tirado B+. A professora fez questão de verificar o lugar que eu havia sentado e quem estava sentado ao meu lado ou perto, comparou letras, porque havia sido a nota mais alta da classe e ela não acreditou que eu pudesse “merecê-la”, não a validou e fiquei novamente com nota vermelha na média final.

Mas enquanto a escola era um local de torturas, brigas e cheio de preconceitos, a rua se transformava em um local acolhedor, mágico, de aprendizagem, companheirismo, descobertas, encontros e trocas de tristezas. Nela aprendi a jogar vôlei, as regras do jogo e da rua, lá tudo era dividido, não existiam segredos, o básico era que uns precisavam ajudar os outros.

Uns falavam dos problemas da família, outros que os pais iam se separar, outros ainda que os pais gostavam mais dos irmãos que eram vencedores, ali era o lugar de cura, colo, carinho e aconchego. Ali éramos todos iguais e aprendíamos muito.

A escola chamava nossos pais, conversava, mas nunca fez nenhuma tentativa de aproximação com a gente. Pelo contrário, sempre que aparecíamos éramos expostos às gozações do grupo que com o apoio dos professores nos humilhavam muito. No final do ano de 1978 o resultado esperado por todos, reprovação e para muitos a mudança de escola, como no meu caso, meus pais me transferiram. Em 1979, começo uma outra caminhada em uma nova escola.

Nessa época a rua ainda era um lugar seguro, longe dos traficantes, drogas, seqüestros, assaltos e outros problemas existentes atualmente. A escola possivelmente a mesma de hoje, talvez um pouco mais excludente pelas exigências que o governo de então fazia em relação a uniformes e materiais.

A Escola e a Rua na Rima da Vida

Fui estudar em uma nova escola, com novo horário e novas expectativas. Escola Estadual Prof. Benedito Sampaio, bairro Botafogo, por muitos carinhosamente chamado de “Ditão” ou “Cujo Dito”, uma escola que lembrou o prédio da minha infância. Estudava no horário das 16h00min às 20h00min,

Um prédio pequeno de dois andares, extremamente limpo, um gramado que chamava a atenção e um banheiro limpo, onde nos três anos que estudei passava parte do pouco tempo que tinha livre, conversando, estudando ou simplesmente “estando”, como dizia uma amiga.

No meu horário tinha apenas uma sala de cada série. As classes não eram cheias, a amizade foi coisa fácil de ser feita, grande parte dos alunos tinha alto nível social, filhos de gerentes de supermercado, donos de imobiliária, gerentes de banco, dentistas, microempresários mas na escola isso nunca era lembrado, nem falado. O uso do avental era obrigatório, o tratamento igual pra todos. Ser filho de professor, do dono do mercadinho da esquina, ou filho do gerente do maior hipermercado da cidade ou mesmo o pagamento da taxa da APM não garantiam privilégios a ninguém.

Uma atitude correta, entendo que o tratamento diferenciado que algumas escolas dão a alguns alunos, tende a aumentar a disputa entre os alunos, uma vez que reveste de poder o aluno que recebe um tratamento diferenciado. Todos nós tínhamos a tia Yolanda pra nos vigiar. Era muito divertido inventar meios de burlar a vigilância.

Lembro ainda do discurso da diretora Maria Carolina¹¹ no primeiro dia de aula. *Vocês passarão grande parte do tempo de suas vidas aqui na escola, por isso este lugar tem que ser um lugar bom de convivência e a diretoria o lugar de diálogos e esclarecimentos e vocês estejam à vontade pra me procurar sempre que acharem necessário.* Achei interessante porque nas outras escolas que havia estudado só conheci a diretora através das várias vezes em que fui parar na diretoria e, de repente, ela estava lá se apresentando e nos convidando pra ir visitá-la. Estava presente no pátio, nos banheiros, nas salas de aula quando chegava, nas aberturas de campeonatos que fazíamos. Uma diretora presente, o que nos deixava à vontade para, se preciso fosse, procurá-la. Fazíamos isso constantemente. A vontade de rimar rua e escola reaparece, fazer poesias, buscar as palavras certas.

No primeiro dia da aula de Ed. Física, apresentei-me à professora dizendo que sabia jogar voleibol e que minha altura nunca havia atrapalhado. Ela me respondeu que todos ali faziam tudo e altura ali não salvava ou sacrificava ninguém e que naquela semana haveria seleção para montar o time da escola para os jogos Inter Escolas¹². Muito feliz e agradecida aos companheiros da rua, pelo aprendizado do esporte, nos curtos três anos que estudei lá, participei do time. Continuei jogando voleibol até os 23 anos de idade.

O procedimento de todos os professores da escola era sempre na base do diálogo, aulas externas, histórias e assim, uma outra escola, o que sempre busquei, foi se construindo para mim. Uma poesia estava sendo composta por nós, alunos, professores e funcionários, a procura da rima fortalecimento da poesia, tão sensível, próxima da escola dos sonhos, ou ideal como costumávamos falar. Claro que tinha as minhas dificuldades, em Matemática, História e Ciências, mas esse era o menor dos problemas. O que importava era que eu gostava da escola, me sentia acolhida e tinha segurança pra expor minhas idéias e dúvidas.

¹¹ Diretora da escola de 1975 até 1996.

¹² Campeonato de Voleibol entre as Escolas Estaduais de Campinas.

Na sétima série aconteceram duas coisas que podem ter influenciado minha escolha de profissão e deste mestrado. A escola recebeu uma nova professora de História, professora Carmem Cecília e uma antiga professora de 1ª a 4ª série retorna da licença gestante, professora Regina. A primeira desvendou o mundo por trás da História oficial, nas suas aulas os bárbaros foram na realidade os primeiros excluídos de que tive notícias, a guerra atraente e o frio russo aquecedor. Naquele ano, deixei minha paixão pelo vôlei apenas para lazer e decidi que seria professora de História. Um sonho que persegui até torná-lo realidade em 1991.

A segunda professora organizou e nos convidou para um projeto, que teria como recompensa a escola ideal com que sonhávamos. Um recreio dirigido para alunos de 1ª a 4ª série, um trabalho organizado por ela e desenvolvido por nós, juntamente com um Centro Cívico. A proposta inicialmente nos assustou. Após várias explicações, o susto virou uma briga pela participação. Todos alunos queriam estar no recreio e ser do Centro Cívico, decidiu-se que todos participariam do recreio, para o Centro Cívico, haveria sorteio.

O recreio do primário tinha meia hora de duração e nós do ginásio organizávamos as atividades, a escola comprou mini cestas de basquete, jogos, livros de histórias, bolas de todos os tamanhos e cores, cordas, pintou amarelinha no chão, dividíamos as crianças por interesse. Durante o recreio existiam de seis a dez adolescentes para um grupo de 15 crianças, resultado final, fim dos acidentes e das correrias no recreio, um maior entrosamento entre crianças e adolescentes e uma proximidade maior entre alunos e escola, já que muitos passavam ali a maior parte do dia.

Nós, adolescentes, recebemos como recompensa, como prêmio pela organização e trabalho, uma escola aberta a partir das 06h45min da manhã e que só fechava as 20h00min. Quem conseguisse e quisesse ficar nela esse tempo todo poderia ficar. Na biblioteca ou sala de jogos, mesa de pingue pongue. No intervalo, direito a muito rock, podíamos escutar música com a mesma duração de tempo do primário, 30 minutos.

Foi lá que resgatei meu vínculo com a escola, criei uma identidade estudantil, ela se tornou, para cada adolescente, um espaço de humanização, um lugar de encontros, confissões, despertar do amor, descobertas, mutirões de trabalho, trabalhos coletivos, planos para o futuro, tristezas, pois no meio de tantas coisas boas, aconteceram mortes de pessoas queridas.

Um pedaço da rua que tanto aprendi a amar dentro de um muro escolar, onde tudo acontecia exatamente como na rua, com uma única diferença, os adultos participavam de cada acontecimento e descoberta, porque mesmo dentro da escola foram muitas as que tivemos ali, não fazíamos nada escondidos.

No final de semana e nas férias sentíamos falta da escola. Uma escola que se construiu com a boa vontade da direção e professores, que hoje imagino, deve ter dado muito trabalho pra todos, mas uma escola possível que viabilizou a construção de conhecimento com outras vozes e de diferentes lugares.

Hoje, 25 anos após a saída dessa escola, sei que ela teve um significado especial na vida de cada um daqueles estudantes. Através de encontros virtuais, ex-alunos se procuram, procuram a diretora, professores qualquer coisa que possa trazer de volta a época do “Dito Cujo”. Para alguns dos 35 alunos que passaram pelas mãos da professora Carmem Cecília a certeza de que a disciplina ficou na vida dos 23 que estudaram História nas várias universidades do país.

Uma escola que, pela primeira vez, olhei de maneira diferente para estrutura, hierarquia e currículo escolar, entendendo que o conhecimento que a escola oferecia a rua não me daria. Foi nessa época também que percebi, através das aulas de História, estudando os Povos Bárbaros, que talvez o conhecimento da escola pudesse me fazer compreender, porque algumas escolas eram diferentes. Porque as pessoas eram tratadas de maneira diferente.

Nessa escola entendi um pouco como funcionam as relações de poder, e como elas podem interferir no cotidiano escolar, como os professores podem se tornar amigos e criadores de vínculos ou como podem transformar-se em algozes e proporcionar verdadeiras disputas entre alunos.

Terminada a 8ª série, fui estudar na Escola Estadual Carlos Gomes, prédio do antigo Instituto de Educação de Campinas, onde fiz Magistério, mais para apoiar os amigos do que por vontade própria. A escola só manteria o curso noturno se a lista de matriculados atingisse 60 alunos.

Eu queria fazer o Ensino Médio pra prestar urgentemente o vestibular para o Curso de História, que o “Ditão” havia me mostrado, a possibilidade de me tornar professora

dessa disciplina e apesar dos tantos desencontros que tive como aluna, era um caminho que eu tinha pressa em trilhar.

Foram quatro anos de amizades, mas sem nenhuma identidade com a escola ou professores. Uma escola que tem por tradição a Formação de Professores para séries iniciais, com professores “mal formados” que desrespeitavam os alunos do curso noturno com frases:

“- Uma escola construída para as filhas dos barões de café, com um curso noturno atendendo a periferia”.

“- Vocês vêm pra escola cansadas depois de um dia de trabalho e uma marmitta de ovo”!

Ali também se fez necessária a resistência de muitas alunas que queriam ser professoras, acreditavam que a boa vontade e a dedicação aos estudos dariam a formação ideal.

Lutávamos diariamente contra professores sem vontade de ensinar, limitados, que falavam errado, que estavam insatisfeitos com a profissão e salário, e era fácil perceber até para nós alunas a sua frágil formação. Após quatro anos de batalha e estágio fizemos a formatura e o tempo mostrou a esses professores que eles estavam enganados em relação a muitas de nós.

Esses quatro anos me afastaram novamente da vontade de fazer poesia rimando rua e escola, e deixaram meus sonhos de me tornar professora mais longe de ser alcançado. Apesar de achar o curso válido, conhecer o outro lado da escola como estagiária, me encantar com as descobertas das crianças nas diferentes séries, ainda tinha um problema.

Era professora, mas não acreditava nos profissionais que havia encontrado nessa formação e precisava refletir sobre o caminho a seguir. Nesses quase 15 anos de escola havia encontrado com dois tipos de profissionais de educação e uma reflexão sobre eles era urgente para mim.

Fui trabalhar como caixa em uma loja de magazines e de 1986 a 1990, esqueci da escola e seus preconceitos. Fiz novas amizades, pessoas diferentes, com interesses diferentes. Como trabalhava seis horas por dia resolvi estudar novamente e em 1987 prestei vestibular pra Ciências Econômicas, queria seguir um novo caminho, a empresa pagava 50% do curso e havia grandes chances de crescimento profissional nela.

Não me encontrei no curso. Fiquei sem estudar até 1988, quando resolvi prestar vestibular pra História, meu antigo sonho, simplesmente para o meu conhecimento, sem nenhuma pretensão de ser professora, uma vez que a experiência de aluna me fazia perder a vontade de ser professora. Como na música Ideologia de Cazuza¹³

Meu partido
É um coração partido
E as ilusões estão todas perdidas
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Ah, eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
Freqüenta agora as festas do "Grand Monde"
Meus heróis morreram de overdose
Meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver
Ideologia
Eu quero uma pra viver
O meu prazer
Agora é risco de vida
Meu sex and drugs não tem nenhum rock 'n' roll
Eu vou pagar a conta do analista
Pra nunca mais ter que saber quem eu sou
Pois aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
Agora assiste a tudo em cima do muro
Meus heróis morreram de overdose
Meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver
Ideologia
Pra viver
Pois aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
Agora assiste a tudo em cima do muro

¹³ Ideologia – Álbum Ideologia – 1988 – Polygram.

(em cima do muro)
Meus heróis morreram de overdose
Meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver
Ideologia
Pra quero uma pra viver
Ideologia
Pra viver

No curso de História, mais que estudar ou aprender, fiz um encontro de mim comigo mesma, minhas “neuras”, receios, vergonhas, toda a cobrança que tive e fiz nas escolas foram resgatadas. Ali eu era mais uma na luta pela vida por inteiro, não pela metade. Na época era como dizia a música do grupo de rock Titãs “... a gente quer inteiro e não pela metade.¹⁴..”. Fiz amizades com pessoas que, como eu, estavam atrás de um significado e sentidos pra escola, queriam estar nela, apesar de tudo. Acreditávamos que o curso de História nos traria explicações para os muitos porquês de cada um. Cada um de nós procurava, dentro da universidade, a resposta para a questão: O que é identidade do grupo? Na rua, escola, onde existisse um grupo. Como ela se formaria? Quem ficaria de fora? O que uniu no ano de 1988 aqueles 76 alunos?

Não apenas o interesse pela História, porque dentro do grupo maior, a turma dividiu-se em pequenos grupos de convivência e esses pequenos grupos uniram-se a alunos e alunas de outros anos e cursos.

Durante os quatro anos em que convivemos, aconteceram três coisas fundamentais que uniu ou separou os pequenos grupos, uns até hoje se encontram para trocar “zigurinhas”, outros fazem questão de atravessar a rua: Eleição do PT em 1989, Fora Collor em 1990 e o Convite para formatura em 1991.

A divisão esquerda/direita da turma era visível e quais bandeiras cada turma levantava também. Enquanto um grupo se preocupava com questões sobre Direitos Humanos, Etnia, Exclusão Social, MST e os encaminhamentos dados pelos governos à

¹⁴ Comida – Titãs – Álbum – Jesus não tem Dentes no País dos Banguelas 1987- Arnaldo Antunes.

educação, pois uns já estavam, outros estariam um dia na sala de aula e o que fazer, era preocupação constante.

Outros falavam sobre carreira do magistério, salário com a graduação, benefícios e sobre “mau comportamento” dos alunos, seria a escola o lugar ideal desses alunos?

Meu grupo se identificou primeiro pela música, um Heavy Metal do grupo Jhetro Tull e depois pela escolha na área da militância: criança e adolescente, todos tínhamos como projeto de trabalho uma sociedade mais inclusiva para eles.

Nos quatro anos de estudo a nossa questão ficou sem resposta, mesmo porque até naquele grupo que começou com 70 e terminou com 28, na universidade, a escola da nossa série inicial estava presente, havia um grupo de excluídos. Muitos não conseguiram pagar a mensalidade, outros não suportavam a pressão de professores ou brincadeiras dos “amigos”.

A Vida na Busca da Rima entre Rua e Escola

Em abril de 1990, aparece a oportunidade de traçar novos vínculos com a escola, fui convidada pela diretora da EE “Nossa Senhora de Lourdes”, localizada no bairro que leva o mesmo nome para ministrar aulas em uma segunda série no bairro Saltinho, uma sala isolada que havia sido montada naquele mês e não havia professoras interessadas, devido à distância. Essa diretora era amiga da diretora da escola onde minha irmã lecionava.

Em Saltinho, um bairro rural, a maioria dos moradores vivia da plantação de figo ou trabalhava na “Máquina de Arroz”, uma fábrica onde o arroz era beneficiado e distribuído para os grandes mercados da cidade. Grande parte deles morava em sítios e alguns na favela Buraco do Sapo, sem nenhuma condição de saneamento básico. Moravam em barracos, geralmente de dois cômodos.

Era uma série com alunos fora da idade, que trabalhavam na roça à tarde ajudando os pais e só podiam freqüentar de manhã e no bairro, pois não tinham dinheiro para pagar passagem e se deslocar para o Jardim Nossa Senhora de Lourdes.

Novamente o poeta à procura da rima que une rua e escola começa a reviver, só que dessa vez eu estava do outro lado e pretendia cumprir outro papel na construção dessa rima.

Uma sala com vinte e seis alunos, entre 10 e 13 anos de idade, que iam para escola à procura do que não tinham em casa, brincadeiras, carinho, descanso e principalmente diálogo. Uma escuta para seus sonhos e tristezas. As aulas foram na realidade uma troca de conhecimento, passei para a classe um pouco da cultura escolar e aprendi com eles muito sobre a cultura rural, do cotidiano da vida na favela, da falta de ônibus, centros de saúde e todos benefícios a que se tem direito.

Sobre anoitecer e amanhecer no campo, sem nenhuma luz artificial, as saudáveis verduras sem agrotóxico, leite recém tirado da vaca, brinquedos construídos com madeiras e outras coisas do campo.

Em 1993, me efetivo na Prefeitura Municipal de Campinas, assumindo outra segunda série na EMEF Professor “Benevenuto de Figueiredo Torres”, localizada no Jardim São José, outra periferia da cidade.

Jardim São José, um bairro localizado as margens da rodovia Santos Dumont, região Sul de Campinas. A maioria dos seus moradores são migrantes do Paraná e Minas Gerais que vieram atrás de trabalho, uma vez que a mão de obra foi trocada pela mecanização na lavoura e a concentração em grandes propriedades expulsando os pequenos produtores da região.

O bairro possui um Centro de Saúde, uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, duas Escolas de Educação Infantil, pequenas indústrias, transportadoras e uma indústria química, que se instalou lá em 1951, antes do bairro. Muitos moradores do bairro vieram atrás de emprego nessa indústria.

O bairro foi crescendo sem nenhum planejamento, e infra-estrutura. Existem muitas favelas. Nenhuma área de lazer, apenas a rua e a quadra da escola, que por ser a única é muito requisitada.

Nessa escola, trabalhando com crianças, mais uma vez pude constatar que nunca tive com elas uma relação professora/alunos. Até hoje temos uma relação de amigos, afetiva, onde a fantasia necessária para elaboração de sua personalidade e caráter, existe no cotidiano da sala. Como escreve Paulo Freire.

E o que dizer, mas sobretudo esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes a coragem

de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa de fato que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. (2004, pg 141)

Com a consciência de que são crianças, e por isso mesmo têm direitos, mas que podem e devem ser lembrados dos seus deveres, tratados como crianças, mas como seres pensantes, possuidores e criadores de cultura.

Dentro dessa fantasia, trabalhamos o respeito, a humanização, estreitamos os vínculos de amizade e o conteúdo exigido pela cultura escolar. Através de pesquisa, trabalhos em grupo, vídeos, jornais e até mesmo livros didáticos. Até hoje sou professora das séries iniciais.

Foi nessa escola, trabalhando com crianças que eu vivi o “Mundo dos Adolescentes”; foi lá que redescobri o gosto da risada, as cores e as dores do mundo dos adolescentes. Talvez exatamente porque ser adolescente é original, não precisa se preocupar se vai agradar ou não.

Em 1994 fui convidada pela equipe gestora da escola para participar do Projeto Biblioteca¹⁵, no horário das 15:00 às 19:00, horário que não interessava a nenhum professor, atendendo alunos de 5ª a 8ª séries. Aceitei, uma vez que ganharia mais. Morava próxima à escola e poderia fazer um trabalho diferenciado, não só emprestar e encapar livros. Fui coordenadora da Biblioteca de 1994 até 2000 e nesses seis anos organizei vários subprojetos dentro da mesma e fortaleci minha amizade com os adolescentes: conhecia todos, dos três períodos do fundamental e da FUMEC¹⁶ e também alguns que não estudavam lá, mas passaram a freqüentar a biblioteca.

A biblioteca ficava na entrada da escola, então eu participava do ir e vir deles, idas ao banheiro, entrada para as salas, e como a porta estava sempre aberta, eles passavam lá pra dar um oi, reclamar da vida, dos pais e principalmente dos professores e da escola.

¹⁵ Projeto Bibliotecas Escolares, criado em 1990. A proposta era transformar a biblioteca da escola em um pólo cultural, com várias atividades, tendo a leitura como prioridade. O responsável pela biblioteca organizava o horário de empréstimos dos livros, encapava e fazia também o tombo dos mesmos.

¹⁶ Fundação Municipal para Educação Comunitária, órgão vinculado a Secretária Municipal de Educação que cuida da alfabetização de Jovens e Adultos.

Assim foi nascendo meu interesse e inclusive uma certa identidade por esse mundo complexo: com eles pude perceber que muitas das suas dúvidas em relação à escola e à formação que ela dava eram as mesmas do meu tempo de aluna e que apesar de passados muitos anos as questões continuavam sem resposta. Como professora-coordenadora da biblioteca esperava estando fora da sala, mas dentro da escola, procurar junto com os alunos as respostas para as dúvidas.

Durante o tempo que coordenei o projeto na escola descobri mais com os alunos do que com as alunas como funcionavam lá dentro os rituais de passagens, gangues, códigos de fraternidade, sonhos, diversões e a eterna busca de si mesmo e a procura pela felicidade. A amizade e confiança das alunas foi mais difícil de conquistar, talvez a transgressão feminina fosse mais forte que a masculina.

A conversa era sempre a mesma:

- Porque eu tenho que aprender análise sintática ou equação de 1º grau se eles não me ajudam a resolver os problemas reais da minha vida. Pra que serve a escola então? Meu pai disse que aqui eu ia aprender tudo que era necessário pra vida.

Enquanto conversávamos sempre me vinha à cabeça uma música do grupo de Pop Rock nacional Kid Abelha e acabava cantando com eles:

A vida que me ensinaram
Como uma vida normal
Tinha trabalho, dinheiro,
Família, filhos e tal
Era tudo tão perfeito
Se tudo fosse só isso
Mas isso é menos do que tudo
É menos do que eu preciso
Agora você vai embora
E eu não sei o que fazer
Ninguém me explicou na escola
Ninguém vai me responder
Eu sei a hora do mundo inteiro
Mas não sei quando parar
É tanto medo de sofrimento
Que eu sofro só de pensar

A quem eu devo perguntar
Aonde eu vou procurar
Um livro onde aprender
A você não me deixar ¹⁷

Era isso que acontecia, eles cresciam e a vida que era ensinada na escola e dada como certa, era diferente da vida que levavam. Conhecer a hora do mundo inteiro, não os ajudava no cotidiano da vida vivida.

Hoje busco na memória algumas dessas histórias, recordo como se a conversa tivesse acabado nesse momento, talvez pela emoção durante as conversas, ou novamente pela identificação.

Retomo entre tantas três que mais me chamaram atenção, são conversas e falas de alunos e alunas que na hora da conversa falaram sem medo e confiança sobre a situação vivida no momento.

Os meninos serão aqui chamados de Soda Pop e Pony Boy, personagens do livro “The Outsiders” de Susan Hinton, a grande maioria dos alunos se identificou com a história desses jovens. Porque viviam num mundo violento e discriminatório como o deles.

As meninas todas queriam ser Isabel, a apaixonada e romântica adolescente do livro “A Marca de uma Lágrima” de Pedro Bandeira, aqui ela será Isabel.

Soda Pop, um menino de 13 anos, na sexta série, vivia com a escola num verdadeiro clima de guerra. Ia a biblioteca todos os dias, uns minutos antes de entrar na aula. Naquele dia chegou bem mais cedo que todos os dias.

Escolheu um livro para encapar, sentou-se e começou a encapá-lo, como os alunos ficavam muito tempo dentro da biblioteca, aprenderam a encapar e a tombar os livros e também a organizar a biblioteca. Não conversou, ou mexeu em tudo como fazia todos os dias. Aquela atitude me chamou atenção, Soda Pop, era um menino falante, inquieto, e que adorava contar piadas; por isso seu silêncio me perturbou.

De repente levantou e disse:

- *Pô, Cris to ansioso vai acontecer um “baguio” nervoso ai e hoje é meu dia de iniciar. Risos. Quer dizer é bem engraçado pensando bem, mas é chato, sei lá.*

¹⁷ Educação Sentimental II – Leoni, Paula Toller e Hebert Vianna - Álbum Educação Sentimental. Kid Abelha.

Bom é engraçado porque não é comigo, mas é chato também, porque eu já passei por isso

Fiquei olhando para ele e pensando no que poderia ser, então perguntei o que era. Ele pensou um pouco, riu e falou:

- Não, “cê” é amiga da diretora, da orientadora é professora, não posso contar não. Vai, depois se der errado sobra pra mim. Foi até a porta, olhou de novo e falou:

- Se eu contar, jura que não conta pra diretora, nem pra inspetora, nem pra ninguém, senão elas vão atrapalhar e ainda suspender todo mundo?

Sem saber se era certo ou não prometi que sim, pois a curiosidade já estava aguçada demais, pra pensar nisso. Então ele me falou sobre os rituais de passagem, da 4ª série para o ginásio. O que eles faziam, o que imaginavam que as meninas faziam.

Na passagem para a 5ª série, a primeira coisa que acontecia, era a mudança de horário, meninos e meninas tinham que se acostumar com um novo horário. Outro grave problema apontado por ele era a rivalidade entre grupos, alunos ou alunas que até a 4ª série pertenciam a um mesmo grupo, no ano seguinte, sem saber porque eram rivais. E tinham que vivenciar a rivalidade dia a dia.

- Então Cris, hoje é dia de alguns meninos que não são nossos amigos. Hoje é o ritual de passagem deles, hoje é dia de ver se eles são homens mesmo pra ficar no ginásio, mais risos.

- O que é esse ritual, Soda Pop?

- Olha lá, você prometeu não contar, se contar Cris, nunca mais entro aqui e ninguém mais da minha turma e olha que ela é grande. É o seguinte, hoje na hora do recreio a gente vai pegar uns meninos da 5ª e fazer eles surfar, só isso, risos. E eu que vou comandar.

Preocupada com a promessa que havia feito, perguntei o que era surfar e como e onde eles faziam isso. Apesar de estar com medo da resposta reforcei a promessa, sabia que mesmo que não concordasse não poderia sair da biblioteca e contar pra outras pessoas o que ia acontecer, tinha uma ligação muito forte com todos que freqüentavam a “biblio” e imaginava também que não devia ser nada grave, pois havia entendido que já acontecera outras vezes.

- Surfar, risos. Ué Cris você não sabe o que é surfar? Risos e dessa vez bem alto. Balançando os braços como se estivesse em uma prancha.

- Sei, mas aqui na escola nem imagino como fazer isso, ainda mais em quinze minutos.

- Bom, olha lá hein, "cê" prometeu. É assim, a gente escolhe uns meninos e na hora do recreio leva pro banheiro, manda eles tirar as roupas, "tudinho" até a cueca, risos, depois manda ele subir no vaso sanitário e imitar que ta pegando onda e as vezes da uns tapas na bunda dele pra ver se tem equilíbrio. Risadas.

Sem ação nenhuma perguntei porque faziam isso, o que acontecia com quem se recusava e há quanto tempo eles faziam isso.

- Ué, por que fizeram isso comigo, com todo mundo que entrou na 5ª, faz muito tempo, acho que você nem dava aula aqui ainda e ninguém recusa não, senão depois fica famoso como "viado", rindo alto novamente. E a gente afunda a cabeça dele no vaso cheio de urina. Cris, nem vem com essa cara não, não conta.

Contou-me como foi no dia que ele teve que passar por isso, que era uma coisa de todos os grupos, que certamente alguém do grupo deles também seria pego pelos rivais num dia qualquer. E que isso que era legal na escola, eles organizavam o cotidiano deles e enganavam a "véia" que cuidava do banheiro, porque mesmo com medo ninguém contava o que se passava e também não a deixava entrar no banheiro na hora da gritaria, diziam que era apenas briga boba.

Passei o resto do tempo pensando na conversa que tive com Soda Pop, em como tratar essa questão? Se devia ou não contar pra alguém, ou pelo menos tentar entrar no banheiro na hora do recreio, desisti logo, pois ficaria claro que alguém havia me contado. Não sabia se podia ou não e não seria difícil para os amigos descobrirem quem me contou.

Resolvi não contar pra ninguém e esperar o resultado desse ritual, ver se descobria quem foi "o surfista" do dia e acompanhar mais de perto esse processo e também me aproximar dos adolescentes.

Nunca descobri quem havia "surfado" naquele dia, no dia seguinte Soda Pop retornou à biblioteca rindo e dizendo que tinha sido muito 'loco "o ritual de passagem e que os meninos novos eram "o bicho". E também agradecer o meu silêncio.

Depois daquele dia sempre soube as datas em que aconteciam os rituais, os alunos/nas passaram a confidenciar outros segredos, idéias, sonhos e a nossa amizade se fortalecendo. A “biblio” como era chamada por eles, acabou virando um espaço de jovens.

Pony Boy era um adolescente de 17 anos, não havia concluído o ensino de 1^a a 4^a série, portanto era aluno regular da FUMEC, quando o conheci estava pela terceira vez tentando terminar o PEB¹⁸ III. Era filho de um policial e tinha apenas uma irmã.

O relacionamento de Pony Boy com a família era muito complicado, um jovem viciado em drogas, andava armado, praticava pequenos assaltos e aterrorizava os moradores da vizinhança. Na escola brigava muito com todos por qualquer motivo.

Ficava a maior parte do tempo fora da sala, conversando com o guarda ou a merendeira, passava todos os dias, antes da aula na biblioteca, ficava muito pouco, só o tempo de ler uma página do livro ou narrar alguma de suas aventuras, ele era o herói em todas elas.

Uma noite foi diferente, Pony Boy não passou na “biblio” antes da entrada, que acontecia às 19:00 horas. Mais tarde alguns alunos de sua turma foram até a biblioteca pra retirar ou entregar livros e comentaram que ele estava muito irritado, falante e que possivelmente estivesse bêbado e dizia estar armado.

No meio do período de aula, Pony Boy chegou na biblioteca falando alto, dizendo que havia discutido com a professora.

- Cristina, eu sai da sala, senão dava uns “pipocos” na dona, essa professora é muito chata. Acho que “pirou” ou é maluca mesmo.

Falando isso retirou um revólver do bolso e colocou sobre a mesa. Pedi que guardasse o revólver, ele respondeu que não “pegava” nada e disse que se poderia ficar ali até a hora de ir embora.

Sentou-se e falou:

- Posso ajudar? O que você tá fazendo?

- Encapando livros. Vai ajudar? Se quiser pode guardar, aquela pilha que tá ali. Já separei pelos números, não vai ser difícil.

¹⁸ Programa de Educação Básica.

- Não quero ficar aqui sentado também, respondeu rindo. “To cansadão pacas”, se bem que acho que minha mão é muito grande pra encapar livro, é mão de homem que pega em arma. Quer segurar um pouco?

- Não Pony Boy e se não guardar ela, vai ter que sair.

- Ué quem vão me tirar daqui? O guarda, aquele tampinha, um soco só e quebro ele no meio? A dona? Ai dou uns pipocos nela é uns no “cê” também. Meu cê não reparou o perigo que corre nessa “biblio” à noite não! Risos. As salas ficam lá fora, longe, aqui dentro não tem nada, só você, o guarda fica lá na cozinha alugando a merendeira e você fica aqui sozinha. É só pular o portão, dar um chute na porta e pronto, “tamo” aqui dentro.

Pela primeira vez pensei nisso, à noite a biblioteca era um lugar perigoso, isolado e percebi que ele estava certo, fiquei com medo, o primeiro medo. Apesar do medo tinha certeza que ele não faria nada, nos conhecíamos há bastante tempo.

- Bom senta aqui, vou te explicar como encapa e você vai encapar esse que é bem fininho.

- Cara, eu to muito “loco” hoje, meu pai tentou me bater. Essa dona vem encher meu saco, acabou minha “farinha”, não acho o cara que me vende.

- Bem que você podia dar aulas pra gente, a molecada da tarde disse que você é “firmeza”. Que droga me dá outro plástico, esse aqui já foi. Risos..

- Pony Boy, seu pai sabe que você anda armado?

- Meu pai!!!! Sei lá, acho que sabe, também não to esquentando não.

Naquele dia só escutei, estava tensa e com medo, olhava toda hora pra ele e pra arma, sabia que estava alterado e não sabia muito como responder as suas falas, então só o ouvi durante bom tempo.

Ele falou muito, inclusive palavrões, mas foi se acalmando, encapou três pequenos livros, ria, falava da professora, da classe e que nunca havia gostado da escola e que ia sair daquela também e nunca mais voltar.

Dois anos mais tarde foi assassinado pela polícia no bairro onde morava.

Isabel, 13 anos, inteligente, considerada por todos os professores a melhor aluna da 7ª série, freqüentava a biblioteca todos os dias e praticamente o dia todo. Lia, encapava e

tombava. ajudava na organização, no empréstimo para as crianças menores e também nos eventos promovidos pela biblioteca.

Os pais, eram evangélicos, o irmão mais velho não seguia nenhuma religião, o caçula era obrigada a frequentar o culto e ela resistia, ainda não sabia ao certo qual religião seguir. Falávamos muito sobre esse assunto. Um dia ela apareceu chorando:

- *Cris, posso ficar aqui hoje o dia todo, sem entrar na aula, por favor!*

- *Não Isabel, você sabe que não, qualquer dia a diretora me dá uma advertência por culpa de vocês. O que foi?*

- *Nada. Que ódio! Que ódio!*

- *Nossa Isabel, calma, fica aqui, depois eu me viro com a OP, o que aconteceu?*

- *Acho que não quero crescer, ser grande. Adultos são todos estressados, egoístas, mal humorados, não quero crescer, casar, ter filhos. Queria morrer.*

Fiquei olhando e perguntei:

- *Eu sou assim também?*

- *Assim como?*

- *Estressada, mal humorada e tudo isso aí que falou, porque se for, também não quero mais ser adulta. Como faço pra voltar atrás? Como você vai fazer para não crescer? Isabel o que foi a briga? Brigou com quem?*

- *Com ninguém por isso que to chorando, porque não briguei, fiquei engasgada. Imagina só que meus pais já não dão certo, acho que não se gostam mais, ou sei lá. Só brigam quando estão em casa, o tempo todo.*

- *Isabel, é que é final de ano, seu pai tem um trabalho difícil, sua mãe também, eles se preocupam com você, o Jair e o Tiago, o futuro de vocês, sua mãe já me falou disso e eles têm planos diferentes pra vocês, é isso.*

- *Planos diferentes, não dá a ele o direito de bater no Tiago, um filho bom, um menino que nunca deu trabalho e dizer que tá estressado. De onde saiu isso agora? Strees! É moda faltar com respeito e dizer que é culpa do stress?*

- *Certo, o Tiago é ótimo mesmo, mas por que seu pai bateu nele?*

- *Eu que vou saber, do nada. A gente tava assistindo Jornal Hoje, ele, o Ti e eu, de repente não sei porque ele deu uma chinelada na perna do menino, a perna dele ficou roxa.*

- *À toa? O Tiago não fez nada?*

- *Nada, ai eu fui reclamar ele me mandou ir pro quarto, senão me batia também, disse que ta estressado demais, cansado demais. Peguei o Ti levei pro meu quarto e ficamos lá chorando até agora pouco, ele dormiu e eu vim pra escola, mas antes passei no bar e mandei o Jair voltar pra casa pra proteger o Ti. Eu odeio ele, ela, nós odiamos os dois.*

- *Isabel, seus pais são bons, você, o Ti e o Jair, têm tudo. Ele reclama, mas compra todas as roupas que você pede, mesmo achando que a igreja não vai gostar e que o pastor vai dar bronca nele. Acho que é uma fase. Meus pais também brigavam, pai é sempre assim.*

- *Seu pai te bateu já.*

- *Não, nunca. O seu já te bateu?*

- *Não, mas bater no Ti é a mesma coisa que bater em mim.*

- *Ele não bateu no Ti, Isabel, deu uma chinelada é diferente.*

Passamos a tarde toda conversando sobre família, pais e filhos e naquele dia não consegui deixar Isabel melhor, ou com menos ódio. Ficou chorando o tempo todo, reclamando da família, do modelo de pais que não queria ser, nem ela, nem Jair o irmão mais velho. Jair estava no 1º ano do Ensino Médio, havia estudado naquela escola todo o Ensino Fundamental, Tiago o caçula estava na 4ª série.

Seus pais haviam se casado muito cedo e estavam se deparando com o sério problema de como educar filhos adolescentes.

Cada conversa que tinha com alunos me recordava da infância e adolescência na periferia, família numerosa, problemas na escola e agora com um novo problema a violência e droga, problemas que não vivi na adolescência. Qual estrutura o bairro oferecia para aqueles jovens e suas famílias. De que maneira a escola poderia interferir na vida de cada aluno, preparando-os para os rituais de passagem, das drogas e surras dos pais, ou seja, para a entrada na vida adulta.

Como a cultura produzida na rua, ajudaria cada um deles na elaboração dos problemas a serem enfrentados por eles, como ela responderia todas as perguntas pensadas e não feitas por medo. Como a música presente na vida de todos e em especial o rap, ajudaria também a compreender sua história de vida e a história do bairro.

Foi nessa escola também que iniciei meu trabalho com literatura e filmes sobre o universo adolescente, música e cinema em inúmeras mostras de vídeos, concursos de poesias, Hip Hop e sons ambientes.

A biblioteca havia se transformado num lugar de encontro e trocas, de discos, livros, figurinhas, gibis. Às vezes ficava mais lotada que o pátio. Lembrando a escola da minha adolescência, falei com a diretora se era possível tocar músicas durante o tempo em que ela estivesse aberta e sem ninguém realizando pesquisas.

Ela autorizou, a música era freqüente, rap, rock, sertanejo, baladas românticas, tudo era tocado no rádio. Uns tentavam copiar as letras, outros sabiam de cor, cantavam, assobiavam, reinventavam a canção.

Enquanto a minha identificação com os alunos ia crescendo, eu ia me distanciando dos professores da escola, que criticavam meu trabalho. Os livros haviam perdido a cor. Os alunos não cumpriam os horários antes estipulados, quase todo material era acessível a todos e quem não estudava na escola também tinha acesso.

Antes os livros eram organizados pela cor. Primeira série, somente livros com durex vermelho, ou seja, todos os livros sem texto. Segunda série, amarelo, livros com frases curtas e muita ilustração. Terceira série a cor era laranja, livros com mais textos e poesias curtas a quarta série, verde, poesias e livros de Ana Maria Machado, a partir daí as séries passaram a se dividir também, cada turma uma série, a daquela turma era a Série Girassol e os gibis. Somente a quarta série lia gibi.

No ginásio não era diferente. Quinta série só podia retirar livros com marcadores azuis, todos da série Vaga-Lume, nenhum outro. Sexta série a cor era rosa e os livros da série Reencontro, a cor da sétima série, vinho e os livros da Coleção Veredas, a oitava série tinha acesso aos Clássicos que vinham com a tarja preta e as poesias.

O fato era que, os livros que todos queriam ler acabavam sendo proibidos a todos, porque nunca ninguém queria ler o livro da sua série. O que na realidade era um problema, porque eles pediam para os amigos ou irmãos emprestarem e a devolução nunca ocorria no

prazo certo porque um emprestava para o outro e ninguém queria assumir a multa ou suspensão.

Havia ainda alguns livros que eram proibidos para os alunos como Agatha Cristie, Edgar Allan Poe, algumas bibliografias, revistas. No ano que entrei na biblioteca acabei com as cores e emprestava tudo o que era possível para os alunos. Como alguém podia gostar de ler, se a leitura na biblioteca de uma escola era “proibida”? Era o lema da biblioteca: “Aqui você desenvolve o gosto pela leitura, freqüente esse espaço”.

A biblioteca foi aberta para ex-alunos e moradores do bairro. Muitas mães iam buscar livros ou estudantes de outras escolas pegavam livros que não achavam na sua.

Ampliei o horário de atendimento, mantive o fixo de cada classe, mas deixei aberto o melhor horário para cada um retirar o livro para leitura, ou mesmo fazer a leitura na biblioteca, o que era proibido também, o tempo de permanência para cada dupla era de cinco minutos.

Tudo isso era o contrário do que pensavam os professores da escola a respeito de organização e disciplina, que com certeza desconheciam Paulo Freire que escrevia que disciplina se conquista com liberdade.

O professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar”, ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento do seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 2004, p.60).

Em 1998 consegui, organizar a **I Mostra de Cinema** da escola, embora trabalhasse na biblioteca há quatro anos e a vontade fosse antiga alguns problemas inviabilizaram a idéia, como lugar pra exibir filmes, tempo de duração da mostra e horário . A idéia de chamar de Mostra de Cinema, era para fazer a ligação entre as que aconteciam em São Paulo e Rio de Janeiro e discutir a importância e a magia da “telona” na vida sócio-cultural da pessoa. Na realidade era uma mostra de vídeo.

Foi uma mostra tímida, com poucos filmes e sem um lugar específico, o vídeo era levado até a sala e os alunos assistiam. Em 1999 já melhor estruturado aconteceu a **II**

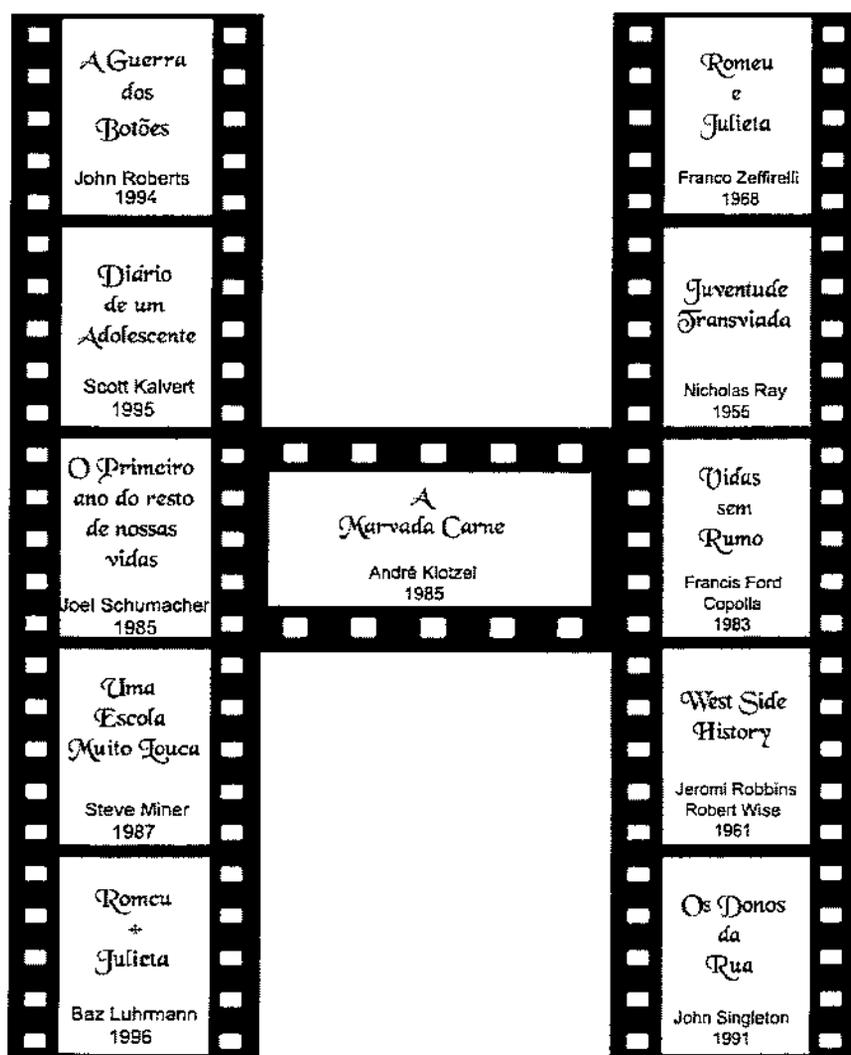
Mostra de Cinema, o espaço utilizado foi o da biblioteca, durante uma semana não haveria empréstimo de livros, pois a mostra funcionaria em cinco horários diferentes.

Os filmes foram escolhidos para crianças, jovens e adultos, filmes que não tinham obtido grande sucesso no circuito comercial e que ajudariam na a responder algumas questões postas pelos adolescentes.

Foram feitos 30 convites por sessão, com cores diferentes, uma para cada horário, só entrava na sala quem tivesse convite.

Os trinta convites disponíveis eram retirados com antecedência pelo interessado. A divulgação dos filmes e desenhos foi feita durante uma semana, com cartazes ampliados e a sinopse dos filmes. Após cada sessão era feita a avaliação pelo público.

Filmes exibidos na II Mostra de Cinema:



Filmes escolhidos por retratarem o universo dos adolescentes e seus conflitos: romance, sexo, drogas, discriminação racial, família. Para abordar esses temas os diretores buscam novos recursos como: música, dança, jogos e brincadeiras, que fazem parte do cotidiano do adolescente.

O filme “Os Donos da Rua”¹⁹ foi sugestão do meu irmão caçula e “rapper”, ele conhecia bem o bairro e tinha certeza que os alunos gostariam do filme e da abordagem sobre questões tão bem conhecidas pelos adolescentes do bairro como amizade, violência, racismo, exclusão, busca de identidade.

O filme foi bem aceito pelos alunos, alguns haviam se identificado mais, abordaram timidamente algumas questões que acharam interessante. Foi esse o primeiro contato do Hip Hop com a escola. Já o conhecia da minha casa embora não prestasse tanta atenção, pois nesse tempo “minha praia era outra”. Meu irmão caçula e sobrinhos já freqüentavam espaços do Hip Hop e já ouviam rap, eu rock and roll e achava muito estranha a influência que o Hip Hop exercia sobre eles.

Aproveitando o sucesso da mostra e o interesse dos alunos pelo filme, organizei também **I Concurso de Hip Hop** na escola. Todos alunos da 1ª a 8ª série e FUMEC poderiam se inscrever nos segmentos de Rap, Dança de Rua ou Graffiti. Às inscrições poderiam ser individuais ou em grupo.

A inscrição para o Rap e o Graffiti estava vinculada a entrega do material antes, para uma pré-seleção. Foram selecionadas 10 letras e marcada duas apresentações, em cada uma delas seriam classificadas 02 letras e na final os quatro melhores se apresentariam para a disputa do melhor rap, os 20 melhores desenhos seriam grafitados no muro da escola, próximo à quadra de esportes, um tamanho de 02 por 02. Para o dia da final foram convidados grupos de rap, b.boys e grafiteiros da região.

Em 1994 inicio minha jornada noturna com aulas em uma escola Estadual no Jardim Nova América, para alunos de 5ª a 8ª séries nos períodos da tarde e noite. Reorganizei meu horário na biblioteca para trabalhar duas tardes dando aulas. A única certeza que tinha para com esse grupo de alunos era de que não poderia falhar como pessoa humana. Como professora, algumas dúvidas. O que e como ensinar? Como pessoa a certeza de que todos e

¹⁹ Os donos da Rua – 1991- diretor John Singleton.

todas, independente da condição social ou etnia, eram seres humanos e que suas angústias, medos e dúvidas seriam respeitados. E com essa certeza fui para o meu primeiro dia de aula de História, levando como primeira aula a letra da música “Esses Humanos”.²⁰ Uma música que os alunos que freqüentavam a “biblio” da escola me apresentaram e que diziam ter muita identificação com eles e modelos dos pais e professores.

Esses humanos que circulam
Pela cidade aí afora.
Eu não agüento, eles querem me conquistar.
Eu não agüento, eles querem me controlar.
Querem me obrigar a ser do jeito que eles são.
Cheios de certeza e vivendo de ilusão.
Mas eu não sou, nem quero ser igual a quem me diz.
Que sendo igual eu posso ser feliz.
Seres Humanos.

Esta é uma leitura inteligente e agradável da sociedade atual, onde o adolescente não se encontra. Os modelos são os pais, mães ou professores, na visão dos adolescentes, adultos fracassados e frustrados. A dúvida e a eterna busca de respostas são a única certeza do adolescente.

Trabalhei em outras escolas²¹ como professora de História e séries iniciais, mas o que me marcou foi a experiência vivida nessa escola especificamente com uma 6ª série do período noturno, a procura da compreensão de como era construída a rima que unia rua e escola e porque ela era tão sensível e difícil de acertar, como eram estabelecidas as relações de poder na escola, equipe gestora, professores, alunos e funcionários. Quais eram os direitos que cada um tinha, independente do cargo que ocupavam? Como os alunos elegiam o “dono do pedaço?” Quem, na escola, poderia dar esse apoio?

A resposta veio rápida e direta. Quem mandava na escola era o diretor, porque ele tinha estudado pra isso e prestado concurso e ele delegava poder a quem ele quisesse, desde que compartilhasse das suas idéias. Alunos não tinham voz ou vez porque não sabiam nada. Em relação aos alunos a resposta veio dos mesmos. “Quem manda é o mais forte, ou o

²⁰ Supla – Álbum Humanos – 1985 - Supla

²¹ EE Paul Eugenne Charbonneau, EE Jardim Nova Mercedes, períodos manhã e noite, de 1996 até 2000.

protegido do traficante e, é claro, a mina bonita ou gostosa, sempre”.²² Nunca incluía as negras, gordas ou portadoras de qualquer outra deficiência, fora do padrão de beleza estipulado pela sociedade. Essa mesma regra era usada pra ridicularizar os outros, que não faziam parte do seletivo grupo, os únicos com um pouco de clemência eram os deficientes.

Nesse ano acontece a primeira perda próxima e significativa pra mim: meu pai falece em junho na madrugada em que o Brasil foi Tetracampeão na Copa do Mundo de 1994.

Em 1995 aparece pela primeira vez a vontade de ir procurar a universidade pra ajudar na compreensão das relações humanas e poder nas escolas. É uma questão maior: qual a relação entre “ensino/ aprendizagem”, até onde andariam os dois juntos e em que parte se separavam? Procurei participar de alguns grupos de discussões, mas me afastei, primeiro porque tinha uma carga horária muito extensa a cumprir, segundo, no início do ano de 1996, minha irmã mais velha, morre de aneurisma cerebral e deixa toda família mergulhada na mais profunda tristeza.

Quando fui pra universidade esperava buscar os vários “porquês” das relações humanas e de poder na escola, através da literatura infanto-juvenil e dos filmes que sempre trabalhei com os alunos.

Nos seis anos que coordenei o Projeto Biblioteca na EMEF²³ Prof. “Benevenuto de Figueiredo Torres”, aprendi junto com as alunas e alunos a ler, gostar e se interessar pela literatura infanto-juvenil, gosto que conservo até hoje.

Nos seis anos de coordenação os autores mais lidos e debatidos pelos alunos foram:

- Álvaro Cardoso Gomes
 - A Hora da Luta – Editora FTD. Coleção Beto e Lúcia Helena.
 - Para tão Longo Amor – Editora Moderna. Coleção Veredas.
 - A Hora do Amor – Editora FTD. Coleção Beto e Lúcia Helena.
 - Amor de Verão – Editora Moderna. Coleção Veredas.

- Pedro Bandeira

²² Conversas feitas em lanchonetes, ônibus ou durante o intervalo, que sempre fiz com alunos.

²³ Escola Municipal de Ensino Fundamental

- A Marca de uma Lágrima – Editora Moderna. Coleção Veredas.
 - Agora estou Sozinha – Editora Moderna. Coleção Veredas.
 - O Fantástico Mistério de Feiurinha – Editora FTD. Coleção Terceiras Histórias
 - Coleção “Os Karas” – Editora Moderna. Coleção Veredas.
- Marcos Rey
 - O Mistério do Cinco Estrelas – Editora Ática. Série Vaga Lume.
 - Sozinha no Mundo – Editora Ática. Série Vaga Lume
- Ivan Jaf
 - Beijo na Boca – Editora Moderna. Coleção Veredas.
 - A Primeira Vez – Editora Moderna. Coleção Veredas.
 - Jovens Brasileiros – Editora Moderna. Coleção Veredas.
- Lygia Bojunga
 - A Casa da Madrinha – Casa Lygia Bojunga.
 - A Bolsa Amarela – Casa Lygia Bojunga.
 - Os Colegas – Casa Lygia Bojunga.
- Elias José
 - Cantigas do Adolescer – Editora Atual.
 - Uma Escola assim eu Quero pra mim – Editora Atual.
- Bartolomeu Campos Queiroz
 - Indez – Editora Global.
 - Diário de Classe – Editora Global.
 - Por parte de Pai – Editora Global.
- Wagner Costa

- Eu Pescador de Mim - Editora Moderna. Coleção Veredas
- Ai, Né e depois - Editora Moderna. Coleção Veredas
- Márcia Kupstas
 - Clube do Beijo – Editora Rocco
 - Crescer é Perigoso - Editora Moderna. Coleção Veredas
 - É Preciso Lutar – Editora FTD. Coleção No Meio do Caminho
 - História da Turma - Editora Moderna. Coleção Veredas
- Telma Guimarães
 - Caderno de Perguntas de Rebeca – Editora Atual
 - Diário nem Sempre Secreto de Pedro – Editora Atual
 - Pedro Médio e Rita Doce – Editora Atual
 - Infância Roubada – FTD. Coleção No Meio do Caminho.
- Júlio Emilio Braz
 - Felicidade não tem Cor - Editora Moderna. Coleção Veredas

Quando resolvi procurar a universidade queria dialogar com esses autores e diretores dos filmes já citados anteriormente. Minha experiência na biblioteca havia sido positiva e sentia necessidade de me aprofundar nesse assunto e acreditava que lá teria o suporte. Na época uma amiga da biblioteca indicou o Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem (GPPC) e ou o Grupo de Estudos Movimentos Sociais, Educação e Cidadania (GEMDEC).

Cheguei a participar de algumas reuniões dos dois grupos acompanhada da minha amiga que também tinha interesse em refletir sobre a sua prática na biblioteca, mas pelos motivos já escritos não segui adiante.

A Rua, a Rima e a Escola na Universidade.

Com a vitória do Governo Democrático e Popular (PT), fui convidada em 2002 pela professora Dr^a Corinta Maria Grisolia Geraldi, Secretária da Educação para desenvolver um projeto com adolescentes num programa que recebe o nome de “A Escola é Nossa” e que seria desenvolvido pelo Governo, nas Escolas Municipais.

O convite surgiu após a professora conhecer meu trabalho com os adolescentes na Escola Estadual em que trabalhei em 1993 e também a minha militância política que sempre foi Criança e Adolescente e a Educação, além de ter sempre trabalhado em escolas públicas.

Esse projeto me daria a possibilidade de resgatar nas escolas o debate sobre o respeito à voz do outro, as culturas do entorno da escola, ou mais especificamente, a cultura de rua. E também me levaria a refletir sobre a importância do conhecimento acadêmico para fortalecimento do debate nas escolas. Muitas vezes professores me perguntavam: - *Essa sua prática tem fundamentação teórica?* Entendi que só na universidade acharia essa fundamentação, porque, na realidade, havia uma outra pergunta implícita. Você é pós-graduada?

Mantive contato com o GEPEC²⁴, no primeiro semestre de 2002, freqüentei a disciplina da professora Dr^a Maria Cristina Menezes como ouvinte e em julho desse ano começo a elaborar o projeto a ser apresentado à Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP para tentar uma vaga no GEPEC, em setembro daquele ano. Em agosto fui surpreendida por um câncer de mama seguido de mastectomia. Com muito medo e vontade, não desisti do projeto que, para elaboração final e entrega, contou com a ajuda de um grande amigo que o tempo transformou em irmão, o professor José Antonio de Oliveira, membro do GEPEC, que na época também havia decidido voltar para a Faculdade de Educação da UNICAMP para concorrer também a uma vaga no Mestrado.

Após projeto, prova e entrevista, fui selecionada para o mestrado e no ano de 2003, começo a cursar as disciplinas, dividindo o tempo entre prefeitura e fisioterapia. As disciplinas que cursei no primeiro semestre de 2003 foram:

²⁴ GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

- Atividades de Pesquisa Programada I e II, com a professora Dr^a Maria Cristina Menezes.

Debate e reelaboração do projeto de pesquisa dos alunos ingressantes no Mestrado

- Cultura, Educação e Leitura, com a professora Dr^a Norma Sandra de Almeida Ferreira e a professora Dr^a Lilian Lopes Martin da Silva.

A disciplina se propôs a analisar a questão da leitura e cultura ocidental em tempos de novas tecnologias, estudando também a história da leitura no Brasil.

- Seminário II, com a professora Dr^a Maria Cristina Menezes.

Seminário que abordava temas específicos, nesse caso a Cultura Escolar, dialogando com os autores Antonio Vaino, Dominiqui Julia, Michel de Certeau.

No segundo semestre curso as disciplinas:

- A Produção das Relações de Ensino - Sujeitos, Tempo, Espaço, com a professora Dr^a Roseli Aparecida Cação Fontana e a Professora Dr^a Ana Lúcia Guedes Pinto.

Tendo como interlocutores Vygotsky, Bakhtin e o paradigma indiciário de Ginzburg, a disciplina procurou analisar as formas de organização da dinâmica na sala de aula.

- Memória, Modernidade Capitalista e Educação com a professora Dr^a Maria Carolina Bovério Galzerani.

A partir da leitura de Benjamin a disciplina debateu a questão da memória, educação e a modernidade capitalista, no mundo contemporâneo.

A escolha do GEPEC deveu-se à necessidade de compreensão sobre a Cultura Escolar e também a escolha da orientadora ser referência na área. Mas, na realidade não foi isso que aconteceu. Houve um distanciamento entre a Cultura de Rua, representada por mim, e a Cultura Escolar representada por ela. Afastamento que me levou a pensar muitas vezes nas escolas e alunos, nesse distanciamento que ocorre todos os dias nas escolas de Ensino Fundamental do país.

No primeiro semestre de 2004, após a conclusão das disciplinas APPs²⁵ não havia ainda encontrando minha orientadora, para organização da dissertação embora soubesse que seu grupo de orientandos se encontrava com ela, não sabia o que fazer com o produzido. Sem

²⁵ Atividade de Pesquisa Programada.

vontade de continuar, retorno pra Faculdade de Educação da Unicamp, com a certeza de que a universidade não era diferente das escolas em que eu havia passado como aluna e como professora, ela também tinha um seletor grupo e com eles senti o que meus alunos sentiam e talvez tenha sentido mais forte do que na adolescência. O que, eu a diferente do grupo, fazia lá? Que direitos eu pensava ter pra discutir “Hip Hop” com aquele grupo? Qual a importância desse tema para a universidade?

Quando ouvia essas falas me recordava de Elaine Nunes Andrade e outros que haviam sofrido também a discriminação nas escolas e academia por pesquisar temas considerados marginais.

Embalados na onda desse fato social contemporâneo, cada autor dessa coletânea procurou compreender a dinâmica dessa fenomenologia negra urbana. Em iniciativas isoladas, cada qual em seu campo de trabalho ou de pesquisa, desenvolveu atividades e leituras científicas significativas sobre esse movimento. Todos encontraram resistências tanto no âmbito acadêmico quanto no cotidiano escolar, em que determinados assuntos costumam ser vistos como “marginais” e sem importância social e educativa. (ANDRADE, 1999, pg 10-11).

Percebi que aquele lugar não era o local de discussão de uma escola inclusiva, joguei fora o produzido, não era na Faculdade de Educação ou naquele grupo ou momento que eu discutiria a produção dos saberes do entorno da escola, criação da identidade juvenil com a escola, aprendizagem e humanização nas relações de poder, porque até aquele momento eu não havia encontrado nada daquilo ali.

Naquele momento mais uma vez me identifiquei com os alunos das escolas em que dei aulas, o diálogo de surdos que se estabelecia entre eles e a escola era o mesmo que estava sendo estabelecido entre a universidade e eu.

A negação do meu “saber” em relação ao saber acadêmico deixava claro o valor que a academia dava a cada cultura.

No início do segundo semestre de 2004, já decidida a abandonar o mestrado e ser feliz, voltei para as aulas de violão. Nesse meio tempo fui convidada por duas amigas pra assistir aulas como aluna ouvinte, de Antropologia Cultural com a professora Neusa Gusmão e Atividades de Pesquisas Programadas com a professora Ana Lúcia Goulart de Faria, ambas no GEPEDISC (Grupo de Estudos e Pesquisa em Diferenciação Sócio-

Cultural). Após muita resistência da minha parte e insistência da parte delas aceitei o convite. E diferente do que havia acontecido com meu antigo grupo de pesquisa, nesse grupo encontrei escuta, pela primeira vez apresentei o meu trabalho.

A idéia inicial, o pouco que havia sobrado. Questões sobre rituais de passagem da infância para a adolescência e a proximidade entre rua e escola como espaços para os adolescentes, já que as duas são espaços públicos e se complementam. A rua é um espaço de ações coletivas e escola é um lugar de individualizações das pessoas.

Os participantes dos dois grupos se interessaram pela minha produção, deram algumas dicas de leitura e troca de idéias, me indicaram a participação no III Seminário de Teses e Dissertações em Andamento realizado na Faculdade, combinamos trocar os escritos de cada um para leitura e apreciação.

Nesse grupo voltei a pensar na idéia de discutir identidade e humanização das relações de poder na escola e até mesmo currículo. A escola de tantas idas e vindas, com laços que se desfazem e se enlaçam com facilidade. Como professora ou como aluna, a busca de sentidos e significados na escola ainda existia. Uma das professoras do grupo me aconselha a voltar para o GEPEC, a procurar outro orientador no mesmo grupo, o professor Guilherme Toledo ou a professora Corinta Geraldi e junto a eles retomar minha pesquisa.

Termo o ano de 2004 decidida, após muitas conversas, a mudar de orientação, entrar com pedido de licença para organizar minha cabeça, idéias, dúvidas, cirurgias. Já que havia passado por uma plástica, para reconstrução do seio, outras seções de fisioterapia e uma Embolia Pulmonar, sofrida pela minha mãe. De 2002 até aquele momento não havia parado nenhum instante pra pensar em tudo o que havia acontecido na minha vida e na velocidade dos acontecimentos.

Em 2005, com uma nova orientadora, retorno ao mesmo GEPEC e ao Seminário de Pesquisas, fundamental ao andamento das pesquisas do grupo que me acolheu e apoiou nos momentos de estudar a complexidade da escola: O que se constrói nela? A partir desse novo vínculo retorno ao meu projeto de pesquisa.

Nesse mesmo ano, licenciada oficialmente, participo do GEPEC através do Seminário de Pesquisa, encontros quinzenais às terças feiras à tarde. Como era o ano em que oficialmente eu estava licenciada da universidade, não consegui a dispensa para participação, mas nos poucos encontros de que participei pude fazer uma reflexão sobre a

minha pesquisa. Através da fala do outro, das apresentações de cada escrito, das dúvidas partilhadas, fui reconstruindo a minha pesquisa, iluminando meu percurso e possibilitando a ressignificação dos novos caminhos a trilhar.

Ainda em 2005 e ainda como aluna ouvinte, devido ao licenciamento, participei da disciplina Conhecimento, Ensino e Pesquisa, ministrada pela professora Dr^a Corinta Maria Grisolia Geraldi.

Embora fosse uma disciplina da Pós-Graduação, ela contou com a participação de um grande número de alunos ouvintes, que não tinham um único projeto em andamento, pelo contrário, tinham uma escola inclusiva como único projeto. Por isso a escolha da disciplina e da professora.

Quando falo do grupo, busco Michel Ende, espero que através de suas palavras eu consiga explicitar a importância desse grupo na minha pesquisa e no meu trabalho. Por ser um grupo que acredita na educação e que ainda permanece na escola e por não ter projetos em andamento, não se preocupa com publicações, prazo de integralização ou outros compromissos que possuem os pós-graduandos.

Michel Ende no início de seu livro “História Sem Fim” (1988) escreve:

As paixões humanas são misteriosas, e a das crianças não o são menos que a dos adultos. As pessoas que as experimentam não as sabem explicar, e as que nunca viveram não as podem compreender. Há pessoas que arriscam a vida para atingir o cume de uma montanha. Ninguém é capaz de explicar por quê, nem mesmo elas. Outras arruinam-se para conquistar o coração de uma determinada pessoa que nem quer saber delas. Outras, ainda, destroem-se a si mesmas porque não são capazes de resistir aos prazeres da mesa – ou da garrafa. Outras há que arriscam tudo o que possuem num jogo de azar, ou sacrificam tudo a uma idéia fixa que nunca se pode realizar. Algumas pensam que só podem ser felizes em outro lugar que não aquele onde estão e vagueiam pelo mundo durante toda vida. Há ainda as que não descansam enquanto não conquistam o poder. Em suma, as paixões são tão diferentes quanto o são as pessoas. (p, 06)

Foi o respeito, a vontade e a paixão pela educação que manteve o grupo unido durante todo o ano de 2006, as reuniões às terças continuam e o debate sobre uma escola inclusiva se aquece a cada encontro. Foi nesse grupo, mais que em qualquer outro lugar,

que consegui como um poeta as palavras perfeitas para a rima precisa que a educação necessita.

A proposta atual do grupo é organizar um livro com as experiências de cada um, mostrando ações de inclusão na escola pública, com todas as idades e lugares. É mostrar a desconstrução de um profissional e a construção de um educador, a construção feita a partir de outras vozes e olhares.

A proposta de iniciar minha novela de formação, na infância e na escola é a justificativa para estudar o movimento Hip Hop como estratégia para a inclusão de adolescentes que, como eu, possuem um histórico de idas e vindas com a escola. Que tem registrado dentro de si, uma outra cultura, seja ela da família ou da rua. Eu sempre levei pra escola um pouco de cada, a formação cultural que meus pais me ofereceram em casa e a cultura que aprendi na rua com outras crianças e adolescentes.

A quinta geração Cassange, também resistindo, a exemplo de suas ancestrais, resistindo à discriminação, à exclusão, aos maus-tratos e ao abuso de poder da escola. Hoje venho responder aos meus pais e valorizar seu empenho, força de vontade e ajuda por me manter na escola, mesmo contra minha vontade.

Nesta história a minha relação com a escola parece ter sido sempre uma relação de amor e ódio, porque apesar de toda a resistência que sempre tive com a escola, me formei professora, duas vezes ainda, fiz Magistério e Licenciatura Plena em História e até hoje estou na sala, trabalhando com as crianças e adolescentes, acreditando que uma escola inclusiva é real, é possível. Gostando de estar na sala de aula e acreditando também que lá é um lugar que se aprende muito.

A partir do momento que a cultura escolar e a cultura de rua dividirem o mesmo espaço na escola, o adolescente terá Voz e Voz e a escola conseguirá a tão sonhada Paz. Como canta o grupo de rock O Rappa na música Minha Alma: **pois a paz sem voz não é paz é medo**. As escolas vivem em intenso estado de medo, professores com medo dos alunos e alunos com medo da escola.

Para que isso aconteça será necessário um investimento na formação dos professores, uma formação diferenciada, onde a pessoa humana tenha mais valor que o aluno. Cléo Fante em seu livro Fenômeno Bullying afirma:

Esse despreparo dos professores ocorre porque, tradicionalmente nos cursos de formação acadêmica e nos cursos de capacitação, são treinados com técnicas que unicamente os habilitam para o ensino de suas disciplinas, não sendo valorizada a necessidade de lidarem com o afeto e muito menos com os conflitos e sentimentos dos alunos. Acreditamos que os professores deveriam ser preparados para educar as emoções dos seus alunos. (2005, p 68).

Breve Histórico do Movimento Hip Hop

Respeito mútuo é a chave.

É o que eu sempre quis.

(Mano Brown)

O Hip Hop é um movimento sócio-cultural de resistência à discriminação racial, à pobreza, à violência e à exclusão social, a que são historicamente expostos os negros, os moradores da periferia, as mulheres e os adolescentes.

A exemplo do Movimento Hippie, que na década de 60 contestou os valores estabelecidos pela sociedade capitalista, combatendo o consumismo e a padronização, nascido também nos Estados Unidos, criado pela juventude da classe média, para entre tantas coisas dizer não a Guerra do Vietnã e a violência racial, fisicamente marcado pelos cabelos compridos, no caso dos negros o black power, traço que escandalizou a elite e exacerbou a repressão policial, o Hip Hop traz a mesma proposta: contestar os valores atuais e lutar pela valorização da cultura jovem e afro. Como movimento de resistência criou suas músicas, dança, linguagem e também seu modo de se trajar, fugindo aos padrões e à ditadura da moda.

O movimento da juventude negra brasileira enriquece o debate sobre a questão racial, a exclusão social e escolar e violência. A juventude negra e periférica vem gritando forte e alto, gritos engasgados, entalados, calados e abafados por quase 500 anos, obrigando os meios de comunicação e a sociedade a voltar os ouvidos para os guetos, ocultos do mundo e para o mundo. A juventude compreendendo, o descaso com que vinha sendo tratada, grita o seu “basta” e sua proposta de vida e mudança, a cultura Hip Hop.

Suas músicas, relatos da vida na periferia; suas roupas um jeito de dizer não às grifes criadas para a sociedade da moda ²⁶, trazem um pouco de sua história: “Negro é

²⁶ “Cavalera”, “Diesel”, “Zoomp”, “M. Officer”.

Lindo”, “XXL”, “Pixahim”²⁷. A música e as roupas constituem o ponto alto da difusão e propagação da cultura Hip Hop.

Segundo Canevacci pela primeira vez na história da humanidade, e forma tão nítida e radical, os jovens provenientes de qualquer classe (burguesa, operária e popular) são emancipados da produção agrícola e podem atirar-se ao consumo. (pg 24).

O Hip Hop foi organizado em meados da década de 1970 por um negro chamado Afrika Bambaataa, que juntamente com Grandmaster Flash e Kool Herc organizaram as ruas e os discos que faziam a festa de negros e latinos no bairro do Bronx, nos Estados Unidos. Foram os primeiros DJs²⁸, e começaram com dois tocas discos a “encaixar” uma música na outra sem que isso fosse perceptível. Mas isso ainda era pouco, então surgiram os MCs (Mestre de Cerimônias) que incitavam o público falando rimas ao microfone, um costume trazido da Jamaica, mais tarde somados a essas duas manifestações surgiram o break e o graffite e o Hip Hop teve seu início. De modo geral, o Hip Hop (que significa pular sacudindo o quadril), se estabeleceu e se mantém como uma Cultura de Rua, de resistência política, propagando a autovalorização, a informação e o direito à cidadania. Influência um amplo segmento da juventude brasileira e mundial.

Os hip hoppers têm uma maneira diferente de se vestir, os “manos”²⁹ e as “minas”³⁰ tem seu estilo de roupa, para contrapor-se à cultura dominante que valoriza marcas e estilistas, que ditam o que é certo e errado nas revistas que seduzem as “patis”.³¹

A “moda” para as “minas” do movimento não poderia ir contra os ideais que o movimento defende, é mais uma das maneiras de divulgar seus valores. Uma forma de expressão da identidade da mulher, da cultura afro, do belo visto com outro olhar. Calças e bermudas largas, de cintura baixa, baby look, cabelos penteados com diferentes estilos, trancinhas, miçangas, bandanas, características que se tornaram moda e muitos já se vestem assim.

²⁷ - Susan E. Hinton no clássico da literatura juvenil *The Outsiders* escreve “a principal diferença entre os soks e os greasers era a roupa. O traje identificava o grupo que estivesse fora da sua região. Os soks americanos vestiam camisa xadrez e blusão com logotipo da escola, enquanto os greasers, mexicanos usavam jaquetas de couro e brilhantina nos cabelos. A história se repete na cultura Hip Hop a roupa identifica a que grupo um jovem pertence.

²⁸ - Abreviatura de Disc-jóquei. No rap é aquele que faz os efeitos sonoros das músicas.

²⁹ - Aquele que é reconhecido como um igual dentro do movimento Hip Hop.

³⁰ - Garotas do movimento Hip Hop.

³¹ - garotas ricas ou de classe média, representam a burguesia, e o gosot do mercado de consumo.

A maquiagem que acentua os traços, os brincos exagerados, os tamancos e sandálias plataformas, herança do estilo SOUL dos anos 70, botas, tênis, saias longas, são marcas do estilo Hip Hop.

Segundo Andréia Neve de Assis, rapper do grupo campineiro “4 Bases”, as “minas” abusam desse estilo principalmente nos bailes, pois sabem que os “manos” aprovam seu visual, que mostra que elas reafirmam sua negritude e potencial criativo. Essa informação saiu em uma conversa informal com a “rapper” na loja de roupas em que trabalhava, em um dia em que fui visitar a loja.

Os “manos” muitas vezes raspam a cabeça, usam camisetas com o rosto de ídolos do movimento americano ou jaqueta com os nomes dos times de basquete americano. É muito comum também o uso de tênis tipo skatista. Camisas e calças largas também acompanham os “manos” nas baladas³². Roupas usadas para chocar, ser diferente, mas, sobretudo para fazer parte do grupo, do movimento é a sua identificação com o grupo.

Um dos fundadores do movimento Hip Hop esteve no Brasil em 2004, para participar de eventos sobre a Cultura Negra e Juvenil e concedeu em 27 de agosto de 2004 uma entrevista ao jornal Folha de S. Paulo. Afrika Bambaataa, considerado um dos pais do Hip Hop aponta algo essencial ao movimento.

Folha - Qual a relação entre Hip Hop e a discussão de problemas sociais?

Bambaataa – É disso que eu falo quando insisto na importância do quinto elemento do Hip Hop, que é o conhecimento. Através do conhecimento que a pessoa envolvida com o Hip Hop vai começar a se preocupar com os problemas sociais do seu bairro, com o governo. As pessoas precisam reconhecer que a cultura Hip Hop salvou vidas, fez com que pessoas de etnias e nacionalidades diferentes se unissem. É preciso falar sobre a história do povo negro.

³² - festas

Folha – Mas o Hip Hop não está conectado somente à cultura negra, está?

Bambaaataa – Não, mas as pessoas precisam aprender a se respeitar e principalmente se conhecer. Você deve saber quem você é, de onde você veio, para que possa saber para onde vai no futuro.

Para Bambaaataa e outros seguidores do movimento, o conhecimento da sua história de vida e da cultura afro é o quinto elemento do Hip Hop com ele os hiphopers, são levados à reflexão e a mudanças de atitude.

Os Elementos do Hip Hop

O Hip Hop é formado por cinco elementos que dependem um do outro para sobrevivência: Break (dança de rua), Graffiti (arte), o Rap (Mcs) e o DJ, que controla os LPs nos toca discos, o famoso Scratch. O conhecimento é o quinto.

Cada um desses elementos tem uma importante representação dentro do Hip Hop a saber, informações obtidas na vivência com alunos e integrantes do movimento Hip Hop de Campinas.

Break – evolução natural do funk, uma dança que valoriza os movimentos robotizados. Alguns seguidores do movimento afirmam que esse tipo de dança é um protesto contra a Guerra do Vietnã, por meio de passos da dança que simulavam os movimentos dos feridos de guerra. “Cada movimento do break possui como base o reflexo do corpo debilitado dos soldados norte-americanos ou demonstra a lembrança de um objeto utilizado no confronto com os vietnamitas, como o próprio giro de cabeça” (Andrade, 1996). Nesse movimento, o dançarino fica com a cabeça no chão e, com pernas para cima, procura girar todo o corpo, esse movimento lembra as hélices dos helicópteros, usados no Vietnã. Nasceu em meados da década de 70 na área “pesada” do Bronx, nos Estados Unidos, nessa época as gangues viviam em constantes brigas, trocando murros, sopapos e tiros. O norte-americano África Bambaaataa, propõe como alternativa para as gangues o Break, ou seja, que resolvessem essas diferenças realizando competições de dança.

Bambaataa não acabou com a violência, mas fez muitos jovens trocarem essa vida pelo balé das ruas.

Os dançarinos conhecidos como garotos que dançam na quebrada da música, recebem o nome de Break-boying, ganhando a abreviatura de B.boy³³ ou B.girl³⁴, e a imprensa consagrou com o nome de Break.

No Brasil o Break chegou com Nelson Triunfo, um bailarino pernambucano que após dançar todos os estilos conhecidos do Maracatu ao Funk, conhece o Break e em 1983 funda o Grupo Funk e Cia. A partir daí a juventude descobre que o Hip Hop era um movimento e que podiam fazer parte dele.

O compromisso dos B.boys é passar o ideal da cultura Hip Hop para frente, ou seja, fazer a crítica social, conscientizar as pessoas dos problemas das favelas e periferias.

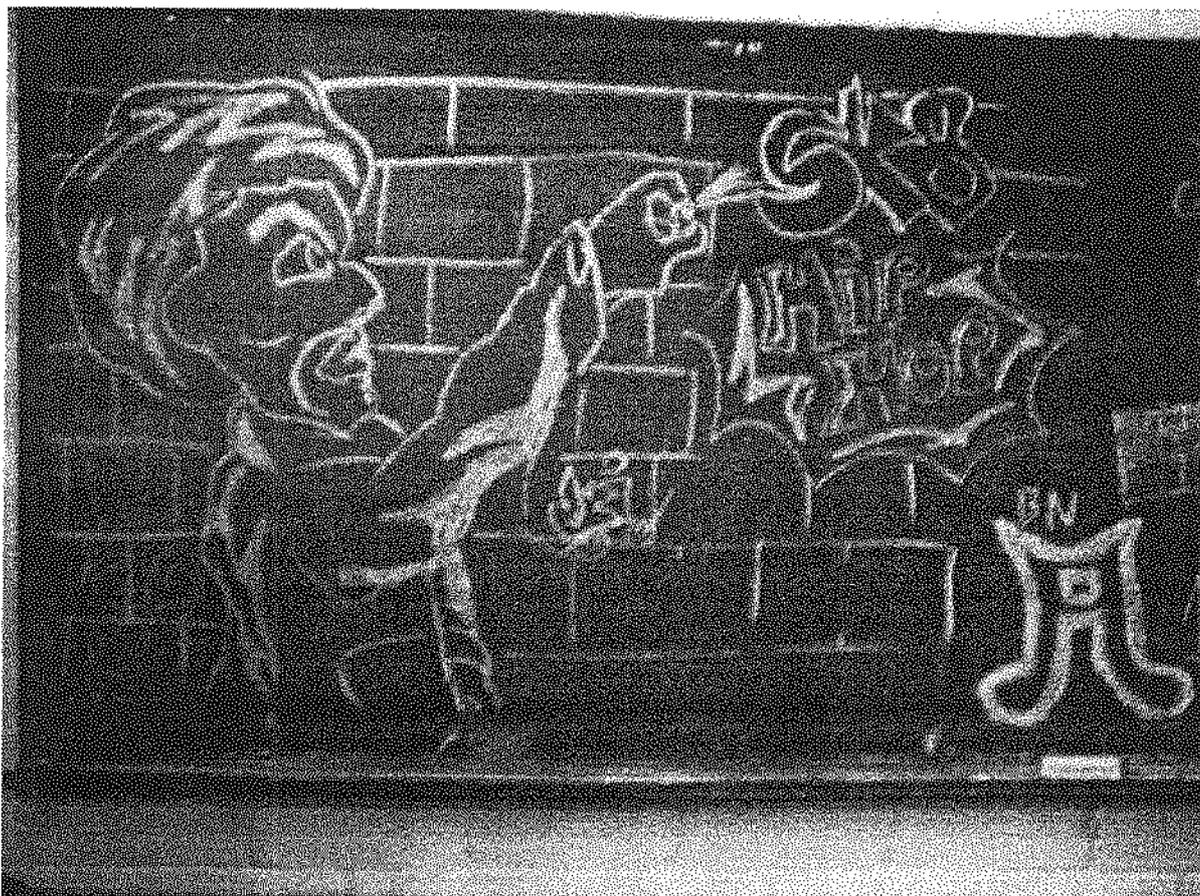
GRAFFITE: Também surgiu em meados de 70 provavelmente nos mesmos guetos freqüentados por Bambaataa. Os garotos que moravam nos guetos escreviam seus nomes nos muros dos edifícios públicos da cidade, nas placas de ruas e veículos públicos. Em pouco tempo cansaram de rabiscar letras e passaram a desenhar figuras misturando estilos e cores. Jovens que procuravam um meio de se manifestar sentiram-se atraídos pela nova forma de expressão e fazer pinturas em muros transformou-se numa forma artística de protesto. Os grafiteiros do Hip Hop expressam seu inconformismo diante da injustiça social. Atualmente o graffite é considerado uma arte marginal, uma vez que está associado à pichação, sendo o mais perseguido dos elementos do Hip Hop. Sofreu influência do Movimento Muralista Mexicano que após a Revolução de 1910, passa a pintar os muros dos prédios públicos mexicanos para denunciar à população as injustiças sociais do país. Esse movimento foi fundado por Diego Rivera, José Clemente Orozco e Davi Alfaro Siqueiros. Segundo Rama:

Toda tentativa de rebater, desafiar ou vencer a imposição da escritura, passa obrigatoriamente por ela. Poder-se-ia dizer que a escritura termina absorvendo toda a liberdade humana, porque só no seu campo se desenrola a batalha de novos setores que disputam posições de poder. Assim pelo menos parece comprova-lo a história dos graffittis na América Latina.

Pela parede em que se inscrevem, por seu freqüente anonimato, por suas habituais faltas ortográficas, pelo tipo de mensagem que transmitem, os graffittis atestam autores marginais às vias letradas, muitas das vezes alheios ao cultivo da escritura, habitualmente regadores, descontentes, desesperados. (1985, p.63)

³³ “B” é a abreviação de break e boy significa garoto. O termo refere-se ao garoto que dança break, um dos elementos artísticos da cultura Hip Hop.

³⁴ Feminino de B.boy



35

RAP: Iniciais de Rithym and Poetry. Gênero musical em que o vocalista (rapper) fala, em vez de cantar, em cima das bases instrumentais pré-gravadas. O rap é música de origem negra. Esteve na Jamaica, passou por Nova York onde integrou o Hip Hop e chegou ao Brasil. Música de protesto que denuncia injustiças sociais e retrata a vida e o cotidiano da violência na periferia. Muitos grupos no Brasil fazem do rap uma crítica social e tentam apontar soluções para alguns problemas: droga, violência, sexualidade, exclusão.

Para Genivaldo Oliveira Gonçalves, membro do grupo de rap GOG que leva o mesmo nome de seu fundador, *fazer letras mostrando o que é a marginalidade e apresentando saídas e uma coisa boa. Glorificar a violência é inadmissível.* Genivaldo foi vencedor em 2000 do concurso Hip Hop 2000 – Os melhores do rap, categoria letrista, devido a sua escrita elaborada, com bom português e sem excessos de gírias.³⁶

³⁵ Fotografia tirada em uma Oficina de grafite realizada na EMEF “Elza Maria Pelegrini de Aguiar” sob Coordenação dos grafiteiros Éder e Gustavo.

³⁶ Extraído do livro Hip Hop A Periferia Grita de Janaina Rocha, Mirella Domenich e Patrícia Casseano. 2001.

Existem vários estilos de rap os mais famosos são: Gangsta, Def, Bass, Bate-cabeça, Charm, Free Style, Funk Melody, Miami Bass.

- **Gangsta:** gênero de rap norte-americano que faz apologia do modo de vida dos gangsteres dos guetos negros. Ridiculariza a polícia e glamouriza as atividades ilícitas e criminais. No Brasil há poucos grupos representantes desse estilo.
- **Def:** estilo de rap nova-iorquino, com batidas mais lentas. Tocado em São Paulo.
- **Bass:** batida rítmica mais pesada.
- **Bate-cabeça:** estilo de rap mais ouvido pelos skatistas. Tem uma batida forte e pesada.
- **Charm:** estilo de rap melódico.
- **Free Style:** estilo de improviso nas rimas.
- **Funk Melody:** também conhecido como funk-brega. Rap romântico de grande sucesso na indústria fonográfica.
- **Miami Bass:** rap de ritmo acelerado, com batidas pesadas e versos curtos, originário de Miami. As letras falam do cotidiano de forma engraçada e picante. Executado principalmente no Rio de Janeiro, onde ficou conhecido como funk carioca.

O rap é “falado” pelo **MC** (mestre de cerimônia), que fala sobre o scratch, que é uma técnica de discotecagem típica do rap que consiste em arranhar o disco ritmadamente com movimentos rápidos para frente e para trás. Quem arranha os discos é chamado de **DJ** e junto com MC dá vida ao RAP. O rap é sempre feito a partir de histórias reais de pessoas que vivem na periferia, baseado na vivência da periferia, no cotidiano de cada adolescente que retrata como é a vida nas quebradas, isso torna os rappers autores de sua própria história. E essa autoria cria uma identidade dos adolescentes da periferia com grupos de rap que fazem sucesso, porque somente nas letras de rap eles se vêem retratados dignamente. Por isso não se acha conjunto Covers de rap. A maioria dos rappers tem nomes artísticos. Em Campinas, por exemplo, o conhecido Dr. Sinistro é José Luis dos Santos, Renato Afro

é Carlos Renato Campos, Kpone é Elean Bolandine e Criminal Fax é Eduardo Luis Maçaiolli.

Seus nomes e identidades no Hip Hop falam pelo seu papel, pela sua posição diante da etnia, ou pela sua sede de sucesso. Essa renomeação é uma espécie de rito de entrada no movimento, que mesmo não institucionalizado, diz respeito a uma identidade que o jovem passa a ter naquele meio. Dar-se um nome, significa inventar uma identidade, construindo uma individualidade numa coletividade. (DAYRELL,2005, p.116).

Como a pesquisa é desenvolvida em Campinas, é necessária uma contextualização da cidade.

A origem do povoamento de Campinas está ligada à abertura de caminhos para o Sertão de Goiás e Mato Grosso feita do Planalto de Piratininga. O povoamento efetivo começou com a chegada de Francisco Barreto Leme de Taubaté entre 1739 e 1744. No ano de 1767 moravam em Campinas 184 pessoas.

A economia regional foi marcada pelo cultivo de cana-de-açúcar e café com o uso de mão de obra escrava. Em 1775 havia 60 escravos numa população total de 266 habitantes, os escravos eram 22% da população. Em 1829 já com a economia açucareira solidamente estabelecida, Campinas possuía mais escravos que pessoas livres: eram 4323 escravos numa população de 8543 habitantes.

O café e a estrada de ferro logo chegaram a Campinas trazendo um rápido progresso e com esse progresso o aumento significativo da mão-de-obra escrava, em 1872 a cidade contava com 13.412, em todo o estado havia pouco mais de 70.000 escravos, só em Campinas se concentrava 15% desse total. Isso significa que o tão alardeado progresso campineiro só foi possível pelo fato de ser umas das últimas cidades a prescindir da mão de obra escrava, dependendo da exploração de pessoas como mercadoria até o fim da existência legal da escravidão. A cidade ainda passaria por cinco epidemias de febre amarela, com drásticos efeitos para a população.

Campinas atualmente é um município com um milhão de habitantes, numa área total de 801 milhões de quilômetros quadrados, ainda conta com quatro subdistritos: Barão Geraldo, Joaquim Egidio, Sousas e Nova Aparecida. É um dos centros tecnológicos do

estado de São Paulo, com vários pólos de ensino superior como a Universidade Estadual de Campinas e Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Hoje ela é uma das cidades que mais crescem no interior do estado de São Paulo com uma renda per capita aproximadamente de US\$ 5800 de acordo com a Secretaria Municipal de Planejamento do município. É uma cidade jovem com uma intensa vida cultural e econômica com teatros, cinemas, shoppings. A cidade de Campinas tem um Índice de Desenvolvimento Humano de 0,852 e ocupa a oitava posição no estado, esse índice é concedido apenas para cidades com desenvolvimento humano considerado alto.

Mas por outro lado Campinas tem uma população carente que reside em áreas de risco tal como favelas e localidades onde não existe água potável ou rede de esgoto. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada – (IPEA) -, no ano de 1991 a porcentagem dessas famílias era de 8,92% e cresceu para uma taxa de 13,06% em 2000.

Tendo em vista o desemprego em massa da categoria de operadores de máquinas e serviços não especializados e na impossibilidade de manter aluguel, a maioria desses trabalhadores, organizados em grupos ocupou terrenos públicos e/ou particulares, principalmente nas regiões Sudoeste, Noroeste e parte da região Sul. O trabalho informal, o tráfico de drogas e a violência fazem parte do cotidiano dessa população e por decorrência, das escolas da rede pública estadual e municipal, agindo de forma significativa nos adolescentes que estudam nessas escolas, adolescentes que trazem o histórico de drogas e violência.

É nessa Campinas jovem com intensa vida cultural e econômica, dividida pela SP 340, marco principal da exclusão da cidade, Oeste e Leste. Na região Leste a população que usufrui os direitos à cidadania, na região Oeste a população que vive a margem desses direitos. É nessa Campinas que os jovens excluídos desse espaço, lutam dia a dia, para nela encontrar um habitat. É para essa Campinas que vários rappers fizeram seu hino e contam sua história, como Isaac Nunes Braga, que compôs o Rap Campinas 40°, é essa Campinas que a juventude negra e periférica conhece, vive o seu cotidiano e divulga para o mundo e luta para sobreviver.

RAP: Campinas 40^{o37}

09/01/06

Campinas! Cidade da hora pra se viver.
Ao mesmo tempo é muito fácil, dar motivos pra morrer.
Várias praças, vários prédios, vários carros importados.
Vários caras maquinados, vários otários forgados.
È assim! É o fim? Não! Não!
É o começo! Neurose faz pilantra pagar seu preço.
Outros na ilusão! Querendo dinheiro.
Planejando a missão juntamente com o seu parceiro.
Vê uma loira no volante de um Hyundai,
Se prepara pra enquadrar.
E a milhão eles saem, policia não dá boi.
Se pegar é problema, a troca vai sair.
Esse é o esquema.
Mó tortura é sair pra procurar um emprego.
Não encontram, coisa ruim, vem tirar o sossego.
Nego! É foda! Só tem filho da puta, no poder.
Só promete, nunca escuta e essa história, nunca muda.
É tipo uma doença, que afeta muita gente.
Nisso ninguém pensa.
A campanha pra desarmar o povo, que piada!
Ninguém foi desarmado.
Escuta as rajada, sangue a toda hora.
Vitima caída, com a cabeça estourada de bala, toda fudida.
Favela lugar bom, muitos acham mal.
Porque aqui tem alma, tem droga.
Pra mim é natural.
Vários playbóis descem aqui pra comprar, maconha.
Maconha pra fumar, farinha pra cheirar.
De casa pro bar, de esquina em esquina.
O demônio está dominando as ruas de Campinas.
Campinas 40^o!
Cidade perigosa.

³⁷ Isaac Nunes Barros, nasceu em Campinas em 1976 e mora no bairro São Fernando, região Sul de Campinas. Conhecido como mano Zakão.

Habitat dos bons e dos maus!
Campinas 40°!
Aqui a nossa vida é sofrida, cruelmente mortal.
Perigo pra sociedade.
É o que invade, agora já é tarde é só maldade.
Lugar filho da puta, cheio de desgraça.
O que se ouve atualmente é só ameaça.
40° de ódio!
40° de dor!
40° de miséria!
40° de rancor!
Sem carro, sem roupa, sem trampo, sem dinheiro.
Assalto à banco, é o remédio.
É o que pensam o tempo inteiro.
Campinas é sangrenta, fabrica de crime.
Palavra de oito letras e assim se define.
Criminalidade! Ambição! Maldade! Periculosidade!
Insana! Nojenta! A sociedade.
Mais um ano se passou, queremos a melhora.
Cansados de sofrer, agora é nossa hora.
Que jeito acabar com a maldita violência?
Os pobres com carências e os ricos cheios de opulências.
A invasão vai continuar nas mansões, nas ruas, nos bancos.
Tranquem os portões, ou então uma rajada vai furar o seu peito.
Sangue escorrerá! Aí daquele jeito.
Família precisando de conforto e comida.
Criança sem estudo! Escola destruída!
Cadeia lotada, rebelião iniciada.
Na tv, é sempre a mesma parada.
Morreu mais um carbonizado no matagal.
Reconhecimento no Instituto Médico Legal.
O Diabo é real, faz o bem virar mal.
Bem vindo à Campinas 40°.
Campinas 40°!
Cidade perigosa.
Habitat dos bons e dos maus!
Campinas 40°!
Aqui a nossa vida é sofrida, cruelmente mortal.

Várias baladas, várias vítimas assassinadas.
 Na calada, cuidado com a malvada.
 Que em de farol alto, as vezes apagada.
 Mão pra cabeça, em seguida é borrachada.
 Mãe preocupada com o filho que saiu, desde ontem não chegou.
 Fudeu! Sumiu!
 Mais um dia recomeça.
 Novos sonhos, novos pesadelos.
 Correria atrás de trampo, atrás de dinheiro.
 Um seqüestro é o que vem em muita mente.
 Cativo no esquema.
 Mais um está ausente, parente está em choque, querendo saber.
 Quanto custa, acerto pra deixar ele viver.
 Não quero ver algema, trancando mais um pulso.
 Não quero ver os manos, num lugar porco e sujo.
 Quero ver todos de boa, num fim de semana.
 Não é legal, um irmãozinho entrando em cana.
 Sei que é difícil, com o mal sempre por perto.
 Atentando muita gente, mas ai! Estou alerta.
 Veneno demais impede a nossa paz.
 Mas Deus é mais, proteção ele nos trás.
 Campinas é a cidade! Favela é a capital!
 RAP é musicalidade!
 A rima é nosso arsenal!
 Salve, salve a bondade.
 Esqueça o mal!
 Periculosidade é Campinas 40º!
 Campinas 40º!
 Cidade perigosa.
 Habitat dos bons e dos maus!
 Campinas 40º!
 Aqui a nossa vida é sofrida, cruelmente mortal.

O Movimento Rimando Campinas Habitat dos Bons e dos Maus.

Por volta de 1982 o Hip Hop chega a Campinas, mostrando que não se tratava de uma onda passageira como muitos pensavam e sim de uma forma organizada de protesto da

periferia e dos excluídos. Os adolescentes se reuniam para conversar e trocar idéias sobre muitos assuntos do mesmo interesse, entre eles a música e a dança.

Alguns salões incluíam timidamente o rap entre as seleções musicais. Em 1987 com o rap já fortalecido no Brasil, os moradores em Campinas do Parque Shangai e Jardim São José abrem os salões de RAP Bambuzinho e Machadinho.

Em 1987 a rádio Antena I promove o Hot – Sunday³⁸, havia também as discotecas Color's Discos e Zimbabwe, especializadas em Black Music, Soul Music e Hip Hop, espaços privilegiados para discutir sobre o rap, cultura afro, cultura da periferia e também comprar CD's, roupas e bonés.

O Hip Hop se espalhou em Campinas, em alguns salões a Black Music passou a ser tocada com mais frequência e o rap ganhou um espaço maior, a juventude negra tem um ponto de encontro, de identificação, um lugar onde ela possa se reunir sem se sentir discriminada, os salões eram os seguintes:

- **Assamp – Parque Industrial. Região Sul de Campinas.**
- **Mr. Big - Novo Campos Elíseos. Região Sudoeste de Campinas.**
- **Fly - Vila Industrial. Região Sul de Campinas.**
- **Dallas – Dic. I. Região Sudoeste de Campinas.**
- **Clube da Cidade - Vila Industrial. Região Sul de Campinas.**
- **Arco-Íris - Terminal Ouro Verde. Região Sudoeste de Campinas.**

Todos tinham bailes aos sábados e domingos. Hoje estão fechados.

Em 1990 o rap ganha identidade própria e é fundado o Salão Nifama³⁹, que em 1996 foi fechado tendo como último show os Racionais Mc's⁴⁰. No Nifama toda quinta – feira as Posses⁴¹ de Campinas e região contavam com uma seleção musical composta única e exclusivamente de rap nacional ou internacional, ainda encontravam espaço para conversar,

³⁸ (Domingo quente), na Avenida Aquidabã, todo domingo o movimento Hip Hop tomava conta de uma parte da Avenida, onde acontecia um verdadeiro show de Hip Hop com B.boys, B. girls, Graffiteiros, Rappers e Djs.

³⁹ Situado na R: Ferreira Penteado, centro da cidade de Campinas, hoje um estacionamento.

⁴⁰ Grupo de RAP de São Paulo, um dos pioneiros do movimento, considerado o maior grupo do país.

⁴¹ Reunião de dois ou mais grupos de RAP, um jeito de trocar idéias sobre música, arte, os problemas da periferia e estudar a origem afro-descendente, que a escola não ensina. Muitos grupos só se interessam por gravar CDs ou organizar apresentações, talvez seja esse um dos motivos do enfraquecimento do movimento em Campinas.

discutir e principalmente expor suas idéias sem medo da violência presente em outros bailes onde o rap era tocado raramente. Dentro desse salão existia a Truck's Disco, discoteca especializada em Hip Hop.

Após o fim desses bailes os grupos de Campinas se organizaram à procura de espaço pra discutir, ensaiar e manter viva a cultura Hip Hop. A posse mais organizada de Campinas era a Posse Rima & Cia que contava com um grande número de grupos de rap, b.boys e grafiteiros, que viam naquele espaço, o único lugar para pensar e organizar a cultura Hip Hop. As reuniões eram feitas nos sindicatos, Salão Vermelho da Prefeitura Municipal de Campinas ou ainda nas escadarias do Paço Municipal, local onde muitas vezes os b.boys ensaiavam seus passos de dança.

Com a vitória do Governo Democrático e Popular em 2001, o movimento Hip Hop passa a ser respeitado como um movimento organizado pela juventude e conquista o seu espaço, é fundada em 2002 a Casa do Hip Hop, em um antigo barracão da Estação Fepasa. Espaço dedicado às oficinas, apresentações e divulgação da cultura Hip Hop.

Em 16 de julho de 2004 sob a Lei nº 12.031 é criado o Conselho Municipal do Hip Hop. Órgão colegiado de caráter consultivo, de apoio, memória e difusão, além de facilitador e colaborador do movimento cultural Hip Hop.

“1993 A JUVENTUDE NEGRA AGORA TEM VOZ ATIVA...”

Racionais MC’S

O presente texto trata da experiência que vivenciei com o Movimento Hip Hop, como professora de História em uma Escola Estadual no Jardim Nova América periferia de Campinas. O verso destacado acima foi o caminho inicial dessa experiência.

Esse verso era cantado por adolescentes que acreditavam que a juventude negra e periférica a partir dos Racionais havia dado um importante passo na sua luta contra a exclusão e discriminação a que estavam submetidos.

Quando cantavam esse “rap”, sinalizavam aos professores que não se interessavam pelas matérias propostas e para os seus amigos que tomassem cuidado com o tipo de aula, cuidado com a “pasteurização”, o que se ensinava, como se ensinava, porque se ensinava.

Em 1995, a turma com a qual ocorre o que vou narrar era considerada por muitos professores uma turma problema, uma 6ª série com 37 alunos, todos adolescentes com idade entre 13 e 19 anos, que haviam ficado muito tempo fora da escola, não tinham diversão no bairro, iam para escola para se divertir e encontrar os amigos. Então a sala de aula tornava-se seu ponto de encontro. A maioria mulheres, adolescentes transgressoras, que há muito haviam perdido o vínculo com família e escola e que viam seus sonhos de “ser salvas por um príncipe”⁴², sonhos criados pelas cartilhas e livros escolares, que tem como pano de fundo a vida da sociedade burguesa, longe de ser alcançado, o mundo adulto efetivo e vivo estava muito próximo desmentia os sonhos e as amedrontava.

Meninos e meninas como qualquer outro adolescente que trabalhavam, estudavam, passeavam. Viviam o seu dia a dia e à noite iam pra escola, na tentativa de que talvez aquele ano fosse diferente do passado, ou do outro e outro. Mas para a grande maioria do adolescente da periferia todo o ano é sempre igual, o seu ano letivo termina no meio do ano.

⁴² Maria Teresa Nidelcof no livro Uma Escola para o Povo escreve. Mostra que as numerosas revistas para mulher, que difundem uma imagem feminina que nada tem a ver com a mulher operária ou com a dona de casa dos bairros, criando assim necessidades e aspirações estranhas. Pg 39 e 40.

E por serem jovens, como todos os outros, muitas vezes iam pra escola direto do trabalho, com fome, sem banho, sem material. Com as roupas que “faziam” a cabeça da juventude, com bonés que os identificava como iguais e pertencentes a um grupo. Os muitos que não trabalhavam iam direto do campinho de futebol pra escola. Esse descompromisso com a escola já deixava os professores desanimados.

Eu procurava manter um bom relacionamento com todos porque nunca me importei com coisas como bonés na sala, roupas largas ou curtas e alunos que precisavam escolher entre o banho e o jantar após um dia de serviço.

Como professora de História, sempre procurei no início do ano discutir com os alunos o que eles entendiam por história, o que deveríamos estudar, quais eram suas expectativas em relação a essa matéria. Tinha como proposta de trabalho mostrar a adolescência de várias épocas.

As respostas eram as mais variadas possíveis, algo ligado ao passado, coisas do tempo dos meus avós, arte, música. De acordo com as respostas, elaborava meu plano de aula para o início do ano letivo sempre com alguma proposta ligada aos movimentos culturais da juventude.

Assistíamos a filmes sobre adolescentes em conflito, filmes antigos, conflitos atuais, líamos poesias, trechos de livros, contava histórias da mitologia greco-romana, dos nossos índios, enfocando sempre que possível a difícil transição da infância para a adolescência nas diversas culturas, e desta para a fase adulta.

Como cada sociedade preparava essa transição e a falta que ela fazia a nossa sociedade, mesmo sabendo que ela existia de forma velada em todas as escolas e que cada grupo de alunos criava a sua. E nem sempre ela era agradável, mas todos da escola eram obrigados a passar por ela. Da quarta para quinta série, ninguém passava impune a não ser que desistisse da escola ou repetisse o ano escolar e isso acontecia muitas vezes.

Era a vida da sociedade invadindo o espaço escolar e ditando suas leis. A lei do mais forte imperava também dentro da escola, nesse momento quem fazia as leis eram os alunos.

A participação dos alunos era pequena, a grande maioria não participava, o que todos ouviam sempre, era o verso: **“1993 A JUVENTUDE NEGRA AGORA TEM VOZ**

ATIVA...”, muitas vezes esse verso era fortalecido por um coro de vozes, e sempre acompanhado por passos de dança de um ou outro aluno, observado pela classe inteira.

Hoje entendo que a participação sempre existiu, nas pichações que faziam nas paredes, carteiras e outros locais da escola, nos momentos que cantavam e dançavam, ou até mesmo nos muitos silêncios que faziam quando isso não era pedido. Mas não era esse tipo de participação esperada por nós professores, que fomos formados para “ler e tratar” a “participação” dos alunos na aula.

A pequena participação da classe nas horas que eu queria que ela acontecesse, um dia me cansou e depois de muito pensar, resolvi abandonar as aulas e a escola, ficaria apenas com as crianças da outra escola. Essa não era a realidade que eu tanto sonhei como professora, o debate da minha disciplina nos moldes que eu preparava era importante, não queria uma aula quando eles quisessem e sim todos os dias.

Entre na sala de aula, tranquei a porta e falei que naquela aula eles estavam liberados e podiam fazer o que quisessem, menos sair da sala, no fundo morrendo de medo da reação. Sentei e abri um livro pra leitura e para minha surpresa os alunos não saíram do lugar e pela primeira vez como professora daquela sala ouvi o som do silêncio e vi todo os alunos olhando pra mim.

Após o breve silêncio e o questionamento de que se legalmente eu poderia fazer isso, tivemos muita discussão, risadas e ironias, outra discussão. Um aluno pediu a palavra e falou que, já que não tínhamos aula, eu escutasse um rap com eles.

Diante da minha recusa, outra discussão e a dificuldade de entendimento do grupo de alunos. Até aquele momento eu não gostava de rap, pra mim uma música cheia de palavrões, cansativa de escutar, demorada e ainda por cima sem guitarra. Após risos meus e deles, mais conversas, não tive alternativa. Conheci o universo Hip Hop.

Ouvi o rap: “Fim de Semana no Parque”, do grupo Racionais MCs.

“1993 fudidamente voltando Racionais, usando e abusando da nossa liberdade de expressão, um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país. Você esta

*entrando no mundo da informação, auto conhecimento, denúncia e diversão, esse é o Raio X do Brasil seja bem vindo*⁴³

"A TODA COMUNIDADE POBRE DA ZONA SUL"
Chegou o fim de semana todos querem diversão
Só alegria nós estamos no verão, mês de Janeiro
São Paulo Zona Sul
Todo mundo à vontade calor céu azul
Eu quero aproveitar o sol
Encontrar os camaradas prum basquetebol
Não pega nada
Estou à 1 hora da minha quebrada
Logo mais, quero ver todos em paz
Um dois três carros na calçada
Feliz e agitada toda "prayboyzada"
As garagens abertas eles lavam os carros
Disperdiçam a água, eles fazem a festa
Vários estilos vagabundas, motocicletas
Coroa rico boca aberta, isca predileta
De verde fluorescente queimada sorridente
A mesma vaca louca circulando como sempre
Roda a banca dos playboys do Guarujá
Muitos manos se esquecem, na minha não cresce
Sou assim e estou legal, até me leve a mal
Ambicioso e realista sou eu Mano Brown
Me de 4 bons motivos pra não ser
Olha meu povo nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque
Eufóricos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que ta
Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá
Gritando palavrão é o jeito deles
Eles não tem videogame às vezes nem televisão
Mas todos eles têm Doun São Cosme São Damião

⁴³ Álbum Raio X do Brasil – 1993.

A única proteção.

No último natal papai Noel escondeu um brinquedo
Prateado, brilhava no meio do mato
Um menininho de 10 anos achou o presente,
Era de ferro com 12 balas no pente
E fim de ano foi melhor pra muita gente
Eles também gostariam de ter bicicleta
De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta
Gostam de ir ao parque e se divertir
E que alguém os ensinasse a dirigir
Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho
Fim de semana do Parque Sto. Antônio.

Vamos passear no parque
Deixa o menino brincar
Fim de Semana no parque
Vou rezar pra esse domingo não chover

Olha só aquele clube que da hora
Olha aquela quadra, olha aquele campo
Olha, Olha quanta gente
Tem sorveteria cinema piscina quente
Olha quanto boy, olha quanta mina
Afoga essa vaca dentro da piscina
Tem corrida de kart dá pra ver
É igualzinho o que eu vi ontem na TV
Olha só aquele clube que da hora,
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
Nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Do seu pai bem louco gritando dentro do bar
Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro
Ele apenas sonha através do muro...
Milhares de casas amontoadas
Ruas de terra esse é o morro
A minha área me espera
Gritaria na frente (vamos chegando!)
Pode crer eu gosto disso mais calor humano
Na periferia a alegria é igual
É quase meio dia a euforia é geral
É lá que moram meus irmãos meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo
E eu também sou bam bam bam e o que manda

O pessoal desde as 10 da manhã está no samba
 Preste atenção no repique atenção no acorde
 (Como é que é Mano Brown?)
 Pode crer pela ordem
 A número número 1 em baixa renda da cidade
 Comunidade Zona Sul é dignidade
 Tem um corpo no escadão a tiazinha desse o morro
 Polícia a morte, polícia socorro
 Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
 Pra molecada freqüentar nenhum incentivo
 O investimento no lazer é muito escasso
 O centro comunitário é um fracasso
 Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo
 Tem bebida e cocaína sempre por perto
 A cada esquina 100 200 metros
 Nem sempre é bom ser esperto
 Schmidt, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari
 Pronúncia agradável estrago inevitável
 Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra matar M.E.R.D.A.
 Como se fosse hoje ainda me lembro
 7 horas sábado 4 de Dezembro
 Uma bala uma moto com 2 imbecis
 Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz
 E indiretamente ainda faz, mano Rogério esteja em paz
 Vigiando lá de cima
 A molecada do Parque Regina
 Tô cansado dessa porra de toda essa bobagem
 Alcolismo, vingança treta malandragem
 Mãe angustiada filho problemático
 Famílias destruídas fins de semana trágicos
 O sistema quer isso à molecada tem que aprender
 Fim de semana no Parque Ipê
 (Refrão)
 "Pode crer Racionais Mc's e Negritude Junior juntos
 Vamos investir em nós mesmos mantendo distância das
 Drogas e do álcool.
 Aí rapaziada do Parque Ipê, Jd. São Luiz, Jd. Ingá, Parque Arariba, Váz de
 Lima
 Morro do Piolho e Vale das Virtudes e Pirajussara
 É isso aí mano Brown (é isso aí Netinho paz a todos) "

Após ouvir a música e a explicação dada pelo aluno sobre o verso que não apareceu “1993 a juventude negra agora tem voz ativa”, ele havia feito uma pequena adaptação pra cantar nas aulas do que ele ouvia em shows do grupo, entrevistas e do seu entendimento da letra. Uma interrogação minha, então ele entendeu a letra. Porque até aquele momento era apontado como o aluno que “não sabia” nada.

Como um aluno que não sabe nada consegue compreender uma letra desse tamanho? Adaptá-la e ainda defendê-la como hino dos adolescentes negros e moradores da periferia? Isso me mostrou que o que faltava para ele nas interpretações de texto era assunto, um tema de interesse, algo que fizesse sentido pra ele e talvez toda a sala. Como afirma Regina Leite Garcia.

Nós, professoras, fomos ensinadas a ser só na escola o que se aprende, mas aquelas crianças me mostravam que na rua também se aprende, e mais: que a vida nos leva a aprender coisas que nem sempre se aprende na escola, ou que são ensinadas descoladas da realidade, o que leva o aprendiz ao rápido esquecimento. (2002, p14.)

Toda as aulas em que trabalhávamos História do Brasil, a partir de textos tradicionais, trabalhos com livros ou mesmo em equipe, ele nunca havia participado. O silêncio ou a música eram a sua forma de participação em todas as disciplinas.

Após debatermos cada parte da música no que restava das duas aulas, com muitos risos, hoje lembro da fala de uma aluna “Cristina olha como a risada do Somália é gostosa”⁴⁴, fui “pressionada” a dialogar com os alunos sobre o movimento Hip Hop. Uma dúvida após a conversa: que poder este movimento exercia sobre eles?

A partir daquele diálogo e de outros que vieram, fui “seduzida” pelo movimento e resolvi voltar aos estudos, mas não dos grandes filósofos, historiadores ou pedagogos, que já havia estudado na universidade e magistério. Naquele momento não dialogavam comigo e a sala. Fui estudar a Cultura Juvenil de Rua que tinha sentido para meus alunos, que estava próxima a eles, portanto significava algo. Racionais MC’s, Thaíde e Dj Hum, Nelson

⁴⁴ Um adolescente de 17 anos, com um histórico de idas e vindas da escola, desde os 12 anos na 6ª série. Usou um rock que eu gostava de Renato Russo para explicar a paixão pelo rap. Faroeste Caboclo, “não entendia como a vida funcionava, discriminação por causa da sua classe sua cor, ficou cansado de tentar achar resposta...” na escola e achou no rap dos Racionais MC’s.

Triunfo, De Menos Crime, Os Gêmeos, Sistema Negro, Execução Sumária, Inimigos do Sistema e outros grupos de rap, grafiteiros e b.boys de Campinas e região.

Quais diálogos eles estabeleciam com a juventude? Por que eram ouvidos e respeitados? O que esses adolescentes produziam nas ruas e nos bailes. Qual era a produção cultural da juventude que a escola não valorizava, escutava, aceitava? Como a escola se relacionava com isso?

Qual era o mundo da informação, auto-conhecimento e denúncia que um grupo de rap conhecia e a escola desconhecia? Qual era o Raio X do Brasil, para a juventude negra e periférica? Certamente não era o mesmo que a escola conhecia. Seria então esse o X da questão entre escola e adolescente?

Após concluir esse meu estudo, que não foi fácil, pois era diferente de tudo que tinha sentido para mim, percebi a “violência” da escola que insiste em “ensinar” para esses adolescentes o que acha que ele precisa aprender para se dar bem no futuro.

A partir daquela aula, ficaram muitos questionamentos, mas a certeza de que eu havia vivenciado uma experiência única com aquela classe, aquela turma, a experiência de ouvir, escutar, uma experiência explicada por Larrosa.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (2004, P.122)

Um difícil caminho a trilhar, o medo do desconhecido, do submundo. A desconstrução de quatro anos de Magistério, quatro de História, oito anos de estudo e preparo para enfrentamento da sala de aula, aulas preparadas, mas o que pra mim era mais difícil, a distância entre o meu gosto musical e de meus alunos e o preconceito produzido por toda sociedade e mídia contra o movimento.

O aprendizado foi uma corrida contra o tempo, porque estava já no meio do segundo bimestre e não tinha muito tempo mais. Ouvia letras, lia jornais, revistas e o pouco material

que foi produzido na época, conversava com grupos de Campinas, freqüentava algumas reuniões da posse, passava o intervalo com os alunos, aprendendo a dançar, falar, a saudar os manos e as minas, observando suas roupas e novo linguajar.

Fui aluna dos meus alunos, invertemos os papéis, fui em baladas, festas de garagens, acompanhei muito tempo os passos de muitos deles. Tornei-me “mina” para meu irmão caçula. Esse aprendizado me livrou do grande preconceito com as letras, palavrões, gírias, falas erradas e do medo de que o rap fosse nada mais que uma apologia à violência.

Mas ao mesmo tempo a certeza de que pela primeira semana em meses, eu e a classe inteira havíamos estabelecido um diálogo, porque até aquele momento nossa relação era de respeito de todos, mas participação de poucos.

Nossa relação era pautada pela amizade e afetividade. Penso que o primeiro passo para que exista ensino e aprendizagem passa pela afetividade entre professor e aluno. Pelo reconhecimento de que na escola tem gente dentro.

A construção de uma escola mais alegre e feliz pressupõe tratar cada aluno como outro-concreto⁴⁵, considerando suas necessidades afetivas e proporcionando-lhes momentos felizes e prazerosos no cotidiano escolar. Entendemos que é preciso promover, definitivamente, no cenário da educação, a integração entre aprendizagem e felicidade. (ARANTES, 2003, p.127)

O rap do grupo Racionais MC's me mostrou naquele momento que para o aluno o que importa é o cotidiano da vida vivida. Apresentei para a classe uma proposta de troca de experiências a minha vivida como aluna e professora e a deles como alunos e produtores de cultura, para tentar conseguir o que até ali não havia conseguido produzir conhecimento. Porque entendemos que até aquele momento não havia acontecido isso.

Houve uma tentativa de reprodução da cultura dominante que excluía da discussão a história do negro como produtor de cultura e conhecimento. Que desrespeitava a História da África, a cultura do outro, as diferenças entre ser pessoa e ser cidadão.

⁴⁵ Existem duas concepções para explicar as relações interpessoais que permeiam a moralidade, a primeira é chamada de outro-generalizado e a segunda é uma perspectiva que trata o outro como encarnado, constituído de afetos e emoções concretas, de uma identidade e, por isso, o denomina outro-concreto.

Ditamos idéias. Não trocamos idéias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomo-lhes uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhes damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem tenta esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção. (Freire, 2003, pg 104).

Tchau Professora

A proposta precisava do apoio de outros professores, porque abrangeria todas as áreas, foi aceita apenas pela professora de Matemática e o professor de Geografia. O tema central do (re) planejamento era a Periferia. A partir desse tema nós três reorganizaríamos o nosso planejamento de aula.

Decidimos trabalhar essas três disciplinas integradas. A História do Bairro, o tema levantado por nós e alunos como eixo suleador⁴⁶ dessa interdisciplinaridade.

Origem, população, enfim o que era ser morador da periferia e usuário dos produtos que ela oferecia. Escola, diversão, centros de saúde. Como era o cotidiano desse mundo tão desconhecido de quem vive longe dela. A cultura ali produzida, bailes, festas, jogos. Muitos jovens vinham do seu bairro para o centro de Campinas ou Cambuí atrás de diversão, mas a grande maioria vivia da cultura produzida por eles.

O bairro jardim Nova América fica às margens da Rodovia Santos Dumont, próximo ao Distrito Industrial e ao Aeroporto Viracopos. Seus primeiros moradores eram funcionários da Singer do Brasil, um bairro operário com a maioria das casas em construção. Sem asfalto, mas com saneamento básico. Lutavam com sacrifício pra realizar o sonho da casa própria.

Em 1996 quando fui dar aulas, o bairro já era asfaltado. E já existia também a ocupação Irmãos Sigris II, que por estarem muito próximas ao bairro, desfrutavam de alguns benefícios do bairro.

A idéia principal do projeto era trabalhar a história dos moradores do bairro:

⁴⁶ No Hemisfério Sul não se vê a Estrela Polar. Orientar é tomar a direção do lado da nascente. À noite dependendo do hemisfério onde nos encontramos, nos referimos a Estrela Polar ou ao Cruzeiro do Sul, o que significaria respectivamente NORTEAR ou SULEAR.

- ❖ **Número de moradores**
- ❖ **Número de mulheres e homens**
- ❖ **Número de crianças e adolescentes**
- ❖ **Número de negros**
- ❖ **Número de casas (terminadas e sem terminar)**
- ❖ **Número de trabalhadores da Singer e em outras indústrias da região**
- ❖ **Ruas asfaltadas**
- ❖ **Comparar história do bairro com a da ocupação.**
- ❖ **Lugares de lazer ou diversão.**

Trabalhar com gráficos, passeios no bairro, entrevistas, essa foi a proposta. História, Geografia e Matemática estudando o Hip Hop e através dele trabalhando o tão “necessário” conteúdo.

Às vezes o professor de Ciências orientava grupo de alunos que levavam alguma dúvida em relação a sua disciplina.

Foi durante esse período, que me descobri professora, que percebi como foi a minha constituição profissional, que ela não havia se dado na universidade e sim ali na sala, na construção do cotidiano escolar, na procura da produção de conhecimento partindo da cultura da rua.

Deu-se a partir da voz do outro, segundo Machado (2003), a construção da personalidade sempre se dá numa densa teia de relações interpessoais. Preciso do outro para me caracterizar, para descobrir quem sou.

Após a apresentação da nova proposta de trabalho para os alunos, a vontade de reunião entre nós três professores participantes do projeto, era imensa e a sala dos professores o nosso centro de encontro para contar o que acontecia em cada aula porque, apesar da aceitação da proposta, todos alunos e professores sabíamos que haveria muitas pedras no caminho: direção, outros professores, coordenação pedagógica, o pouco tempo e o muito a se fazer.

Num desses encontros o professor de Geografia entrou na sala dos professores, contente, após uma aula, falando:

- *Acho que hoje a turma gostou da minha aula, quando sai me deram tchau.*

Rindo com ele perguntei:

- *Deram tchau para o professor Edson? Para o amigo Edson que joga bola com eles toda semana? Ou deram tchau dando graças a Deus porque acabou a aula?* Risos de todo grupo.

Depois expliquei que comigo acontecia a mesma coisa, que alguns falavam tchau quando eu acabava a aula, mas eram os mesmos que me convidavam pra ir às lanchonetes ou à quadra com eles. Eles ainda davam tchau para amiga Cristina e não para a professora Cristina. Ainda existia uma linha separando professores e alunos.

Após muitas falas e risos na sala, resolvemos, todos professores, até os que não estavam no projeto, observar o tchau a cada final de aula, isso é, nos finais que ele surgisse. O tempo passava e ele surgia sempre assim, tchau. Um tchau vazio, sem ser seguido de um nome ou professor, era apenas tchau. Muitas vezes, um “valeu” ou boa noite.

O tempo se encarregou da desconstrução da antiga professora: a cada aula eu estava mais segura do trabalho e os alunos mais confiantes também. As músicas agora eram trazidas por mim, os filmes por eles e artigos e livros para leitura por todos.

Uma noite após uma aula dupla de história quando eu já havia esquecido o combinado com os outros, quando ser ou não professor já não tinha mais importância, quando a história de vida de cada um passou a fazer sentido dentro da História Geral e todos estávamos ali entendendo a nossa participação nela, bateu o sinal e na saída ouço a voz de todos:

- Tchau professora!

Nesse momento compreendi que só naquele dia havia me tornado professora. Tive noção da incompletude e do inacabamento do ser professor, da necessidade do outro para descobrir quem sou.

Rima? Presente Professora

A escola não correspondia às expectativas dos alunos, seus anseios e angústias e lembrei-me de quando era criança e adolescente negra, moradora da periferia e sem esse espaço para colocar minhas idéias e angústias e que provavelmente trilhei os mesmos

caminhos que eles, mas com um duro aprendizado, numa época em que a exclusão era ainda maior. Os mesmos caminhos que meu irmão caçula e meus sobrinhos, adolescentes como eles, mesmas angústias e certeza de que na escola não havia lugar para eles.

Hoje quando a escola se vê obrigada a atender as classes populares, com a idéia de inclusão, ela não está preparada para lidar com o adolescente e os problemas sociais que ele traz: drogas, álcool, sexualidade, desemprego, violência. Como resolver estas questões?

Quem é e qual é a formação do professor que irá lidar com esses adolescentes? A formação que esses profissionais recebem é suficiente? Não seria essa diferença de valores e conhecimento a grande causadora dos conflitos na sala de aula?

Entendendo o “rap” como a crônica do cotidiano, o relato do dia a dia de quem vive nas “quebradas”, do jovem negro, desempregado, morador da periferia, que usa boné, criou um novo tipo de linguagem, um estilo de se vestir, que através do rap divulga seus valores e seus ideais, divulga e valoriza a cultura afro, é excluído do mercado e da sociedade, que instiga e valoriza o consumo, o ter, que tem como padrão de beleza a mulher branca, alta e magra e o homem sarado e malhado. Uma sociedade que mostra que por ele ser morador da periferia já é marginalizado. Percebi que como professora de história e educadora não poderia passar por cima desses valores, desse momento, desse protesto.

Dentro do movimento “Hip-Hop” o adolescente se sente acolhido, é lá que ele se identifica, se encontra e certamente encontra seus “manos” e suas “minas”, “Hip Hop” é a cultura de rua tomando conta do mundo, é o adolescente em uma “hiphoptude” por um mundo melhor.

Trabalhei com a classe o significado de cada um dos versos que eram “cantados” nas letras de rap, o teor contestador das letras, o viver nas quebradas, sem acesso aos direitos de cidadão, a sua realidade tão próxima dos grupos. O que muitos me diziam: – toda quebrada de negro e pobre é igual, aqui ou nos States.

Após esse trabalho os alunos entenderam que para buscar as respostas aos vários porquês da exclusão do negro, da vida na periferia tinham que estudar História. Para perceberem que não dá pra naturalizar estes fatos já que eles foram forjados historicamente, pelo imperialismo e dominação branca.

Entrando nesse universo, compreendi que o “rap” para aqueles alunos não era apenas a música que os acompanhava nas baladas, não era o som feito pra dançar, como era

o “New Wave” na minha época, uma moda passageira feita pra dançar e se divertir, sem grandes mensagens ou encanações. Era a afirmação da sua cultura e de seu modo de vida, sua identidade, uma maneira de mostrar ao mundo a realidade que ele conhece tão bem. A liberdade de assumir tudo o que a sociedade até então vinha lhe negando. A existência de uma cultura própria, a Cultura Negra, seu reconhecimento e valor. É a linguagem dos manos sendo reconhecida pelos meios de comunicação e jovens de outras classes sociais.

Era a juventude negra que, influenciada por sua ancestralidade, soube dar continuidade a formas simbólicas de resistência. Soube apropriar-se dos recursos advindos de várias culturas negras (como a música), transformando essa modalidade artística em um discurso elaborado e consistente. Foi capaz de reivindicar direitos sociais, apontar as dificuldades da vida na pobreza, condenar as práticas de discriminação étnica e principalmente, arrebatou a “massa” – esse foi e continua sendo o maior mérito da mobilização dos hip hoppers. (ANDRADE, 1999. pg 09)

Nos poucos meses que restaram até o final do ano, trabalhamos a História Geral, dando ênfase à partilha da África e os resultados apresentados por essa partilha na América, Brasil e no bairro de acordo com as pesquisas realizadas pelos alunos sobre o bairro. Esse trabalho teve início com um filme trazido pela professora de Português, “Bagdad Café”⁴⁷, ela havia combinado com os alunos assistirem o filme para trabalhar amizade e respeito. A minha proposta foi analisar como vivem os descendentes dos povos que foram arrancados da sua terra e tiveram que negar sua cultura e valores numa terra nova e estranha, o que eles conseguiriam deixar de herança para seus filhos e netos, duas visões diferentes de um mesmo filme.

A resistência na escola foi muito grande, porque para os professores que não participaram do projeto, direção e coordenador pedagógico o universo Hip Hop era composto de marginais, não era cultura e trabalhando esse tema eu fugiria do real papel da escola que segundo o grupo era: “educar para o futuro”. E educar para o futuro é papel a ser cumprido pela escola como espaço formal de educação, para que no fim do processo de ensino/aprendizagem possa existir avaliação havendo ou não a aprendizagem. Uma das

⁴⁷ Bagdad Café – filme de 1987 do diretor alemão Percy Adlon.

muitas questões levantadas pelo grupo: - É possível avaliar se houve aprendizagem através das letras, danças ou graffites feitos por eles?

O que é trabalhar produção de conhecimentos com meninos que também foram “expulsos” dessa escola? O saber acadêmico é necessário? Perguntas que ainda hoje continuam nas cabeças de muitos professores e diretores de escola. Mas a proposta de trabalho não é essa, não é trocar de lugar, nem disputar espaço com o professor, como muitos educadores pensam. A proposta de trabalhar com a cultura juvenil é a de criação de uma identidade, humanização das relações, ressignificação do espaço escolar, através da mudança de relacionamento aluno/professor. Criação de vínculos, até mesmo afetivos. Antes de analisar a importância da cultura de rua na escola e de outras vozes, entendo ser necessário analisar brevemente a questão da Cultura.

Cultura Juvenil

Quando se fala de movimento Hip Hop não há como se desvencilhar da questão cultural. O Hip Hop é ou não cultura? Pergunta sempre feita ou pensada por todos professores. Entendendo cultura como tudo aquilo que é produzido pelo homem, que pensa, ordena seu pensamento, cria, se relaciona, modifica, transforma⁴⁸, o Hip Hop é cultura, uma cultura jovem. A juventude, a partir dos anos 60 produziu, sua cultura, chamada por muitos de contracultura, porque vinha na contramão do que a classe dominante e a mídia entendiam por cultura.

A contracultura surgiu por volta de 1950, após o fim da Segunda Guerra Mundial. A juventude americana começa a se revoltar com a vida que o mundo lhes acenava, manutenção de valores que para eles eram ultrapassados, o debate da discriminação racial em alta, principalmente entre os jovens universitários de classe média e a juventude negra que vivia o confronto da discriminação, Martin Luther King lutava pelos direitos civis dos negros norte-americanos. Em 1967 é criado o movimento Black Power.

A partir daí a contracultura ganha forças e se politiza, negando a cultura vigente, comandada pela classe dominante e indústria cultural, tendo como precursores os hippies,

⁴⁸ Em sua acepção sociológica, cultura se refere à totalidade daquilo que os indivíduos aprendem, enquanto membros de uma sociedade; é um modo de vida, de pensamento, de ação e de sentimento. (Ely Chinoy, 1962, pág 26 apud Nidelcoff 1987, pág, 33).

no final dos anos 70 os punks e nos anos 90 a juventude negra toma para si essa luta com a ampliação do movimento Hip Hop.

Segundo Antonio Carlos Brandão (1989), o rock'and'roll, nasceu da fusão de dois estilos musicais Blues e Country. Devido às batidas fortes foi reconhecido pela juventude como som feito para eles; em 1960 com o surgimento do movimento Beat⁴⁹, o rock'and'roll torna-se politicamente engajado, ou seja, preocupado com as questões sociais da época.

Mas a juventude negra continuava sem representação musical, porque mesmos os negros que cantavam rock não podiam sair em capas de discos ou apresentar-se em programas de televisão e a sua realidade continuava longe do debate cultural.

Foi a partir da década de 60 que foi dado o passo fundamental para o reconhecimento da música black: foi criada na Jamaica, a Conexão Jamaicana. A Conexão Jamaicana pregava a ideologia do Rastafarismo, um comportamento rebelde e antiimperialista que se expressava a partir da alimentação, roupas e cabelos longos com tranças. O objetivo principal dessa conexão era revitalizar as formas de vida africana entre os jovens negros do mundo. Os rastas acreditam ser o povo que dominará a Terra, tendo a música como sua principal arma.

O movimento Hip Hop tem o mesmo objetivo da Conexão Jamaicana, a difusão da cultura afro. Grande parcela da juventude negra e periférica tem o rap como divulgador da sua realidade, da sua história de vida e isso é construção e também mudança. Por isso a necessidade e a importância em registrar o que é a cultura afro juvenil, a cultura do negro, mostrando a maneira de ser e ver o mundo. Para falar sobre isso, tomo como parceiro os rappers Thaide e DJ Hum que com o rap “Sr. Tempo Bom”, mostraram para o mundo um pouco da nossa cultura, arte, história e memória, o jeito tão “nosso de ser”.

Sr. Tempo Bom

**Que saudade do meu tempo de criança,
quando eu ainda era pura esperança,
eu via minha mãe voltando pra dentro do nosso barraco,**

⁴⁹ Um termo de várias conotações, que poderia sugerir a busca de uma purificação do espírito, com influência das religiões orientais. Também se referia a um estilo de vida aventureira adotado pelos que sem eira nem beira, andavam a deriva pelas estradas da América, em busca de aventura. Tinha conotações musicais referentes ao cool jazz.

com uma roupa de santo debaixo do braço.
Eu achava engraçado tudo aquilo,
mas já respeitava o barulho do atabaque,
e não sei se você sabe, a força poderosa que tem na
mão
de quem toca um toque caprichado, santo gosta.
Então eu preparava pra seguir o meu caminho,
protegido por meus ancestrais.
Antigamente o samba-rock, blackpower, soul,
assim como o Hip-Hop era o nosso som,
a transa negra que rolava as bolachas,
a curtição do pedaço era o La Croachia,
eu era pequeno e já filmava o movimento ao meu redor,
coreografias, sabia de cor,
e fui crescendo rodeado pela cultura Afro Brasileira,
também sei que já fiz muita besteira,
mas nunca me desliguei, das minhas raízes,
estou sempre junto dos blacks que ainda existem,
me lembro muito bem do som e o passinho marcado
eram mostrados por quem entende do assunto,
e lá estavam Nino Brown e Nelson Triunfo,
juntamente com a funkcia que maravilha.
Que tempo bom, que não volta nunca mais, (4x)
Calça boca de sino, cabelo black da hora,
sapato era mocassin ou salto plataforma.
Gerson Quincombo mandava mensagens aos seus,
Toni Bizarro dizia com razão, vai com Deus,
Tim Maia falava que só queria chocolate,
Toni Tornado respondia: Podê Crê,
Lady Zu avisava, a noite vai chegar,
e com Totó inventou o samba soul,
Jorge Ben entregava com Cosa Nostra,
e ainda tinha o toque dos Originais,
falador passa mal rapaz,
saudosa maloca, maloca querida,
faz parte dos dias tristes e felizes de nossa vida.
Grandes festas no Palmeiras com a Chic Show,

anos 80 comecei, a freqüentar alguns bailes,
ouvia comentários de lugares.
Clube da Cidade, Guilherme Jorge,
Clube Homes, Roller Super Star,
Jabaquarina, Sasquachi, como é bom lembrar.
Agradeço a Deus por permitir,
que nos anos 70 eu pudesse assistir, Vila Sezamo,
numa década cheia de emoção,
Hooligueler entortando garfos na televisão,
10 anos de swing e magia,
que começou com o Brasil sendo Tri-campeão.
O tempo foi passando, eu me adaptando,
aprendendo novas gírias, me malandreado,
observando a evolução radical de meus irmãos,
percebi o direito que temos como cidadão,
de dar importância à situação,
protestando para que achamos uma solução.
Por isso Black Power continua vivo,
só que de um jeito bem mais ofensivo,
seja dançando break, ou um DJ no scratch,
mesmo fazendo Graffiti, ou cantando RAP.
Lembra do função, que com gilete no bolso
tirava o couro do banco do buzão,
uma tremenda curtição,
e fazia na calça a famosa pizza.
No Centro da cidade as grandes galerias,
seus cabeleireiros e lojas de disco,
mantém a nossa tradição sempre viva.
Mudaram as músicas, mudaram as roupas,
mas a juventude afro continua muito louca.
Falei do passado e é como se não fosse,
o que eu vejo a mesma determinação no Hip-Hop
Black Power de hoje.
Essa é a nossa homenagem a todos aqueles,
Que fizeram parte ou curtiram black power.
Luis Carlos, África São Paulo, Ademir Fórmula 1,
Kaskata's, Circuit Power.
Bossa 1, Super Som 2000, Transa Funk, Princesa Negra,

*Cash Box, Musicalia, Galote, Black Music,
Alcir Black Power, e a tantos outros,
obrigado pela inspiração.
Pode crê, pode crê.*

A Cultura de Rua

Não existe uma definição correta para o termo Cultura de Rua, acredito que esse tema tem uma grande ligação com a cultura popular, que é transmitida oralmente e registra costumes de determinados grupos sociais. E que difere da cultura erudita porque escapa das rotinas e dos espaços onde ela aparece, usando a liberdade da criação, sem se preocupar com moralismo e outros preconceitos da burguesia. Quando a cultura erudita se refere à cultura popular folcloriza as histórias de tradições orais, principalmente na escola.

A cultura de rua foi importante para a afirmação da cultura jovem que começou com o movimento Hippie, depois o Punk e agora o movimento Hip Hop, uma vez que todos fizeram da rua palco para suas manifestações e protestos.

Como já foi dito anteriormente, o Hip Hop nasceu nas ruas do Bronx, chegou em São Paulo no Largo São Benedito, o graffiti também expressa a sua arte nas ruas, é nas ruas que os B.boys e B.girls fazem a famosa batalha de dança.

Todo tipo de arte e esportes, (atualmente existe o basquete de rua, fundado pela CUFA (Central Única das Favelas), Rio de Janeiro), tem as suas normas e disciplinas diferentes das que possuem as escolas, academias e ginásios de esportes. Elas são elaboradas pelos próprios adolescentes que acreditam que a liberdade e a confiança são sinais de respeito às normas estabelecidas para a atividade.

O Hip Hop não foi inventado pela mídia. Nasceu naturalmente nas ruas, forjado em sangue, suor e lágrimas. (Faustino, 2000, p.11).

PROGRAMA A ESCOLA É NOSSA: A EDUCAÇÃO PELA ARTE NA ESCOLA

Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver”

Brecht

Início esse capítulo pelo final da minha história, final porque o programa A Escola é Nossa foi recente em minha luta por uma outra escola, por uma escola com voz para todos, inclusive alunos que usam a rima do rap como porta-voz.

Com a vitória da coligação do Governo Democrático e Popular (PT) 2001/2004, o então prefeito eleito Antonio da Costa Santos convida para ocupar a pasta da Secretaria Municipal de Educação a Professora Dr^a Corinta Maria Grisolia Geraldi, professora da Faculdade de Educação da UNICAMP e membro do GEPEC.

Em 1989-91 a professora já havia trabalhado na Secretaria de Educação do Município de Campinas como Diretora Pedagógica e nesses dois anos já havia sinalizado para os profissionais da Rede Municipal de Educação e usuários da educação a sua proposta educacional. Como Secretária em um novo governo a sua proposta teria continuidade.

A proposta de uma escola inclusiva e com a participação de diferentes vozes.

Uma concepção pedagógica e epistemológica que não se fixa nos limites e marcos do conhecimento moderno. Ou seja, sem desconsiderá-los buscamos nele incluir como “conhecimento legítimo” as diferentes expressões artísticas, as diferentes culturas e linguagens, os diferentes saberes e fazeres que são produzidos, individual ou coletivamente, nos espaços educativos da cidade e que, usualmente, ficam à margem do “conhecimento” e da “cultura” oficiais (Apple,1997), especialmente das escolares. (GERALDI. 2004, p41).

Para construção dessa escola, foi necessário uma equipe que acreditasse na possibilidade da sua existência e estivesse disposta a trabalhar e lutar dia a dia pela sua permanência. E foi essa equipe que em 2001, com base em outros projetos educacionais do Brasil (Escola Plural - BH), (Escola Candanga – Brasília), (Escola Cabana – Belém),

Escola Cidadã – Porto Alegre), apresenta a população da cidade e aos profissionais em educação a ESCOLA VIVA que tem como eixos balizadores das suas ações a Singularidade, Inclusão Radical e Participação Dinâmica⁵⁰.

Em 2001 foi criado o departamento de Educação e Cidadania, este departamento tinha como principal lema, estreitar vínculos entre escola e comunidade. Em 2002 já existiam algumas frentes de trabalho: Bolsa Escola, Entidades Infantis e de Educação Especial, Conselho das Escolas Municipais, Conselho Municipal de Educação e o Programa Jovem Trabalhador e para cada frente um responsável, fui responsável pelo Programa A Escola é Nossa. Em maio de 2002 o departamento ganha outra frente: Orçamento Participativo da Educação.

Fui convidada para fazer parte dessa equipe, o convite surgiu para um projeto nas escolas, com adolescentes, em um programa que envolvia arte aos finais de semana: a abertura das escolas. Já havia tido a experiência como aluna e professora na junção da arte e educação e conhecia as dificuldades e prazeres dessa união.

O projeto “A Escola é Nossa” se justificou por pelo menos duas razões prementes. A primeira era a urgente necessidade de ressignificar o sentido social da escola pública hoje, a partir do resgate da sua dimensão política, tendo em vista as necessidades e expectativas dos seus usuários. A segunda a sustentação de práticas e ações que contribuiriam para que as escolas continuassem caminhando no sentido de estreitar a sua relação com as comunidades nas quais estão inseridas, isso não seria possível sem espaços que permitissem aos profissionais da rede que desejassem pautar suas práticas em torno de tal princípio, se organizassem.

A idéia que o caminhar em tal direção dependia também de processos reflexivos que permitissem planejar, desenvolver e avaliar práticas e atividades que contribuíssem para estreitar a relação da escola com a comunidade. Cabe-nos perguntar não apenas se as escolas da rede já estavam abertas ou irão se abrir às suas comunidades, muitas já haviam feito tal tentativa, mas até que ponto a comunidade na escola já caracterizaria uma escola da comunidade? Um professor ou um guarda da escola poderiam tentar responder tal pergunta se propondo a abrir a escola nos finais de semanas, para a realização de atividades

⁵⁰ Para conhecimento do Projeto ESCOLA VIVA ver Geraldi, Riolfi e Garcia (orgs) 2004. ESCOLA VIVA - Elementos para a Construção de uma Educação de Qualidade Social.

esportivas, organização de eventos culturais por exemplo. Mas, como fazer isto, tendo em vista conhecer e reconhecer a comunidade na escola, e a escola na comunidade? Como fazer isto de forma que as manifestações culturais e as relações vividas em comunidade incluindo o ambiente físico, não se constituam apenas mais uma atividade dentro da escola, mas se inscrevam no contexto de geração de conhecimentos a partir do encontro com outras formas de pensar mais elaboradas, que as diversas áreas do currículo já trabalham? O projeto “A Escola é Nossa”, se propôs a ser um convite a todos os atores que atuam na escola hoje (professores, especialistas, guardas, serventes e etc), a oferecer sua contribuição para que as escolas da Rede Municipal sejam cada vez mais VIVAS, porque assim, o saber trabalhado dentro delas, será um saber não oposto, mas a favor da vida.

A primeira ação desse projeto foi proposta pelo então prefeito Antonio da Costa Santos, foi realizada no bairro Jardim São Marcos na EMEF Pe. “Narciso Vieira Ehremberg”. Os moradores do bairro cobravam do prefeito ações mais diretas em relação a segurança dos alunos e dos próprios moradores, uma vez que o Posto Policial existente na escola havia sido desativado, porque o Prefeito e a Secretária de Educação entendiam que um Posto Policial dentro da escola não garantia segurança para alunos pelo contrário, deixava todos expostos.

Para dar início ao debate da segurança foi convidado o Secretário de Segurança, a Secretária de Educação, o Conselho de Segurança do Bairro, moradores, alunos, professores e interessados, o debate foi aberto por um grupo de Rap, composto por moradores do bairro. A idéia era essa, debater com os jovens moradores do bairro a partir do seu olhar a segurança, os jovens que vivenciam a cada dia essa questão. Foi uma maneira de enriquecer o debate com vozes e olhares diferentes. Trazer para a escola a cultura juvenil.

Uma letra de rap, considerado por todos como apologia a violência, foi o ponto inicial desse debate, uma letra onde o cotidiano dos jovens moradores era apresentada a sociedade.

O projeto “Escola Viva”, no qual este programa está inserido, é uma instituição que reconhece e se opõe na prática às desigualdades sociais diversas, que ajuda os alunos a investigarem como o seu mundo e as suas vidas chegaram a ser o que são e que considera seriamente o que deveria ser feito para se alterar substancialmente esta realidade.

O programa “A Escola é Nossa” obedeceu aos três eixos fundamentais do projeto “Escola Viva”, quais sejam:

1. **Singularidade** (inversão de setas e a escola como centro do processo pedagógico): ênfase nas idiossincrasias de cada unidade educacional e seu entorno, que deverão ser explicitadas e constitutivas de seu projeto Pedagógico;
2. **Inclusão Radical** com processo de acolhimento das crianças, jovens e adultos nas escolas, caracterizada pela legitimação de seus saberes nos currículos vividos na ação cotidiana;
3. **Participação Dinâmica**: dinamização da participação de todos, incluindo a escola como um espaço público, disponível e voltado integralmente à comunidade, inclusive nos fins de semana, envolvendo diversas instâncias democráticas, tais como conselhos, fóruns e congressos.

Com base nesses eixos o projeto do programa A Escola é Nossa foi elaborado de forma aberta, nos seguintes termos:

Programa A Escola é Nossa

Programa “A Escola é Nossa”, com os seguintes objetivos, metodologia e ações:

Objetivos

- **Estreitar as relações da escola com a comunidade e da comunidade com a escola.**
- **Ressignificar o espaço escolar enquanto espaço público.**
- **Estimular e potencializar ações intersetoriais e a participação popular.**
- **Fortalecer Projetos Pedagógicos que considerem a participação popular.**
- **Divulgar e integrar ações intersetoriais regionalizadas**
- **Contribuir para o estreitamento das relações entre a escola e a comunidade favorecendo as manifestações culturais, étnicas, técnicas, ambientais e de gênero para que sejam incorporadas nos currículos e atividades escolares.**

Estratégias Metodológicas

Desenvolvimento de atividades sócio educacionais através de oficinas, workshops, gincanas entre outras modalidades planejadas intersetorialmente. As atividades poderão ser realizadas no horário contrário às aulas e nos finais de semana. Participação e envolvimento de alunos, pais e comunidade local.

Esse foi o projeto apresentado nas escolas e debatido com os Conselhos de Escola de cada uma. Cada Escola tinha como opção desenvolver o programa de acordo com o seu Projeto Pedagógico. O projeto escrito apenas apresentava uma proposta de trabalho, entendendo que cada escola tem a sua singularidade.

As oficinas foram surgindo aos poucos, de acordo com interesse da escola e divulgação oral dosicineiros que já estavam no programa. A primeira a ser apresentada e desenvolvida nas escolas, com início em outubro de 2002 na EMEF “Floriano Peixoto” foi Dança de Rua seguida pelo Graffite, Teatro e Handebol, no meio de 2003 até o final de 2005, o programa contou com as seguintes oficinas:

<ul style="list-style-type: none">• Axé• Cavaquinho• Contos• Danças Folclóricas• Dança de Rua• Dança de Salão• Sensibilização Musical• Rap	<ul style="list-style-type: none">• Skate• Violão• Handebol• Teatro• Graffite• Malabaris• Percussão
---	--

De 2002 a 2005 o Programa contou com a participação deicineiros das oficinas acima descritas, que acreditavam que por trabalharem com a arte e a educação poderiam ser considerados Arte-educadores, independente da formação acadêmica de cada um. Assim foram chamados durante os quatro anos que trabalharam no projeto. Cada escola sabia que receberia arte-educadores para desenvolver as oficinas desejadas.

O programa A Escola é Nossa teve dois momentos diferentes:

- Atendimento as escolas 2002 -2005
- Projeto Férias Jovens 2003 e 2004

Nessa primeira parte falarei do atendimento as escolas, esse atendimento compreende oficinas nas escolas, reuniões e formação dos arte-educadores.

No início do trabalho foi previsto que o programa atenderia as escolas de Ensino Fundamental, depois às de Educação Infantil, caso essas apresentassem interesse. O projeto foi apresentado a todas as 44 escolas de Ensino Fundamental.

Na maioria das escolas onde o projeto foi apresentado a dúvida da equipe gestora e professores, era a mesma:

- Quem não é professor pode ensinar o que?
- Se eles estão fora da escola, não garantem que quem esta dentro possa passar a gostar!
- Se o aluno não souber ler nem escrever e aprender a dançar, pode ser aprovado?

Era difícil compreender que um adolescente ou criança que na escola é conhecido por anos de repetência ou evasão, e tem a possibilidade de se comunicar com a escola de uma outra forma, tende a manter com a escola um outro diálogo. Como eu não poderia falar por todos arte-educadores, mudei a estratégia, levava no primeiro encontro o projeto do programa, e cada subprojeto que o compunha, ou seja, o projeto de cada oficina, para ser analisado pela escola que depois marcava um workshop das oficinas que eram mais votadas pelos alunos.

No workshop sempre duas horas relógio de duração, professores e arte-educadores procuravam achar um ponto em comum entre a cultura escolar e a cultura da rua. Após a conversa havia apresentação das atividades e a organização do funcionamento do programa naquela escola.

O programa começou com uma escola e uma oficina e terminou com a participação de 23 escolas de Ensino Fundamental e 05 de Educação Infantil. O número de oficinas por escola variava, na EMEF Elza Maria Pelegrini de Aguiar havia as 15 oficinas oferecidas, a escola ficava aberta aos sábados das 8:00 às 13:00 e durante a semana, duas manhãs, duas tardes e uma noite. Eram atendidos alunos, pais e moradores do bairro que não estudavam na escola.

Em algumas escolas as oficinas eram oferecidas no horário de aula, arte-educadores e professores trabalhavam lado a lado, em outras durante a semana em horário contrário a aula. E a maioria aos sábados, seguindo a proposta do projeto inicial.

Nos seis primeiros meses do programa, os jovens arte-educadores e as escolas depararam com a diferença cultural entre rua e escola. Muitos arte-educadores se sentiram desmotivados, porque não entendiam o funcionamento da escola e muitas escolas se sentiam traídas porque os alunos não haviam tornado-se “dóceis” como muitos imaginavam.

Para tentar resolver o problema, inicialmente fizemos para os arte-educadores uma proposta de formação, onde eles teriam espaço para expor suas dúvidas e começar a estudar um pouco da cultura escolar. E para escola fizemos a proposta de um encontro semanal com alunos e professores e um acompanhamento mais próximo das oficinas que estavam sendo desenvolvidas.

Em agosto 2003 uma supervisora da Secretaria Municipal de Educação e um professor de Educação Infantil, iniciam a primeira etapa da formação, abordando dois temas: Educação Formal e Educação Não Formal. Eu acompanhava nas escolas as oficinas e comparecia as reuniões de TDC (Trabalho Dirigido Coletivo).

Essa primeira ação “acalmou” escola e arte-educadores, a calma apontava para continuação de soluções. Já no início dos trabalhos em 2004, foi colocada para cada arte-educador a obrigatoriedade na participação na Formação Continuada, que foi dividida em dois dias para poder contemplar a todos participantes. Foram convidadas mais três professoras da rede municipal para o atendimento dessa demanda, uma com formação em Educação Especial, havia grande participação de crianças e jovens com necessidades especiais no programa A Escola é Nossa.

Em 2004 também foi proposto para cada arte-educador a participação em reuniões de TDC e de Integração nas escolas, porque a tão sonhada mudança nas atitudes de alguns alunos começava a acontecer e era necessário que os professores conhecessem o trabalho que era desenvolvido por esses jovens nas escolas. Os Diretores, Orientadores Pedagógicos e professores foram convidados a participarem das reuniões mensais que eram feitas com a equipe de coordenação do programa A Escola é Nossa e arte-educadores para avaliação mensal dos trabalhos.

Em 2005 o Psicodrama também passou a fazer parte da Formação dos arte-educadores, numa parceria entre Secretaria Municipal de Educação e o Instituto de Psicologia e Psicodrama de Campinas. Para os arte-educadores esse foi o ponto alto da formação, através do Teatro Criação, onde eram usadas técnicas do psicodrama para trabalhar o grupo.

A escola estava sempre presente e a dificuldade de cada arte-educador era vista e debatida por todo grupo, onde muitas vezes a solução para o problema apresentado aparecia no debate com todo o grupo.

Nos encontros mensais onde todos envolvidos no programa se encontravam ficou claro que a identificação dos arte-educadores com os alunos das escolas, era o grande trunfo do programa, identificavam-se pela história de vida: idas e vindas da escola, desvalorização dos seus saberes. Mesmo os alunos que por algum motivo não participavam de nenhuma oficina, criaram uma grande amizade com os arte-educadores. A vida na periferia, a “quebrada” tão conhecida, valorizada e amada por todos eles alunos e arte-educadores.

Devemos estar mais abertos para, na escola, ouvir os jovens pobres, ver em sua práticas culturais e formas de sociabilidade traços de uma luta pela sua humanização... se queremos contribuir para a formação humana desses jovens, potencializando suas experiências de vida, temos de encara-lo como sujeitos, que interpretam seu mundo, agem sobre ele e dão um sentido às suas vidas. Por meio desse diálogo, acredito, que podemos fazer da escola um tempo mais humano e humanizador.(DAYRELL, 2005. p.293)

As oficinas mais procuradas pelos alunos foram Dança de Rua, Teatro e Rap, seguidas por Skate, Handebol e Educação Musical. As escolas apontavam em seus projetos Pedagógicos, Contos, Dança de Salão, Rap, Violão e Malabarismos. Embora as vontades fossem diferentes as escolhas dos alunos eram respeitadas. O aluno pensava no prazer em participar de determinada oficina, a escola pensava no aprendizado que determinada oficina traria ao aluno.

Em avaliações e conversas com alunos durante o desenvolvimento do programa, me interessei sempre em saber porque a Dança de Rua e o Teatro sempre foram as mais procuradas por eles. A resposta era que a dança de Rua dava liberdade ao corpo, além de

mostrar a beleza dos movimentos e que saber dançar hoje em dia é muito importante para sair para as baladas. Também ressaltava a importância em cuidar do corpo, de se alimentar bem e praticar atividades físicas e a Dança dava conta de tudo isso.

O rap além de ser conhecido pelos alunos da periferia, retrata o cotidiano de seus moradores. Trabalhando basicamente com narrativas que criticam o sistema que não trás melhores condições de vida aos moradores da periferia.

No programa A Escola é Nossa, o rap foi uma oficina muito procurada principalmente por alunos e escolas que reconheciam a sua importância na formação de vida na periferia. Cada escola interessada tinha um rapper como arte-educador e nas oficinas além do cotidiano da periferia, eram debatidos outros temas considerados importantes como: História, Geografia e Literatura.

Após o debate partia-se para a criação livre de rimas e palavras sobre a realidade de cada um. Todos os alunos que frequentaram as oficinas preferiram fazer a composição do Rap coletivamente, porque consideravam a realidade de todos a mesma e também por acreditarem que na rua a vida vivida coletivamente é mais fácil e segura e essa coletividade tinha que estar presente na escola. A grande maioria dos raps elaborados no programa A escola é Nossa são de grupos de alunos, após leitura e estudo de outros raps.

O maior problema enfrentado pelos rappres responsáveis pelas oficinas nas escolas e coordenação do programa nas escolas em relação as oficinas de rap foram as letras. Todos da escola achavam as letras pesadas demais e que algumas faziam apologia ao crime, violência e droga. A escola queria ouvir mensagens positivas, falar otimistas de uma realidade que ela desconhecia. Eu sabia bem o que era isso, porque também tive preconceito com as letras antes de conhecer o movimento Hip Hop. Como no Rap “Febre do Hip Hop” de Thayde e Dj Hum:

**Dj Hum comanda o som da música que vem da periferia
Graças a Deus, a grande maioria (quem diria?)
Balançando barracos, tremendo mansões
Papo frente a frente com policiais e ladrões
Às vezes incomodamos com verbos pesados
Surgiu um boato de fato
Somos pretos pesados!
Mandando sempre um pecado em nosso recado**

**E que se mudem os incomodados, sai voado
É sempre assim, do começo ao fim
Falam um monte de você, de mim
Querem que falemos só de coisas bonitas
Tipo samambaia, xaxim**

Em cada workshop que era dado nas escolas os rappers explicavam os vários tipos de Raps produzidos no país e no mundo, já explicados na introdução dessa dissertação.

O que observamos rappers e coordenação do programa, após cada letra feita nas escolas é que o Rap precisou se escolarizar para continuar vivo dentro da escola, que a cultura escolar foi mais forte que a cultura de rua, pelo menos no caso do rap.

As letras apontavam a escola como salvadora da vida e não conseguiam narrar o verdadeiro mundo da periferia, após uma pequena narrativa sobre a vida na periferia, em seguida aparecia uma mensagem otimista, sobre a escola ou a ideologia da classe dominante. As letras agradavam professores e direção da escola.

Mas para os alunos que participaram das oficinas esse fato não teve importância, o que interessava para eles, era fazer um rap, organizar as idéias e colocar a rima certa, na base certa. Contar para a escola como era a periferia em que ele vivia, mesmo que a escola fizesse uma pequena maquiagem. Imaginar-se parceiro dos Racionais MCs, porque agora eles também faziam raps. Eram autores de sua história.

Na seqüência apresentarei alguns Raps compostos nessas oficinas com um breve histórico de como foi composto cada rap. E dois raps de rappers campineiros para análise das diferenças existentes entre um Rap produzido dentro da escola e dois raps produzidos na “veia da periferia” como dizem os “manos”.

Como já explicado anteriormente cada oficina do programa tinha um arte-educador como oficinheiro e as de rap não eram diferentes, rappers campineiros contratados exclusivamente para esse fim iam até as escolas que queria as oficinas e trabalhavam com os alunos interessados. Cada oficina durava 2 horas relógio e contava com a participação de mais ou menos trinta alunos.

Em 2003 o Externato São João se interessou por todas as oficinas que compunham o Hip Hop (dança de rua, graffite e rap), após apresentação e workshop foram escolhidos os arte-educadores que fariam parte do projeto da escola, que ofereceria as oficinas apenas aos

alunos que “viviam em situação de rua”, a oficina de Rap ficou sob a coordenação do rapper Frank, morador do Jardim Garcia e ainda sem grupo de rap definido em Campinas.

O rapper Frank já vinha defendendo nas reuniões da Posse Rima & Cia a ausência da gírias e palavrões nas letras de rap, para ele a realidade da periferia não era só essa e essa não precisava ser mostrada, ainda mais nas escolas. Foi escolhido como oficinairo do Externato exatamente por defender a idéia de “raps limpos”.

O Rap “Essa é a nossa luta” foi composto coletivamente pelos alunos que participaram das oficinas por ele coordenadas e é marcado pela utopia e pela ideologia da classe dominante apresentando ainda uma estrutura totalmente escolarizada.

Rap: Essa é nossa luta
Alunos Externato São João
Coordenação: Rapper Frank - 2003.

Olhando pro céu eu posso ver as nuvens
E nesse imenso infinito eu imagino um mundo
Um mundo sem poluição e cheio de união
Um mundo com educação e sem discriminação
Um mundo de gente honesta, que preserve as florestas.
Os rios e os animais, e as espécies em extinção.
Pois é dessa natureza que tiramos nosso pão
E nessa longa caminhada eu tento encontrar respostas
Por que será que existe tanta coisa ruim
Por que será, que o mal nunca tem o seu fim.
Por que será, que as pessoas não podem viver num mundo melhor.
E superar a ignorância pra não torná-lo pior
Adolescente é tudo, adolescente é fase.
Adolescente tem sonhos que quando crê são verdades
Não são super heróis, mas se acredita constrói.
Igualdade social pra ter respeito e moral
Com as pessoas do bem e também com as do mal
Mas isso só acontece se você for capaz
De enfrentar com coragem e com determinação
O que temos na mente e também no coração
Pois se o rap é movimento ou cultura tanto faz
O que importa pra mim é se ele prega a paz

Se for manifestação na caminhada estarei
Com cartazes e faixas nas ruas eu lutarei... eu lutarei...
Essa é nossa luta...
Por um mundo melhor
Seguir sempre unidos...
Pra torná-lo em um só
Se pensar no futuro ou na realidade
Faremos rap simples, mas rap com qualidade.
Pois essa é nossa luta é a nossa cultura
Essa é nossa vida é a arte da rua
É a comunidade invadindo a cidade
Juntos nos buscaremos nossa dignidade
Só precisa ter fé e força de vontade
Seja mais um guerreiro verdadeiro e justo
Faça a diferença nesse mundo corrupto.

O rap seguinte é o da EMEF Prof. “Benevenuto de Figueiredo Torres” e foi produzido sob a coordenação do rapper Fred que tem a mesma maneira de pensar, ou seja, temos que valorizar a escola para que o aluno se mantenha nela e por isso não podemos fazer uma letra mais “cabeça”. Novamente um rap marcado pela ideologia da classe dominante e com poucas narrativas. E produzido coletivamente pelos 23 alunos que participaram das oficinas.

Rap: Periferia: alunos do Benevenuto de Figueiredo Torres
Coordenação: Rapper Fred

Olha para a gente, veja o dia a dia,
Nossa realidade sou periferia.
Esgoto a céu aberto, asfalto esburacado,
A droga destrói esta por todo lado,
Segurança não temos, violência vivemos.
Amor e união, contra a fome lutaremos,
as armas acabam com a periferia
tirando pouco a pouco a nossa harmonia.

Eu sou o vencedor, eu sou a maioria,
Eu luto pela vida, eu sou periferia.
Nossa humildade tem que ser realidade,
não um simples fato, na nossa cidade.
A escola é a chance de você ser alguém,
andando pelas ruas, será um Zé ninguém.
Pro mundo das drogas sempre digo não,
Tenha fé em Deus, ponha a mão no coração.
Amizade constrói a solidariedade,
Na verdadeira periferia tem Felicidade.
Eu sou o vencedor, eu sou a maioria,
Eu luto pela vida, eu sou periferia.

O rapper Fred coordenou oficinas em duas escolas, distantes, mas segundo o grupo com muita coisa em comum, na EMEF “Clotilde Barraquet Von Zuben” não foi muito além da anterior, mantendo o mesmo nome e idéia do projeto anterior.

Rap dos alunos da EMEF Clotilde Barraquet Von Zuben
Coordenação: Rapper Fred
Rap: Periferia

Levanto logo cedo é mais um novo dia
Vejo o que acontece na periferia.
Esgoto a céu aberto, nos dá até desgosto.
Ninguém aqui merece pagar esse imposto
A fome tá matando, a violência aumentando.
Nossa juventude nas drogas se acabando
A periferia quer mais organização
A nossa escola precisa de união.
A escola somos nós então acorda
Juventude unida sempre tem a força
Levante e venha lutar por um mundo novo
Faça valer os seus direitos para o povo.
Sei que na escola se aprende a viver,
Pessoas que se aproximam juntas, podem ter lazer.
Hip Hop é a cultura da periferia, o mundo inteiro precisa desta alegria.
Com a mente aberta, pras drogas digo não.
Agindo desse jeito valorizo a geração.

Deus está conosco pra acabar com a violência
Vamos ser unidos e ter mais consciência.
A escola somos nós então acorda
Juventude unida sempre tem a força
Levante e venha lutar por um mundo novo
Faça valer os seus direitos para o povo.
A escola é nossa e nós temos o direito
Somos da periferia e merecemos mais respeito
Queremos ter saúde melhor educação
Direito à cultura e por que assistência não?
Se assistência não é favor, é um direito de todo povo
Assistência também é dever do cidadão que quer crescer
Pro adulto e pra criança, pro deficiente que tem esperança.
É só se unir é só chamar a comunidade pra se ajudar
Se não te ouvir é só gritar Acorda Povo Vamos Trabalhar.
A escola somos nós então acorda
Juventude unida sempre tem a força
Levante e venha lutar por um mundo novo
Faça valer os seus direitos para o povo.

Em 2004 e 2005 a coordenação das oficinas de rap do Projeto Social Dom Bosco, antigo Externato São João foi entregue ao rapper Dr. Sinistro, um dos fundadores do movimento em Campinas, membro da Old Schoo⁵¹. Propõe para o grupo de alunos um debate mais amplo sobre a periferia e sobre a liberdade de criação do rap. Cada aluno poderia criar um rap ou um grupo e assim muitos raps são compostos, em um inclusive ele assina parceria e o grupo de alunos da um nome para o recém montado grupo de rap. Seu rap possui uma narrativa, denúncia e opinião, diferente dos outros produzidos no programa. Ele conduz o grupo a uma produção de rua, fugindo as normas da cultura escolar.

Projeto Cemefeja
Rap: Não desperdice o seu futuro
Autor: Dr. Sinistro/ Cláudio "Koringa"/ Cristiano.
Canta: grupo Juventude com Atitude

⁵¹ Início do movimento Hip Hop.

Eu vejo a droga/ como um problema social/
Crack e coca/ cigarros/ hoje estão na moda/
Na Tv. / só vejo álcool e mulher pelada/
Muito whisky e conhaque/ e muita ceva gelada/
Na favela/ a situação/ não esta nada boa/
Muitas crianças/ que hoje/ estão morrendo a toa/
Se viciando no crack/ tomando back/ ou cheirando/
E nas mãos de traficantes/ eles estão morrendo/
Mas a polícia vive abusando/ espancando/
E na calada da noite/ eles estão exterminando/
Nossos jovens/ nas favelas/ nas periferia/
E no jornal regional/ serão destaques do dia/
E a principal notícia/ que será divulgada/
Que mais uma boca de fumo/ foi desmantelada/
Mas nós sabemos/ o que realmente aconteceu/
Foi somente mais um menor que o sistema abateu/

Não pense que a sua vida já não vale nada/
Não desperdice o seu futuro/ pelo vício/ nas drogas/
Pois só quando se iluminar/ sairá da escuridão/
Ao deixar entrar em seu peito/ muito amor no coração/
Há tanta luz lá no céu/ e o homem na escuridão/
Há tanto amor para dar/ e o homem sem coração/
Há tanta luz lá no céu/ e o homem na escuridão/
Há tanto amor para dar/ e o homem sem coração/

Eu sou o novo Rapper do Brasil/ nem me viu/
Dando mancada na quebrada/ se pá/ já subiu/
Chegou o camburão/ todo mundo para o chão/
Coloque a mão na cabeça/ e um calibre na mão/
Até lançaram na fita/ a nova blazer/ se liga/
Pra intimidar/ Preta e branca/ vermelha e cinza/
Lá no externato/ me apelidaram de koringa/ é foda/
E a violência da policia/ que aumenta toda hora/
Não quero ver o meu filho/ do outro lado do muro/
Talvez fumando bagulho/ de vez em quando/ castigo/
Sei lá/ será/ só mais um rapaz/ que esta vindo da escola/
Se pá/ tomando um back/ talvez cheirando uma coca/

Aí moleque/ tome cuidado com as drogas/
Para entrar é bem fácil/ mas para sair/ é que é fôda/
Com doze anos de idades/ já estava na febém/
É cada um por si mesmo/ não da pra contar com ninguém/
Não quero ver o meu filho/ dentro deste buraco/
Quem conhece tá ligado/ que é pior que o inferno/
Então te digo meu irmão/ tome muito cuidado/
Pior drogado/ é aquele que só vai no embalo/

não pense que a sua vida/ já não vale nada/
não desperdice o seu futuro/ pelo vício nas drogas/
só quando se iluminar/ sairá da escuridão/
ao deixar entrar no seu peito/ muito amor no coração/
há tanta luz lá no céu/ e o homem na escuridão/
há tanto amor para dar/ e o homem sem coração/
há tanta luz lá no céu/ e o homem na escuridão/
há tanto amor para dar/ e o homem sem coração/

O futuro do nosso Brasil/ está comprometido/
Pois os nossos jovens/ estão sendo assassinados/
Diariamente nas ruas/ pelo maldito sistema/
Que trata o jovem/ com injustiça/ e muita violência/
Sem falar/ Que a violência/ ele conheceu em casa/
Com seu pai/ embreagado/ que sempre o espancava/
Veio para as ruas/ então conheceu o crime e as drogas/
Se envolveu com a malandragem/ agora ele se achava/
Ficou viciado na coca/ no álcool/ e no cigarro/
E para manter o seu vício/ ele até puxava carro/
Vive na fissura/ roubando/ só mixaria no bairro/
Esfaqueou um aposentado pôr alguns trocados/
Esse tipo de atitude deve ser desprezada/
Viciado/ noiado/ dando mancada na própria quebrada/
A droga na sua vida/ fez da sua vida/ uma droga/
Eu tô ligado na idéia/ então maluco/ se joga/

Projeto CEMEFEJA
Rap: Vida de Mulher

Vida de mulher/ eu sei que não é fácil/
É a primeira a acordar/ e a última a dormir/
Tem os seus filhos pra cuidar/ e sua casa pra limpar/
Pego de exemplo à vida/ de uma pobre mulher/

Viúva com três filhos/ que ela tem que cuidar/
E ninguém para ajudar/ somente para criticar/
Todo dia a mesma coisa/ coisa de rotina/
Levo as crianças para a creche/ às 7hs da matina/

E às 8 horas em ponto/ já está em seu trabalho
Trabalha o dia todo/ com certeza nossa cidade ficará desprotegida
Acho melhor deixar as coisas como elas estão/
Senão irá piorar a nossa situação/
Aumentará o crime e a violência urbana/
E ai??/

Eu acho que não deveria ter armas no Brasil.
Mas se não tiver/ quem é/ que irá nos proteger/
Porque o bandido consegue se armar com facilidade/
Mas quer saber/ quem anda armado/ não passa de um covarde/
Opressores/ é a hipocrisia/

Digam não á discriminação racial/ e a demagogia/
Digam não ao preconceito/ e ao sistema racista/
Digam não/ a toda cumplicidade terrorista/
Digam não/ a nossa sociedade capitalista/

Se deseja ser um santo/ tornar-se um detrator/
Nosso governo
Que faz tão pouco pelo povo brasileiro/
E para sustentar seus filhos/ ela não foge a luta/
E assim/ a mulher teve que passar a noite na fila/

Sem dormir/ e sem dinheiro/ pra comprar o que comer/
Vida sofrida/ bandida/ mas a base dessa mulher/

É a fé/ que ela tem em Deus/ nosso senhor/
Nosso refúgio/ nossa fortaleza/ nosso salvador.

Para melhor compreensão entre um rap produzido no interior da escola e um produzido na rua, com sangue, alma e vontade trago dois raps da “galera” que agita Campinas. O primeiro do rapper Renato Afro, considerado “Gangsta” em Campinas. Um rap que narra como vive parte da juventude da cidade e ao mesmo tempo faz uma saudação à periferia, quando cita os nomes de vários bairros de Campinas e região considerados perigosos pela imprensa local e moradores de outros bairros.

RAP: Sangue - 2003

Rapper: Renato Afro

Sangue bom virgula sangue ruim.
A inversão do caráter tipo assim.
Tem um maluco escondido no meio do mato.
Tem um gambé, escondido na entrada do trio,
Com um puta cagaço.
E uma coral cercando o terreno lá do outro lado.
E de 10 pessoas que entraram no trio,
Só três passaram, o resto correu.
E esses 3 levaram enquadro.
Se repara aqui uma pá de ladrão e uma pá de gambé cuzão,
24 horas só os psicão, só execução,
que não aparece no jornal, nem na televisão.
Não conta na estatística, se ta me entendendo.
Meu parceiro, a lei da carta branca,
pra policia mata preto,
importa a rota da capital.
Uns alemão arrombado, forgado pra caraio e tal.
A grande sensação é a esquina, galinha dos ovos de ouro
600 paper de farinha por noite, por dia,
bem administrado, mas muito manjado.
Um loco que serve o barato

Tem que ser desbaratinado,
Ai as laranjada cai pra dentro,
Pra depois fica parado no movimento
Maluco as veis mais necessitado de vida
Do que condição de vida, o embalo é forte
Mais fica aqui ferida fodida.

Assim moleque bom, nego dito sangue bom, vira chouriço.
Bandido, nego dito sangue ruim, continua sendo o mito.
Lembrado pelo esquecimento do pai e da mãe,
Lembrado por ser adotado pelo chefe da gangue,
da miséria, cadeia e outros clichês da existência.
Ter feito vários playbóis registrar boletins de ocorrência
Mantêm a quebrada as pampas fuzilando pilantra.
Distribui brinquedo no dia das crianças,
E sabe que o império e o dinheiro não trouxe felicidade.
Pois fodeu vários corações com muita maldade.

Sangue bom virgula sangue ruim,
A inversão do caráter tipo assim.
Sangue bom virgula sangue ruim,
triste começo, triste meio, triste fim.

Os primários tinha tudo pra rasga o mapa,
mas a idéia era muito fraca.
Filhos de operários e de funcionários públicos
de baixo escalão, que as vezes sustenta sem cobrar trampo,
ou estudos pra não ver filho virar ladrão.
Tudo em vão, os vagabundos sabe que vira lord.
A vagabundagem come solta, os embalo é forte,
Moto e carro veio e várias requenga,
Vende uma maconha, apavora a vizinhança, com uma 380.
Os nego dito sangue bom,
tem duvidosa coletividade.
Nunca se joga pro outro lado da cidade,
Com medo de policia e ladrão.
E até os playbóis de Campinas
Fica dando ásia pelas ruas da vida.
Pra piora e repeti a violenta História,

Os otários tão fumando e cheirando a droga.
Comeram os ovos de ouro, até a galinha.
Os nego dito sangue bom, caíram na armadilha.
Um deles subiu o gaz do patrão sangue do seu sangue.
Que preferiu morrer ao entregar o controle da gang.
A volta pro barraco,
Junto com seus parceiros pela última vez
A sensação de medo.
A sua família berrando no meio da rua.
Sua goma em chamas, na frente dela duas figura
O encapuzado começaram dando tiro na bunda.
Depois estouraram a cabeça e xingaram de filha da puta.
O nego dito sangue ruim, cancelaram a treta
Com os calibri mais pesado do planeta.
Uma das regras: se é pra chorar
Que chore todo mundo junto.
Olho por olho, difunto por difunto.
No dia seguinte de manhã, crianças brincando novamente.
Na noite passada os mais velho fizeram o certo, pelo errado novamente.

Sangue bom virgula sangue ruim,
A inversão do caráter tipo assim.
Sangue bom virgula sangue ruim,
triste começo, triste meio, triste fim.

Passado meia hora, o coximba se cansaram
O maluco saiu do mato e acendeu um bac
Em homenagem a policia saiu cantando um rap
O rato sai e os maluco passeia
Mesmo sem dever nada fica esperto
Porque essas porra de policia
Não tão de brincadeira
Aqui na periferia não tem conselho de segurança.
É só policia matando inocente, fazendo lambança.
Segurança nós faiz é na atitude
Não da os boti errado.
E com os crimes não se iludir
Ser sangue, sangue bom, ter coletividade

Pa da uns roles nos 4 cantos da cidade.
São Marcos, Oziel, Melina, Vida Nova, Tamoio,
Nova York, Itatiaia, Vila Formosa, Vila União,
Maria Rosa, Itatinga, Formigueiro, Em Sousas
Conceição, Imperial, Vila Santana, Beco,
Nova América, Campo Belo I e II, passa bola,
São Quirino, Gênesis, Orestes Ongaro em Hortolândia
Parque Brasília só quebrada da hora.
A juventude periférica também constrói uma história.
Enfrenta aqueles trampos de merda,
É melhor do que morrer pagando comédia.
Quem tem família, ou quem tem só
A si mesmo.
Sempre no sossego, até no desespero.
Estuda, se pa descola uma oficina
De Hip Hop na escola do bairro
Qualquer coisa que deixa maluco inteirado.
Chega de duble de playboi
Que é o criminoso principal
Mais quem morre feio é nós.
Nosso sangue é nego sangue bom
Se não fosse os vampiro da burguesia
Não tava alvoroçado em nós não.

O segundo é um rap do Grupo Sistema Negro, o primeiro grupo de Campinas a vencer no rap, o grupo é formado por cinco homens moradores do bairro Vila Rica e vivem lá até hoje. A letra “Bem vindo ao inferno” foi feita para a vila onde moram.

Sistema Negro

Bem Vindo ao Inferno

Encaro a vida de frente pois sei

Aonde moro cara

Não sou pensador, sou da rua

Aonde é a lei da bala
Lugar marcado pelo jornal e pela polícia
Cartão postal da violência e da cocaína
Vila predominante pela raça preta
Massificada e sempre na mira da escopeta
Vivendo da precariedade, gente pobre
Que sobrevive a cada dia, mano, como pode.
Vendendo farinha e maconha
O grande comércio
Tudo ilícito, mas no momento o que dá dinheiro.
Carro zuando, subindo e descendo as ruas da vila
Aliados drogados espertos, com a PT na cinta.
Preparados pra um confronto direto com a polícia
Quem pode mais chora menos.
Vamo vê como é que fica.
Ah, criançada jogando bola no campinho da creche
Rapaziada na quadra rachando o basquete
Mulherada fofocando antes, depois do almoço.
Quem foi e quem vai ser o próximo a ser morto.
A lei da Vila não é nada amigável
A lei do cão meu irmão não é nada favorável
E reza pede proteção santo que está na sala
Depois escova o 38 e duas caixas de bala
Isso não é um conselho e sim uma orientação
Cada macaco no seu galho e sempre de prontidão.
Pois o inferno é aqui
Não existe outro lugar
Vacilo, fica pequeno, pode acreditar.

Bem, bem vindos. Bem, bem vindos ao inferno
O inferno é aqui não existe outro lugar

O sol se põe e a noite na seqüência vem
O outro lado da moeda logo vai brilhar
Não vejo ninguém na rua
O limite é o portão olhos abertos.
Atentos a qualquer prontidão
Carro virando a esquina?

Farol alto devagar?
To esperto com a mão no ferro
Vendo o que vai dar.
Infelizmente a policia, na tem como escapar.
Dois manos meus são enquadrados na porta do bar.
Mão na cabeça! Perna aberta! Geral e farda e tudo.
Diz que os conhece, que já deve.
E estão queimando fumo.
Mas nada é encontrado, e eles estão liberados.
Com suas bocas sangrando e alguns ossos quebrados.
Observo da minha casa e vejo tudo calado.
Estou acostumado com tudo isso pois
Está e, e sempre será a rotina de onde eu moro.
Sempre culpados por tudo que rola nesse submundo.
É a verdade mais clara, estampada nos jornais.
Noticiário pra tv, rádio e outros mais.
EZZIEDAL, preto real, isso é a realidade
Querendo ou não na VR se torna
Um marginal padrão.
Não tem como escapar, o clima afeta o ar.
A marginalidade cresce, a tendência é piorar.
Vários vizinhos eu vejo com placa "Vende-se casa"
Estão cheios da área, tristes dizendo assim
Pois o inferno é aqui
Não existe outro lugar
Vacilo, fico pequeno, pode acreditar.

Bem, bem vindos. Bem, bem vindos ao inferno
O inferno é aqui não existe outro lugar

Pode pensar que o que falo cara
Forte demais.
Mas é a vida como ela é, nada mais.
Observe, veja e chegue a uma conclusão.
Porque bairro pobre é só miséria.
E baixaria então.
Nunca fomos lembrados por nenhum filho da puta eleito.
Não sei porque acharam algum defeito.

Aqui só mora preto, não merecemos respeito.
Nem se quer temos ajuda.
E nem tão pouco direitos.
Mas observe a vida de brancos
Requintados, tem policia nas ruas.
dando bom dia aos vigias.
Mas na VR você pode crê.
Tem policia nas ruas enquadrando você.
Estamos esquecidos, nesse lugar sujo e desgraçado.
Não tem jeito, o meu destino é morre nesse buraco.
Pois é assim que fui criado cara.
Andando pelas ruas atrás de doce e bala.
E agora mano, 10 anos depois.
Não posso esquecer meu passado que na vila foi plantado.
É violento mais eu gosto, é minha vida.
É revolver, maconha, pulicia e cocaína.
Não venha pra cá sem ser convidado.
Ande esperto, maluco com tudo.
Tome cuidado pois.
O inferno é aqui, não existe outro lugar.
Vacilo, fica pequeno.

Bem, bem vindos. Bem, bem vindos ao inferno
O inferno é aqui não existe outro lugar

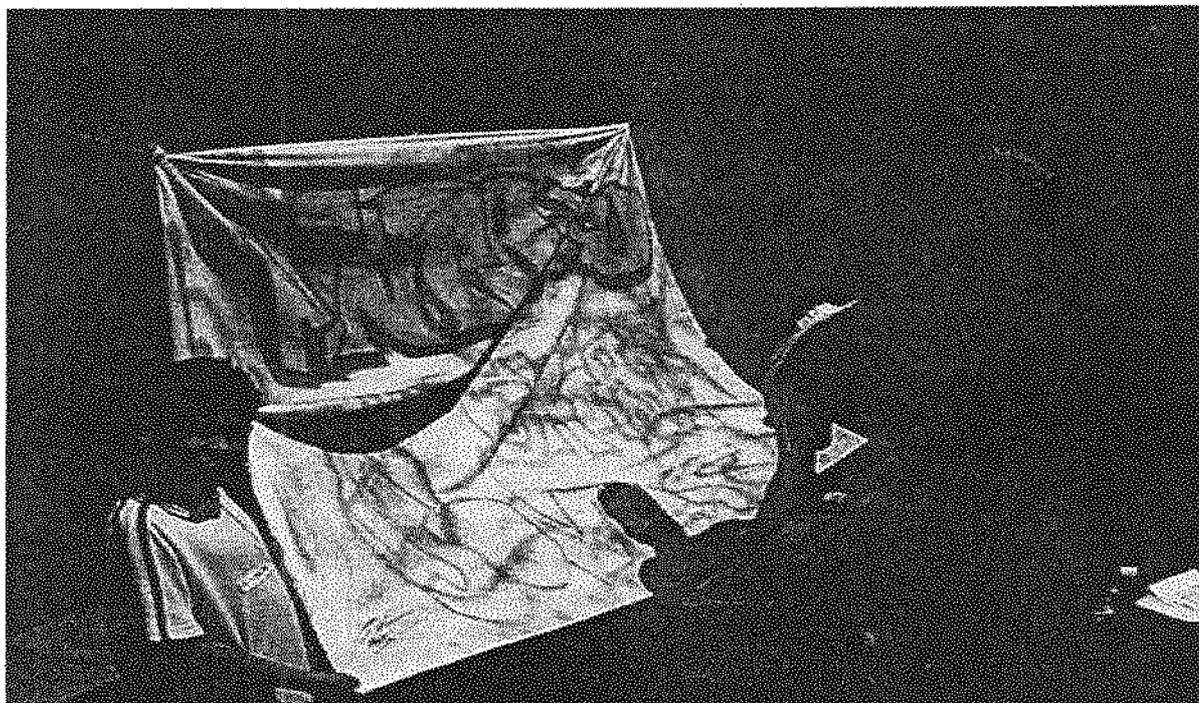
Outro ponto forte do programa A Escola é Nossa foi a oficina de Teatro que apresentou a proposta de uma escola reflexiva do individuo com os seus pares e conseqüentemente com o mundo que está a sua volta. Torna-lo parte consciente desse universo, possibilitando-lhe um espaço artístico de intervenção. Através do teatro de criação e com ajuda de autores.

Dentro do programa "A Escola é Nossa" o projeto de teatro atingiu de forma efetiva duas comunidades a do Jardim Florence II composta por alunos da EMEF "Clotilde Barraquet Von Zuben" e moradores da região que estudavam em outras escolas do bairro e a do Parque Dom Pedro II com alunos da EMEF "Elza Maria Pelegrine Aguiar", os dois grupos juntos totalizavam aproximadamente 150 integrantes entre crianças e adolescentes.

Cada grupo, dentro de sua comunidade escolar, iniciou uma reflexão sobre a periferia, desse trabalho surgiu o primeiro roteiro de um espetáculo o qual recebeu o nome de “Bom dia Comunidade”. O grupo ampliou o trabalho de pesquisa, criação de cenas e integrou com as oficinas de Dança de Rua e Rap e finalmente obteve-se um espetáculo integrando outras oficinas, que era uma proposta do programa, integrar as várias oficinas da escola. Dessa integração nasceu o espetáculo TERRA. Esse trabalho, devido a sua maguinetude, foi ampliado para três versões TERRA II e TERRA Campinas, com poesias de Guilherme de Almeida em comemoração ao aniversário de Campinas. O ultimo trabalho do grupo, dessa vez cada escola dentro de suas escolhas foi a “Noite das Fabulas” com duas adaptações de contos de fadas. Todos os espetáculos foram apresentados no Teatro Castro Mendes.

O teatro dentro da escola não só trouxe uma identidade grupal para os alunos participantes, principalmente os alunos do Jardim Florence, no qual a queixa de hostilidade e “indisciplina” era muito grande por parte dos professores e direção. Como também permitiu uma reflexão sobre as questões da adolescência numa comunidade periférica, assolada pela violência e pela droga, todos encontraram no teatro a comunicação com uma vida saudável e a certeza de que é possível existir transformações na dinâmica que cada um levava. Alguns alunos hoje estão trabalhando como monitores em projetos sociais, fazendo curso de teatro profissionalizante e uma das integrantes cursa Fisioterapia na PUC, pelo Pro- Uni, e sua escolha partiu das oficinas de corpo e do efeito que ela pode visualizar nos grupos de trabalho.

Férias Jovens



52

A equipe da SME ao iniciar o governo em 2001 se depara com um grave problema na Educação Infantil, férias de professores e de funcionários. A fêria desses profissionais causou um tumulto nas escolas, porque grande parte das crianças teria que continuar a freqüentar as escolas. Tinham esse direito o mesmo direito que os profissionais tinham em estar em férias.

Para atender esses alunos e manter as férias dos profissionais a equipe cria já no primeiro ano de governo o projeto “Pintaram as Férias Infantis”, garantindo atendimento e qualidade para as crianças e tranquilidade aos pais que estavam trabalhando nessa época do ano.

O sucesso desse projeto levou a equipe a ampliar o projeto aos adolescentes e em 2003 teve início o projeto “Pintaram as Férias Jovens”, que teve em 2004 sua segunda versão.

Em janeiro de 2003 o projeto atendeu 06 escolas e 750 alunos entre crianças e adolescentes, foram oferecidas 10 oficinas: rap, graffite, dança de rua, pipa, capoeira, skate, futebol, malabaris, teatro, percussão e handebol. O projeto teve duração de 10 dias de 13 a 24 de janeiro. As escolas funcionaram das 13:00 às 17:00.

⁵² Foto tirada em 24 de janeiro de 2003, grafitagem do banner “Pintaram as Férias Jovens”. Grafiteiros Éder e Felipe. Parque Taqueral.

Todo material utilizado para as oficinas foi e o lanche para os participantes e oficinairos foi comprado pela Secretaria Municipal de Educação.

O projeto foi organizado nos últimos 10 dias do mês de dezembro para ter início em 10 de janeiro, na avaliação as diretoras e participantes das oficinas apontaram os pontos positivos e negativos.

Pontos Positivos	(negativos) Itens a serem revisados
Divulgação na TV Participação da comunidade	Divulgação antecipada durante as aulas.
Qualidade das oficinas	Quantidade de oficinairos
Alimentação diária Lanches no Mac Donald	Variedade na escolha dos lanches
Participação do Departamento	Participação da equipe de governo e CPs, Supervisores
Diálogo com equipe escola	Ampliar envolvimento da equipe, tendo em vista empréstimo de materiais da U.E e outros.
Materiais de qualidade para oficinas	Prever compra antecipada
Diversidade das idades	Repensar a idade do público, Parceria com Pintaram as Férias Infantis
Cooperação do Dep. De Apoio a Escola	Envolvimento de todos os DPs
Sistema de transportes para monitores e alunos	Antecipar agendamento
Encerramento dos trabalhos na Lagoa do Taquaral	Prever alimentação
Procura pelo projeto de outras escolas que não participaram	Prever atividades em locais onde não são pólos de atendimento
Realização das oficinas no bairro *Cidade Singer	

Na sua segunda versão em 2004 já foi feita uma previsão maior de oficinas e arte-educadores bem como coordenadores para as escolas. Foi feita uma parceria com o CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) e quarenta estudantes foram contratados como coordenadores das escolas.

O número de escolas participantes aumentou de 06 para 13 e as oficinas foram as mesmas que já existiam no programa. A divulgação foi feita durante todo mês de dezembro e foi realizada uma parceria com as Secretaria Municipal de Assistência Social e Secretaria Municipal de

Esportes e Cultura, prevendo atendimento nos núcleos e praças de esportes da cidade e contou com a participação de 1750 crianças e adolescentes com idade entre 6 a 19 anos.

Na avaliação feita após a segunda versão com toda a equipe de coordenação e participantes foi essa.

Pontos Positivos	(negativos) Itens a serem revisados
Divulgação antecipada na TV	
Participação da comunidade	
Qualidade das oficinas	
Número deicineiros	
Número de coordenadores das escolas	
Alimentação diária	Pouca variedade na escolha dos lanches e quantidade
Participação do Departamento	Participação da equipe de governo e CPs, Supervisores
Diálogo com equipe escola	
Materiais de qualidade para oficinas	
Diversidade das idades, parceria positiva com o Férias Infantis	
Cooperação do Dep. De Apoio a Escola	Envolvimento de todos os DPs
Sistema de transportes para monitores e alunos	Mesmo com a previsão os ônibus foram poucos.
Participação das outras secretarias	Não aconteceu o encerramento das atividades, frustrando os participantes
Procura pelo projeto de outras escolas que não participaram	

Avaliação de uma aluna que participou do projeto nas suas duas versões:

Desde o primeiro dia que começou, nunca deixei de vir. Gostei muito da dança, do graffite e da música do rap, aprendi o que é periferia. Nós mesmos somos todos da periferia, gostaria de fazer de novo nas férias do carnaval. Aprendi muitas disciplinas das coisas a conviver em paz e não esquecerei dessas férias, foi à coisa mais legal que aconteceu na minha vida, uma coisa que nunca fiz.⁵³

⁵³ Aluna Érica Camila da Silva Ribeiro. EMEF Maria Pavanatti Favaro.

Para que tanto o programa “A Escola é Nossa” e o “Projeto Férias Jovens” desse certo, a equipe e Secretária sabiam que não poderia haver boa vontade das escolas, prefeitura e comunidade, era necessário ações que demonstrassem que a Secretaria estava disposta a efetivar sua proposta de inversão de setas e valorizasse a escola.

Para isso foi permitido a cada professor envolvido no programa durante os finais de semana ou em horário contrário as aulas um pagamento em forma de projeto, até 12 horas semanais.

As escolas que participassem tinham direito também a guardas nos finais de semana e materiais. Foram comprados para dividir entre as escolas participantes do programa: 250 skates com kit de segurança (capacete, tornozeleira e braçadeira), 1000 bolas de handebol sendo 500 femininas e 500 masculinas, bombas e bicos para as bolas, coletes para os times, 50 violões, 50 cavaquinhos, instrumentos para percussão, jogos de frescobol, bambolês, cordas e kit de jardinagem (enxada, pazinhas, enxades e mangueiras). Para as oficinas de Hip hop foram comprados Kits graffites (lápiz de cor, papel sulfite e spray e tecidos), e kit pinturas para as oficinas de teatro (pancake, pó de arroz, sombra, lápis de olho, bases, gel e grampos para cabelo). Em todas as apresentações que eram feitas fora da escola havia transporte e lanches para alunos e monitores.

Essa verba vinha do Orçamento Participativo que era disputado ano a ano com outros projetos da SME, e era no OP que podia se ter noção da importância de cada oficina para alunos e comunidade, havia organização e todos compareciam para votar e pedir a continuidade do programa.

Em 2003, em seu primeiro ano de funcionamento, o programa A Escola é Nossa ficou em quarto lugar nas prioridades do OP, em 2004 ficou em primeiro, com um número elevado de votos, mostrando a organização da comunidade e escolas e a aprovação do programa.

Em 2003 e 2004 o programa contou com a participação de 32 arte-educadores cada um dentro da sua especificidade, quatro monitoras de teatro e 8720 alunos participando das 15 oficinas oferecidas pelo programa.

Numa cidade com um milhão de habitantes e sessenta mil alunos matriculados na rede municipal, 8720 é um número pequeno, mas para cada um desses alunos que participaram em tão curto espaço de tempo ele foi importante e significativo.

Em 2005, muda a gestão política da prefeitura fato do resultado das eleições. O atual governo⁹ da coligação “Primeiro os que mais precisam” liderados pelo PDT, não demonstrou interesse na continuação do programa “A Escola é Nossa”, nem no projeto “Férias Jovens”, pelo contrário assumiram as oficinas do início do ano de 2005, mantendo-as nas escolas que haviam apontado a continuidade das mesmas em seu projeto pedagógico.

O que aconteceu na realidade foi um sucateamento das mesmas, os atrasos constantes nos pagamentos dos arte-educadores gerou desinteresse até o momento a grande maioria dos ainda não recebem os salários das oficinas realizadas em 2005, assim como teve o fim do vale transporte, e a negação a cada material solicitado pelas escolas ou arte-educadores.

O ano de 2005 terminou com as oficinas paradas, os materiais guardados nos laboratórios e bibliotecas das escolas e o vínculo tão difícil de ser criado entre escola e comunidade terminado. Algumas comunidades se organizaram com abaixo-assinados, Conselhos de Escolas e inúmeras cartas dirigidas ao Secretário de Educação e ao gabinete do Prefeito Municipal, todas receberam como resposta que o atual governo estava fazendo um levantamento das reais necessidades desses alunos e que terminado esse levantamento as ações passariam para a Coordenadoria da Juventude, nesse governo “responsável” pela Juventude de Campinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo professora, negra e interessada no Movimento Juvenil, a Cultura e a Educação, fiquei feliz por não ter perdido o “trem da história”, e participado ainda que timidamente da construção de mais um importante momento histórico e principalmente um movimento sócio-cultural feito pela e para a juventude. Foi no “Hip Hop” que encontrei respostas, ainda que tardias às minhas dúvidas como aluna, mas sem dúvida nenhuma foi no “Hip Hop” que encontrei as respostas que procurava como professora de adolescentes moradores da periferia, que procuram um lugar, um habitat, dentro da escola, respostas que procurei na literatura infanto-juvenil, nas poesias, livros e filmes, no que estava “documentado”. Segundo Ezpeleta e Rockwell;

a escola tem uma história documentada, geralmente escrita a partir do poder estatal, a qual se destaca sua existência homogênea. Nesta interpretação a escola é difusora de um sistema de valores universais ou dominantes que transmite sem modificação. Na versão positivista a escola, além de conseguir a inculcação dos valores e normas comuns á sociedade, consegue também a realização dos direitos civis e da justiça social. As versões críticas da escola, baseando-se na própria história documentada, demonstram por sua vez seu caráter reprodutor da ideologia dominante e das relações sociais de produção. (1986, p.12)

Acredito que a educação e os educadores de hoje não podem fechar os olhos para esse importante movimento, para rever e refletir sobre currículo e o cotidiano da escola. Pensando a escola como um lugar vivo, dinâmico e não pronto e acabado.

O currículo é vivo e é construído no cotidiano escolar, não é Parâmetro Curricular, ou livro didático. Construído juntamente com os alunos no dia a dia da escola.

O Hip Hop, principalmente o rap pode ser um dos caminhos para construção desse currículo.⁵⁴

⁵⁴ A movimentação dos jovens em torno da cultura Hip Hop e, mais especificamente o rap, possibilita a garantia de superar a crise social com fatos como o desemprego, as dificuldades escolares, as perseguições policiais. Mas a necessidade de fortalecimento de sua identidade étnica é outra vertente que se apresenta como preocupação do grupo. O fato de cultivarem o rap já é investir na sua auto estima, pois o rap é uma música de origem negra, o que não significa que o conteúdo da música deva ser unicamente nessa temática; o ritmo de

O adolescente assume o papel de protagonista de seu processo educativo. Através do Hip Hop os adolescentes adquirem um conhecimento melhor da periferia e das suas necessidades, conhecimento não encontrado nos espaços formais de educação.

O trabalho desenvolvido pelas posses de conscientização política, valorização da auto estima, e cidadania, através da leitura da realidade do jovem, estudo das idéias dos ícones do movimento negro, palestras abordando temas como; droga, violência. Ajuda o jovem a elaborar questões sobre a vida.

Esse aprendizado acontece no âmbito da comunicação oral e é carregado de representações e tradições culturais, bem como de emoções, pensamentos e desejos. As posses, portanto, são espaços para a criação e recriação do grupo para exercício de cidadania. (MAGRO, 2002, p 70).

O adolescente morador da periferia seja ele negro ou não, encontrou no Hip Hop e mais especificamente no rap a sua identidade. Ao transitar pelo espaço urbano e sofisticado, marcado pela forte presença de adolescentes burgueses, representados nos “out doores” e lojas, ele deixa através do graffite ou “picho”⁵⁵ a sua leitura de mundo e a sua participação na construção desse espaço. Sua marca de identificação com outros que transitam como ele pelo mesmo caminho, pela mesma cidade.

A afirmação da identidade dessa juventude não é feita sem conflitos, pois existe a cobrança da família que aponta para caminhos e modelos que eles consideram assertivos como o pai, avós, tios, professores. O adolescente tem por sua vez também os seus ídolos na música, no futebol, nos filmes de ação e muitos até no traficante do bairro que o acolhe a qualquer momento. Isso porque ele já enfrenta problemas demais por ser adolescente em formação, num mundo globalizado e cheio de informações.

A identidade do movimento Hip Hop aqui pode ser entendida como pertencer a um grupo, fazer parte, noção de pertencimento como afirma Tadeu da Silva.

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A

estilo musical por si só expressa sua origem. Elaine Nunes Andrade “RAP E EDUCAÇÃO, RAP É EDUCAÇÃO, pg 90”.

⁵⁵ Palavra usada por grafiteiros que fazem pichação, por acreditarem que ela dá voz a outros adolescentes que vivem no submundo. E que vêem o graffite como um serviço prestado ao sistema.

identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles” ... Nós e eles não são, neste caso, simpl distinções gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder. (SILVA, 2000, p.82.).

Fazer parte do movimento Hip Hop é ter poder para “lutar”, “exigir”, melhores condições sociais. É ter consciência do lugar que ocupa e perceber-se cidadão, portanto com direitos iguais e pessoa diferente.

A Cultura da Rua na Escola

Ao defender a presença da cultura da rua na escola, não faço a defesa da destruição da cultura escolar ou desmantelamento da escola como instituição. Acredito na importância da escola na formação de crianças e adolescentes, mesmo porque a presença do outro é importante na constituição da pessoa humana, essa constituição não é possível sem o outro.

Entendo que a revisão curricular é urgente e necessária, a abertura da escola para outras vozes e culturas é importante para a permanência e real inclusão de um grupo grande de adolescentes que não se encontra e não se reconhece na escola. A escola precisa ter sentido para esses jovens, o mesmo sentido que tem o movimento Hip Hop ou outros movimentos juvenis.

Defendo a necessidade do debate com alunos, pais e comunidade, ou seja, com as pessoas do entorno da escola, qual seria a origem do desinteresse que os alunos apresentam pelo saber escolarizado, uma vez que maioria rejeita os conteúdos apresentados nas aulas.

São unânimes em afirmar que a escola é um local “legal” de estar, ponto de encontro com amigos, namoradas, a escola torna-se um ponto de referência no bairro. Mas esse local “legal” de estar vira cadeia, momento em que o aluno é obrigado a ir para a sala de aula; é a partir desse momento que alunos e professores travam uma verdadeira batalha, onde muitos alunos desistem da caminhada e professores apresentam atestados de saúde com frequência.

A união entre essas duas culturas seria a solução?

Nos anos que trabalhei como professora e como coordenadora do programa “A Escola é Nossa”, a resposta para essa pergunta foi positiva. A cultura de rua pode ser vista

como forma de “resistência”, a juventude recusa o conhecimento formal e valoriza o não formal, sua cultura e linguagem.

A inventividade cultural das pessoas pobres, e sua interação com a cultura popular mais ampla não podem de forma alguma ser negadas – do jazz ao rap, ao new wave, à moda punk, aos estilos modernos contemporâneos e assim por diante. A pesquisa etnográfica na escola registra um forte desejo de educação por parte da população pobre e das minorias étnicas. Apesar disso existe um enorme fracasso educacional. Alguma coisa não está funcionando bem; mas, com certeza, dificilmente será a cultura das pessoas pobres. (CONNELL, 1997, p.19.)

Ao justificarmos o fracasso escolar não podemos culpar a base, temos que revisar todo o sistema de ensino, que foi criado para uma época, onde as diferenças sociais não eram gritantes, ou melhor, a escola não era aberta a todos. Atualmente as diferenças de classe social são alarmantes e a escola continua com a mesma estrutura de ensino que foi pensada há anos atrás.

A juventude negra e excluída usa o movimento Hip Hop como porta voz do seu “silêncio”, e diz não ao sistema que massifica, homogeneiza e exclui.

A homogeneização ocorre quando a escola trata a todos alunos como cidadãos que tem os mesmos direitos e as mesmas obrigações, direitos e obrigações iguais, portanto tomam os alunos como iguais. Os cidadãos são iguais, mas as pessoas são diferentes e isso a escola nega.

A construção da singularidade e de significações de cada um perde toda o sentido na escola, que da a todos os alunos o mesmo tempo pra aprender da mesma maneira e os mesmos conteúdos.

Como pessoas, constituímos-nos como um espectro de competências, como um feixe único de características físicas, de estados emocionais, de modos de ser e agir. No seio da personalidade, só existem diferenças. Mesmo quando, na escola, somos enquadrados em classe de equivalências, somos tratados como iguais, submetidos aos mesmos currículos e obtendo as mesmas notas, esperamos sair dela para sermos diferentes na vida. (MACHADO, 2003, P. 229).

Um dos grandes problemas enfrentado pela cultura da rua dentro do espaço formal de educação, a escola, pode ser a questão da avaliação. Como avaliar o conhecimento produzido na rua. Para a escola só quando conseguimos explicitar em palavras, teorizar, tornar visível o produzido existe o conhecimento, quando não é possível fazer isso, não existe.

E na busca da avaliação do conhecimento produzido por ela a escola se esquece que dentro dela tem gente e que gente se relaciona, pensa, ri, chora e não se avalia. A escola precisa se abrir para outras vozes, culturas e valores para tornar suas relações mais humanas e a escola um lugar mais saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Miriam... et al. Gangues, galeras, chegados e rappers. Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond. 1999.
- ABRAMOWICZ, Anete. A Menina Repetente. São Paulo: Papyrus. 2001.
- ANDRADE, Elaine Nunes. (organizadora) Rap e Educação, Rap é Educação. São Paulo: Selo Negro. 1999.
- _____ Hip Hop: Movimento Negro Juvenil. In: ANDRADE, Elaine Nunes. (organizadora) Rap e Educação, Rap é Educação. São Paulo: Selo Negro. 1999. p. 83-92.
- ARANTES, Valéria Amorim. Afetividade na Escola Alternativas Teóricas e Práticas. São Paulo: Sumus Editorial. 2003.
- AZEVEDO, Amailton Magno Grillu. Os sons que vêm da rua. In: ANDRADE, Elaine Nunes. (organizadora) Rap e Educação, Rap é Educação. São Paulo: Selo Negro. 1999. p 65-84.
- BANDEIRA, Pedro. A Marca de uma Lágrima. São Paulo: Moderna. 1980.
- BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. Movimentos Culturais de Juventude. São Paulo: Moderna, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Cultura na Rua. São Paulo: Papyrus. 1989.
- CANEVACCI, Massimo. Culturas Extremas. Mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.
- CONNELL, R. W. Pobreza e Educação. In: Gentili (org.) Pedagogia da Exclusão. Rio de Janeiro: Vozes. 1995. p. 11-38.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. O que são Direitos da Pessoa. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DAYRELL, Juarez. A Música entra em Cena. O rap e o funk na socialização da juventude. Minas Gerais: UFMG, 2005.
- DIMENSTEIN, Gilberto. Cidadão de Papel. São Paulo: Ática, 1995.
- ENDE, Michael. História Sem Fim. São Paulo: Martins Fontes. 1985.
- EZPELETA e ROCKWELL. Pesquisa Participante. São Paulo: Cortez. 1989

- FANTE, Cléo. Fenômeno Bullying. São Paulo: Verus. 2005.
- FAUSTINO, Oswaldo. Das ruas ao coração! In: ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirela; CASSEANO, Patrícia. HIP-HOP a Periferia Grita. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2001. p. 11.
- FEIJO, Martin César. O que é Herói. São Paulo: Brasiliense.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2003.
- _____ Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra. 1997.
- GARCIA, Regina Leite (organizadora) Crianças essas conhecidas tão desconhecidas. Rio de Janeiro: DP&Vozes. 2002.
- GERALDI, RIOLFI E GARCIA. (organizadoras) Escola Viva Elementos para Construção de uma Educação de Qualidade Social. Campinas: Mercado das Letras. 2004.
- HARPER, Babette... et al. Cuidado, Escola. São Paulo: Brasiliense. 1980.
- HINTON, Susan E. The Outsiders. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- _____. Passou. Já era. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a Experiência e o saber de Experiência. In: GERALDI, RIOLFI E GARCIA. Escola Viva Elementos para Construção de uma Educação de Qualidade Social. Campinas: Mercado das Letras. 2004. p. 113-132.
- MACHADO, Nilson José. Objetividade e subjetividade na construção do conhecimento. In: ARANTES, Valéria Amorim. Afetividade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas. São Paulo: Sumus Editorial. 2003. p. 215-232.
- MAGRO Viviane Melo de Mendonça. Adolescentes como autores de si próprios: Cotidiano, Educação e Hip Hop. In: Caderno CEDES. São Paulo: UNICAMP, Vol. 22, nº 57, agosto de 2002, p 63 –75.
- MARIANA, Maria. Confissões de Adolescente. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- MORENO, J. L. Psicodrama .São Paulo: Cultrix. 1997.

- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. A formação de professores e os alunos das camadas populares: subsídios para o debate. In: ALVES, Nilda (org). Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez. 1999.
- NEVES, Lair Aparecida Delphino. Rap na sala de aula. In: ANDRADE, Elaine Nunes. (organizadora) Rap e Educação, Rap é Educação. São Paulo: Selo Negro. 1999. p. 153- 160.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. Uma Escola para o Povo. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- OLIVEIRA, Carmen Silveira de. Sobrevivendo no Inferno: A Violência Juvenil na Contemporaneidade. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- RAMA, Angel. A Cidade das Letras. São Paulo: Brasiliense. 1985.
- ROCHA, Everardo P.G. O que é Mito. São Paulo: Brasiliense. 1985.
- ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirela; CASSEANO, Patrícia. HIP-HOP a Periferia Grita. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2001.
- SILVA, Salloma Salomão Jovino. Os sons que vêm da rua. In: ANDRADE, Elaine Nunes. (organizadora) Rap e Educação, Rap é Educação. São Paulo: Selo Negro. 1999. p 65-84.
- SILVA, Tomaz Tadeu. (org) A produção social da identidade e da diferença. In: Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes. 2000. p. 73- 101.
- TELLA, Marco Aurélio Paz. Rap, Memória e Identidade. In: ANDRADE, Elaine Nunes. (organizadora) Rap e Educação, Rap é Educação. São Paulo: Selo Negro. 1999. p. 55-64.
- WAISELFISZ, Júlio Jacobo. (Coordenação) Juventude, Violência e Cidadania: Os Jovens de Brasília: Cortez, 1998.

REFERÊNCIAS DISCOGRÁFICAS

- EXECUÇÃO SUMÁRIA. Duro Aprendizado: MCK. Campinas, São Paulo. 2000.
- FAMILIA GOG. Fábrica da Vida: STÚDIO PLACA 2000. São Paulo. 2000.

- IDENTIDADE NEGRA. A Volta Terrorista: MCK. Campinas, São Paulo. 2000
- O RAPPA. O Rappa Mundi: WEA MUSIC.1996.
- PLANET HEMP. Usuário: SONY MUSIC. 1995.
- _____, Os Cães Ladram Mas a Caravana não Para. SONY MUSIC. 1997.
- RACIONAIS MC'S. Raio X do Brasil: ZIMBABWE. São Paulo. 1993.
- _____, Sobrevivendo no Inferno: COSA NOSTRA. São Paulo. 1997.
- _____, Nada Como Um Dia Após O Outro Dia: COSA NOSTRA.São Paulo. 2002.

REFERÊNCIA FILMORÁFICAS

Título Original: Colors. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 120 minutos. Ano de Lançamento (EUA): 1988. Estúdio: Orion Pictures Corporation. Distribuição: Orion Pictures Corporation. Direção: Dennis Hopper. Roteiro: Michael Schiffer, baseado em estória de Michael Schiffer e Richard Di Lello. Produção: Robert H. Solo Música: Herbie Hancock. Fotografia: Haskell Wexler Desenho de Produção: Ron Foreman. Direção de Arte: Charles Butcher. Figurino: Nick Scarano. Edição: Robert Estrin.
 Elenco: Sean Penn (Oficial Danny McGavin). Robert Duvall (Oficial Bob Hodges). Maria Conchita Alonso (Louisa Gomez). Randy Brooks (Ron Delaney) Grand L. Bush (Larry Sylvester).

Título Original: The Basketball Diaries. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 101 minutos. Ano de Lançamento (EUA): 1995. Estúdio: New Line Cinema / Island Pictures. Distribuição: New Line Cinema. Direção: Scott Kalvert Roteiro: Bryan Goluboff, baseado em livro de Jim Carroll. Produção: Liz Heller e John Bard Manulis. Música: Graeme Revell. Direção de Fotografia: David Phillips Desenho de Produção: Christopher Nowak. Figurino: David C. Robinson. Edição: Dana Congdon
 Elenco: Leonardo di Caprio(Jim Carroll). James Madio (Pedro). Mark Wahlberg(Mickey). Roy Cooper (Padre McNulty). Bruno Kirby (Swifty). Jimmy Papiris (Iggy). Alexander Gabeman (Bobo). Ben Jorgensen (Tommy). Juliette Lewis (Diane Moody). Michael Imperioli (Bobby). Ernie Hudson (Reggie).

Título Original: Do the Right Thing. *Gênero:* Drama. *Tempo de Duração:* 120 minutos. *Ano de Lançamento (EUA):* 1989. *Estúdio:* 40 Acres & a Mule Filmworks *Distribuição:* Universal Pictures. *Direção:* Spike Lee. *Roteiro:* Spike Lee. *Produção:* Spike Lee. *Música:* Bill Lee. *Fotografia:* Ernest R. Dickerson. *Desenho de Produção:* Wynn Thomas. *Figurino:* Ruth E. Carter. *Edição:* Barry Alexander Brown *Elenco:* Danny Aiello (Sal). Ossie Davis (Da Mayor). Richard Edson (Vito). Ruby Dee (Madre superiora). Giancarlo Esposito (Buggin' Out). Spike Lee (Mookie). Bill Nunn (Radio Raheem). John Turturro (Pino). Paul Benjamin (ML). Frankie Faison (Coconut Sid). Robin Harris (Sweet Dick Willie). Joie Lee (Jade). Miguel Sandoval (Oficial Ponte). Rick Aiello (Oficial Long). John Savage (Clifton). Samuel L. Jackson (Senor Love Daddy). Rosie Perez (Tina). Martin Lawrence (Cee).

Título Original: Ghost Dog: The Way of the Samurai. *Gênero:* Drama. *Tempo de Duração:* 116 minutos. *Ano de Lançamento (EUA):* 1999. *Estúdio:* Plywood Productions / Pandora Film / JVC Entertainment / Le Studio Canal + / Degeto Film/ Bac Films. *Distribuição:* Artisan Entertainment. *Direção e Roteiro:* Jim Jarmusch. *Produção:* Richard Guay e Jim Jarmusch. *Música:* RZA. *Direção de Fotografia:* Robby Muller. *Desenho de Produção:* Ted Berner. *Direção de Arte:* Mario Ventenilla. *Figurino:* John A. Dunn. *Edição:* Jay Rabinowitz *Elenco:* Forest Whitaker (Ghost Dog). John Tormey (Louie). Cliff Gorman (Sonny Valerio). Henry Silva (Vargo). Isaach De Bankolé (Raymond). Tricia Vessey (Louise Vargo). Victor Argo (Vinny). Gene Ruffini (Velho Consigliere). Camille Winbush (Pearline). Damon Whitaker (Jovem Ghost Dog).

Título Original: Hair. *Gênero:* Musical. *Tempo de Duração:* 120 minutos. *Ano de Lançamento (EUA):* 1979. *Estúdio:* CIP Filmproduktion GmbH. *Distribuição:* United Artists. *Direção:* Milos Forman. *Roteiro:* Michael Weller, baseado em peça de Gerome Ragni e James Rado. *Produção:* Michael Butler e Lester Persky. *Música:* Galt MacDermot, James Rado e Gerome Ragni. *Direção de Fotografia:* Miroslav Ondříček. *Desenho de Produção:* Stuart Wurtzel. *Figurino:* Ann Roth. *Edição:* Alan Heim, Lynzee Klingman e Stanley Warnow *Elenco:* John Savage (Claude). Treat Williams (Berger). Beverly D'Angelo (Sheila). Annie Golden (Jeannie). Dorsey Wright (Hud). Don Dacus (Woof). Cheryl Barnes (Noiva de Hud). Richard Bright (Fenton). Nicholas Ray (General). Miles Chaplin (Steve).

Título Original: Rebel Without a Cause. *Gênero:* Drama. *Tempo de Duração:* 111 minutos. *Ano de Lançamento (EUA):* 1955. *Estúdio:* Warner Bros. *Distribuição:* Warner Bros. *Direção:* Nicholas Ray. *Roteiro:* Stewart Stern, baseado em estória de Nicholas Ray. *Produção:* David Weisbart. *Música:* Leonard Rosenman. *Fotografia:* Ernest Haller. *Desenho de Produção:* Malcolm C. Bert. *Direção de Arte:* Malcolm C. Bert. *Figurino:* Moss Mabry. *Edição:* William H. Ziegler *Elenco:* James Dean (Jim Stark). Natalie Wood (Judy). Sal Mineo (John Crawford). Jim Backus (Frank Stark). Ann Doran (Sra. Stark). Corey Allen (Buzz Gunderson). William Hopper (Pai de Judy). Rochelle Hudson (Mãe de Judy). Dennis Hopper

(Goon). Edward Platt (Ray Fremick) Steffi Sidney (Mil). Marietta Candy (Enfermeira). Frank Mazzola (Crunch).

Título Original: Dangerous Minds. *Gênero:* Drama. *Tempo de Duração:* 99 minutos
Ano de Lançamento (EUA): 1995. *Estúdio:* Buena Vista Pictures / Hollywood Pictures / Don Simpson/Jerry Bruckheimer Films. *Distribuição:* Buena Vista International. *Direção:* John N. Smith. *Roteiro:* Ronald Bass, baseado em livro de LouAnne Johnson. *Produção:* Jerry Bruckheimer e Don Simpson. *Música:* Lisa Coleman, Wendy Melvoin e Coolio. *Direção de Fotografia:* Pierre Letarte. *Desenho de Produção:* Donald Graham Burt. *Direção de Arte:* Nancy Patton. *Figurino:* Bobbie Read. *Edição:* Tom Rolf.

Elenco: Michelle Pfeiffer (LouAnne Johnson). George Dzundza (Hal Griffith). Courtney B. Vance (George Grandey). Robin Bartlett (Carla Nichols). Beatrice Winde (Mary Benton). Lorraine Toussant (Irene Roberts). Renoly Santiago (Raul Sancho). Wade Dominguez (Emilio Ramirez). Idina Harris (Callie Roberts). Marcello Thedford (Cornelius Bates). Roberto Álvarez (Gusmaro Rivera). Richard Grant (Durrell Benton).

Título Original: St. Elmo's Fire. *Gênero:* Drama. *Tempo de Duração:* 104 minutos
Ano de Lançamento (EUA): 1985. *Estúdio:* Columbia Pictures Corporation / Delphi III / Channel. *Distribuição:* Columbia Pictures. *Direção:* Joel Schumacher. Joel Schumacher e Carl Kurlander. *Produção:* Lauren Schuler Donner. *Música:* David Foster. *Fotografia:* Stephen H. Burum. *Direção de Arte:* William Sandell. *Figurino:* Susan Becker. *Edição:* Richard Marks.

Elenco: Emilio Estevez (Kirby Keger). Rob Lowe (Billy Hicks). Andrew McCarthy (Kevin Dolenz). Demi Moore (Jules Jacoby). Judd Nelson (Alec Newbary). Ally Sheedy (Leslie Hunter). Mare Winningham (Wendy Beamish). Martin Balsam (Sr. Beamish). Andie Macdowell (Dale Biderman). Joyce Van Patten (Sra. Beamish). Jenny Wright (Felicia). Blake Clark (Wally). Jon Cutler (Howie Krantz). Matthew Laurance (Ron Dellasandro). Gina Hecht (Judith). Anna Maria Horsford (Naomi).

Título Original: Rumble Fish. *Gênero:* Drama. *Tempo de Duração:* 94 minutos. *Ano de Lançamento (EUA):* 1983. *Estúdio:* Zoetrope Studios / Hotweather Films. *Distribuição:* Universal Pictures. *Direção:* Francis Ford Coppola. *Roteiro:* S.E. Hinton e Francis Ford Coppola, baseado em livro de S.E. Hinton. *Produção:* Doug Claybourne e Fred Roos. *Música:* Stewart Copeland.

Fotografia: Stephen H. Burum. *Desenho de Produção:* Dean Tavoularis
Figurino: Marjorie Bowers. *Edição:* Barry Malkin

Elenco: Matt Dillon (Rusty James). Mickey Rourke (Motoqueiro). Diane Lane (Patty). Dennis Hopper (Pai). Diana Scarwid (Cassandra). Vincent Spano (Steve). Nicolas Cage (Smokey). Chris Penn (B.J. Jackson). Laurence Fishburne (Midget). William Smith (Patterson). Michael Higgins (Sr. Harrigan). Glenn Withrow (Biff Wilcox). Tom Waits (Benny). Nona Manning (Mãe de Patty). Sofia Coppola (Donna).

Título Original: Boyz'n the Hood. *Gênero:* Drama. *Tempo de Duração:* 107 minutos
Ano de Lançamento (EUA): 1991. *Estúdio:* Columbia Pictures Corporation
Distribuição: Columbia TriStar Pictures Distribution International
Direção e Roteiro: John Singleton. *Produção:* Steve Nicolaides. *Música:* Stanley Clarke. *Fotografia:* Charles Mills. *Direção de Arte:* Bruce Bellamy. *Figurino:* Darryle Johnson. *Edição:* Bruce Cannon. *Efeitos Especiais:* Special Effects Unlimited
Elenco: Laurence Fishburne (Furious Style). Cuba Gooding Jr. (Tre Styles). Ice Cube (Doughboy). Morris Chestnut (Ricky Baker). Lexie Bigham (Mad Dog). Nia Long (Brandi). Kenneth A. Brown (Little Chris). Angela Basset (Reva Deveraux). Tyra Ferrell (Sra. Baker). Nicole Brown (Brandi - 10 anos). Ceal (Sheryl). Desi Arnez Hines II (Tre - 10 anos). Valentino D. Harrison (Bobby - 10 anos) Baha Jackson (Doughboy - 10 anos). Hudhail Al-Amir (Homem da S.A.T.) John Singleton (Carteiro). Lloyd Avery II. Mia Bell. Regina King.

Título Original: Panther. *Gênero:* Drama. *Tempo de Duração:* 123 minutos. *Ano de Lançamento (EUA):* 1995. *Estúdio:* Gramercy Pictures / Tribeca Productions / Working Title Films / MVPFilms / Polygram Filmed Entertainment. *Distribuição:* Gramercy Pictures. *Direção:* Mario Van Peebles. *Roteiro:* Melvin Van Peebles, baseado em livro de Melvin Van Peebles. *Produção:* Preston L. Holmes, Mario Van Peebles, Melvin Van Peebles e Robert De Niro. *Música:* Stanley Clarke. *Fotografia:* Edward J. Pei. *Desenho de Produção:* Richard Hoover. *Direção de Arte:* Bruce Robert Hill e Carol Lavoie. *Figurino:* Paul Simmons. *Edição:* Earl Watson
Elenco: Kadeem Hardison (Juiz). Bokeem Woodbine (Tyrone). Joe Don Baker (Brimmer). Courtney B. Vance (Bobby Seale). Tyrin Turner (Cy). Marcus Chong (Huey Newton). Anthony Griffith (Edridge Cleaver). Bobby Brown (Rose). Angela Bassett (Dra. Betty Shabazz). Nefertiti (Alma). James Russo (Rodgers). Jenifer Lewis (Rita). Chris Rock (Yuck Mouth). Roger Guenveur Smith (Pruitt). Michael Wincott (Tynan). Richard A. Dysart (J. Edgar Hoover). M. Emmet Walsh (Dorsett). Dick Gregory (Reverendo Slocum). Jay Koch (Governador Ronald Reagan). Mario Van Peebles. Melvin Van Peebles. Robert Culp.

Título Original: The Outsiders. *Gênero:* Drama. *Tempo de Duração:* 91 minutos. *Ano de Lançamento (EUA):* 1983. *Estúdio:* Zoetrope Studios / Pony Boy. *Distribuição:* Warner Bros. *Direção:* Francis Ford Coppola. *Roteiro:* Kathleen Rowell, baseado em livro de S.E. Hinton. *Produção:* Gary Frederickson e Fred Roos. *Música:* Carmine Coppola. *Fotografia:* Stephen H. Burum. *Desenho de Produção:* Dean Tavoularis. *Figurino:* Marjorie Bowers. *Edição:* Anne Goursaud
Elenco: C. Thomas Howell (Ponyboy Curtis). Matt Dillon (Dallas "Dally" Winston). Ralph Macchio (Johnny Cade). Patrick Swayze (Darrel "Daryl" Curtis). Rob Lowe (Sodapop "Soda" Curtis). Emilio Estevez (Keith Matthews). Tom Cruise (Steve Randle). Gleen Withrow (Tim Shepard). Diane Lane (Sherri "Cherry" Valance). Leif Garrett (Bob Sheldon). Darren Dalton (Randy Anderson). Michelle Meyrink (Marcia). Tom Waits (Buck Merrill). Gailard Sartain (Jerry Wood). Sofia Coppola.

Inventário de Documentos

SUB-CÓDIGO	IDENTIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS
CÓDIGO AV- AVALIAÇÃO		
Avaliação		Avaliações das 07 das 23, escolas onde o programa "A Escola é Nossa" se desenvolveu de 2002 a 2005. Avaliação do Projeto Férias Jovens de 2003, coordenado pelo programa. Avaliação dos arte-educadores participantes do projeto Férias Jovens e do programa "A Escola é Nossa".
		Quadro das 07 escolas participantes. Projeto Férias Jovens 2003.
		Quadro com oficinas dias e horários de cada escola. Férias Jovens 2003.
AVAL 01	Avaliação	Avaliação feita com diretores das escolas apontando os pontos positivos e pontos a serem revisados pela coordenação para o próximo projeto Férias Jovens.
AVAL 02	Avaliação	Avaliação da CEMEI "Roberto Telles Sampaio" Contendo número, idade e escola onde estudava cada participante do projeto. Região Norte

AVAL 03	Avaliação	Avaliação da EMEF “Lourenço Bellochio” Contendo número, idade e escola onde estudava cada participante do projeto. Região Leste
AVAL 04	Avaliação	Avaliação da EMEF “Pe. Leão Vallerie” Contendo número, idade e escola onde estudava cada participante do projeto. Região Noroeste
AVAL 05	Avaliação	Avaliação da EMEF “Maria Pavanatti Fávares” Contendo número, idade e escola onde estudava cada participante do projeto. Região Sudoeste
AVAL 06	Avaliação	Avaliação da EMEF “Benevenuto de Figueiredo Torres” Contendo número, idade e escola onde estudava cada participante do projeto. Região Sul
AVAL 07	Avaliação	Avaliação da EMEF “Floriano Peixoto” Contendo número, idade e escola onde estudava cada participante do projeto. Região Norte
AVAL 08	Avaliação	Avaliação de 17 alunos das 07 escolas que participaram do projeto
AVAL 09	Avaliação	Avaliações de oficinairos que participaram do projeto, avaliações coletivas e individuais.
AVAL 10	Avaliação	Avaliação do Programa “A Escola é Nossa” desenvolvido em 2004, na EMEF “Padre Francisco Silva”.
AVAL 11	Avaliação	Avaliação do Programa “A Escola é Nossa” desenvolvido em 2004, na EMEF “Lourenço Bellochio”.

AVAL 12	Avaliação	Questionário elaborado pela EMEF “Elza Maria P. de Aguiar” para a comunidade sobre o programa “A Escola é Nossa” desenvolvido em 2003.
AVAL 13	Avaliação	Avaliação do Programa “A Escola é Nossa” desenvolvido em 2005, na EMEF “Elvira Muraro”
AVAL 14	Avaliação	Avaliação arte-educadora Marta Jardim da oficina de Percussão desenvolvida na EMEF “Padre Silva” em 2005.
AVAL 15	Avaliação	Avaliação da oficina Danças Folclóricas desenvolvida nas EMEFs “Edson Luis Chaves” e “P. Mellico C. Barbosa”
AVAL 16	Avaliação	Avaliação do Coordenador do programa na EMEF “João Alves dos Santos” das oficinas desenvolvidas na escola em 2005.
AVAL 17	Avaliação	Avaliação dos alunos da EMEF “Clotilde B. V. Zuben” das oficinas do programa desenvolvidas na escola em 2004, principalmente Teatro e Rap.

CÓDIGO CA- CADERNO

--	Caderno	2003 e 2004 02 cadernos brochuras com registros de reuniões, recados de escolas, arte-educadores, fone de escolas e arte educadores, recados dos integrantes do programa e todo tipo de desabafo.
----	---------	--

CM- COMUNICADO		
--	Comunicado Diário Oficial dias 24,25 e 27 de agosto de 2002.	Comunicado do Diário Oficial do Município dispondo sobre os princípios, objetivos e competências do programa "A Escola é Nossa".
CÓDIGO CD		
CD	CD Execução Sumária	Duro Aprendizado. MCK. SP.2000.
CD	CD Família GOG	Fábrica da Vida. Stúdio Placa. SP.2000
CD	CD Identidade Negra	A Volta do Terrorista. MCK. SP.2000
CD	CD O Rappa	O Rappa Mundi.WEA Music. RJ.1996
CD	CD Planet Hemp	Usuário. 1995. Os Cães Ladram mas a Caravana não Para. 1997. RJ. Sony Music
CD	CD Racionais MCs	Raio X do Brasil. SP.Zimbábue. 1993 Sobrevivendo no Inferno. Cosa Nostra.SP.1997 Nada como um Dia após outro Dia. Cosa Nostra
CF- CONVITE FOLDER		

Convite – Folder		<p>02 convites do espetáculo teatral “Terra” realizado no dia 12 de julho de 2004, no Centro de Convivência Cultural.</p> <p>02 folderes de divulgação da produção do espetáculo “Terra”.</p> <p>02 folderes de divulgação do espetáculo teatral “Noite das Fábulas” realizado no Teatro Castro Mendes em 11 de novembro de 2004.</p>
CÓDIGO GF- GRUPO DE FORMAÇÃO		
Grupo de Formação		Documento do Grupo de formação com arte-educadores do programa para dialogar sobre a escola e sua complexidade em 2005.
GF 01	Documento do Grupo de Formação	Documentos escritos pelos arte-educadores que faziam a formação nos três grupos. Sobre a visão que cada um tem da escola.
GF 02	Documento do Grupo de Formação	Desenhos feito pelos arte-educadores sobre a escola.

GF 03	Documento do Grupo de Formação	<p>Músicas ou poesias compostas ou indicadas pelos arte educadores sobre: Se a escola fosse música seria:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Força Estranha • Volte para o seu Lar • Beradêro • Aquarela • Esquinas • Pra não dizer que não falei das flores. • Admirável Gado Novo. • Smell Like Teen Spirit • Cheira a Teen (tradução) • Another brick in the Wall • Another brick in the Wall (tradução) • Meu papai, meu papaizinho • Vamos fazer um Filme • Sapato 36 • Até Quando • O Caderno • Devagar, Devagarinho • Asa Branca
GF 04	Documento do Grupo de Formação	Registros feitos por mim sobre as reuniões do grupo de formação.
GF 05	Documento do Grupo de Formação	Folha de São Paulo do dia 16 de novembro de 2005, levada por mim, como proposta de debate no grupo.

GF 06	Documento do Grupo de Formação	Xerox da Folha de São Paulo dos dias 15 e 16 de novembro de 2005, trazida para formação pelo arte educador Dr. Sinistro. Apresentando como proposta de debate
GF 07	Documento do Grupo de Formação	Temas propostos para formação em 2005.
GF 08	Textos do Grupo de Formação	<ul style="list-style-type: none"> • Quando a Escola é de Vidro. Rocha. • Uma Fábula sobre o Homem. Vives. • Indisciplina: o contraponto da escola. Aquino. • Educando o Olhar da Observação. Weffort • A Sociedade dos Exilados. Manea • Arte & Educação no Ensinar & Educar para a promoção da Inclusão Social. E o que um Arte educador tem a ver com isto?. Cury • Imagens e Imaginação na Dança Educação. Spurgeon • Hip hop como Utopia. Pimentel
GF 08	Revista Ocas "Saindo das Ruas"	Levada por mim para socialização da entrevista com o escritor Ferréz, sobre o lançamento do seu livro. "Manual Prático do Ódio".
CÓDIGO LR- LETRAS DE RAP		
RAPs compostos no projeto		Letras produzidas pelos alunos do projeto.

M 01	RAP: Periferia.	Alunos das EMEFs Benevenuto de F. Torres e Maria P. Favaro em 2003
M 02	RAP: Olha a Periferia	Alunos da EMEF Benevenuto de F. Torres em 2004.
M 03	RAP: Essa é a Nossa Luta.	Alunos do Externato São João em 2004.
M 04	RAP: Periferia.	Alunos da EMEF Clotilde Barraquet Von Zuben. 2004

CÓDIGO PA- PASTA

Pasta da EMEF “Elza Maria P. de Aguiar”	A pasta contém o histórico da escola antes, durante e depois do programa “A Escola é Nossa”, com fotos, projetos e formação de cada arte-educador e do programa. A pasta foi organizada pelas professoras coordenadoras do programa na escola.
---	--

CÓDIGO PP- PROJETO PROGRAMA

Projeto do Programa “A Escola é Nossa”	Projeto elaborado para a apresentação do programa “A Escola é Nossa” nas EMEFs da Rede Municipal de Ensino de Campinas.
--	---

CÓDIGO PPP- POWER POINT

Projeto elaborado com apresentação de Power Point para apresentação na Metrocamp em fevereiro de 2005.	Programa “A Escola é Nossa” com N° de escolas, de alunos participantes, de arte-educadores e material disponível.
Projeto de pesquisa para o mestrado em 2002.	Com projeto e Referência Bibliográfica.

CÓDIGO D- DISQUETES

Disquetes sobre o programa “A Escola é Nossa”.

D 01	03 disquetes	* Elaboração da minuta de contrato de arte-educadores em 2005. Elaborada pelo coordenador do Setor de Suprimentos Pedro. * Proposta de Formação para 2005. * Letras de rap produzidos nas EMEFS “Benevenuto de F. Torres” “Clotilde B. V. Zuben” e “Externato São João”.
D 02	30 disquetes com fotos de 2002 a 2005.	Das 23 EMEFs participantes do programa e Férias Jovens.
D 03	02 disquetes	Projeto, fotos e currículo da arte-educadora Marta Jardim.
D 04	02 disquetes	Apresentação em power point do programa “A Escola é Nossa” Endereço de todas as EMEFs da rede.
D 05	01 disquete	Contendo parte do programa “Paz nas Escolas”
D 06	01 disquete	Projetos FNDE com planilha pra preenchimento.
D 07	01 disquete	Fotos do Espetáculo Terra em 2003.
D 08	01 disquete	Projeto Teatrando na Escola.
D 09	01 disquete	Contendo planos, relatórios e projetos sobre o programa em 2003 e 2004.
D 10	01 disquete	Contendo o programa “A Escola é Nossa” e projeto de Grafitagem para a EMEf CAIC em 09/12/2003.
D 11	01 disquete	Apresentação de power point do programa “A Escola é Nossa”.

CÓDIGO R-REVISTAS e J- JORNAIS		
	Revistas	Revistas que tratam especificamente da cultura negra ou Hip Hop
R 01	Revista	V – nº 7 – Entrevista com Lulu Santos “Música de Branco é muito Chata”.
R 02	02 – Revistas	Caros Amigos Especial – Movimento Hip Hop – A Periferia Mostra seu Magnífico Rosto Novo.
R 03	Revista	Caros Amigos – ano 1- Nº 10 janeiro de 1998 – Mano Brown – A periferia vai à Guerra.
R 04	Revista	Caros Amigos - ano III – nº 35 fevereiro de 2000 – Entrevista com Sueli Carneiro – Geledès.
R 05	Revista	Caros Amigos – ano VI – nº 64 julho de 2002 – Juventude Indignada – O Movimento Mundial Contra as Corporações.
-	Jornais	Sobre Movimento Negro e Cultura Hip Hop.
	J 01	Correio Popular – Caderno C – 05 de maio de 1996.
	J 02	Mundo Geografia e Política Internacional – setembro de 2000
	J 03	Folha de São Paulo – Folha Ilustrada – 27 de agosto de 2002.
	J 04	Correio Popular – Caderno Cidades – 11 de agosto de 2002.
	J 05	Folha de São Paulo – Caderno Mais – 18 de agosto de 2002.

V- VÍDEOS (DVD)		
CV	CV - As Cores da Violência	(E.U. A, 1988) Direção: Dennis Hopper
CV	CV - Faça a Coisa Certa	(E.U. A, 1989) Direção: Spike Lee.
CV	CV - Ghost Dog	
CV	CV - HIP-HOP SP	(Brasil, 1990) Direção: Francisco César Filho
CV	CV - Mentas Perigosas	(E.U. A, 1995). Direção: John N. Smith
CV	CV - Os Donos da Rua	(E.U. A, 1991) Direção: Jonh Singleton.
CV	CV - Panteras Negras	(E.U. A, 1995) Direção: Mario Van Peebles.